

Universidade São Francisco
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação

ANA CRISTINA RODRIGUES

**A EDUCAÇÃO DO CORPO NAS PÁGINAS
DA REVISTA ESCOLAR (1925 – 1927)**

ITATIBA
2014

ANA CRISTINA RODRIGUES – RA 002201200625

**A EDUCAÇÃO DO CORPO NAS PÁGINAS
DA REVISTA ESCOLAR (1925 – 1927)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria de Fátima Guimarães

Itatiba
2014

371.382 Rodrigues, Ana Cristina.

R611e A educação do corpo nas páginas da revista escolar

(1925-1927) / Ana Cristina Rodrigues. -- Itatiba, 2014.

132 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-
Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM EDUCAÇÃO

Ana Cristina Rodrigues defendeu a dissertação "A EDUCAÇÃO DO CORPO NAS PÁGINAS DA REVISTA ESCOLAR (1925-1927)" aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 27 de fevereiro de 2014 pela Banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Maria de Fátima Guimarães
Orientadora e Presidente

Prof. Dr. Laerthe Moraes de Abreu Júnior
Examinador

Prof. Dr. Moysés Kuhlmann Júnior
Examinador

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a *DEUS*, o *EU SOU*. Apenas *ELE* poderia ter me dado a vida e a oportunidade de chegar até aqui, além de ter colocado no meu caminho pessoas que pudessem me incentivar e auxiliar nessa estrada que me conduziu ao mestrado.

Em segundo lugar agradeço:

À minha mãe, Mirian, pelo apoio, a preocupação, o incentivo, o companheirismo que não faltaram mesmo nas horas em que ela se via cansada para fazer tantas coisas, sozinha, e ainda me ajudar, acalmar e animar;

Ao meu noivo, Misael, pelo ombro amigo e disposição para me ajudar nos momentos mais difíceis; e pelo amor, carinho e paciência que transformaram a espera pelo nosso casamento em momentos gostosos de maior conhecimento um do outro entrelaçado de grandes expectativas;
à minha orientadora, Professora Dr.^a Maria de Fátima Guimarães, que me ensinou e me guiou na linguagem da História com muito carinho e delicadeza;

Aos professores do curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco que muito me ensinaram e auxiliaram dentro das questões históricas;
ao Sr. Eduardo Rodrigues da Cruz por ter me concedido a oportunidade de fazer parte do corpo docente do IMENSU e me disponibilizar uma pequena parte do acervo do MAITEC para compor esta dissertação;

Ao meu professor de História do colegial, Dr. Dalmo Dippoldi Vilar, que ao saber da minha pesquisa com a Revista Escolar não apenas se animou com a notícia quanto também me incentivou e, como presente, me apresentou a revista Pelo Mundo;

À minha amiga e professora de inglês, Anabela, que em meio a vários turbilhões ainda reservou parte do seu tempo para ir lendo o que eu escrevia;

Ao meu irmão, Humberto, que soube entender quando eu dizia que não poderia sair, assistir a um filme ou aos programas favoritos da TV com ele porque precisava ler e escrever, e que até deixava o som bem baixinho para não me atrapalhar;

À minha vovó, Anália (*in memoriam*), e à minha Batian Shisuko (*in memoriam*), que souberam deixar parte de sua história impressa no meu coração e assim, mesmo já tendo passado deste mundo, contribuíram para a minha escrita de um tempo que elas viveram e eu não;

À minha pequena família de grande coração: minha tia Guará, meus padrinhos Jorge e Lourdes, por sempre me incentivarem na busca dos meus sonhos perdoando até mesmo a minha ausência em datas especiais;

Ao professor Marcos Sena, um grande colega que soube traduzir e me ensinar a arte da construção de uma escrita;

Às alunas do Grupo de Ginástica do Grupo da Terceira Idade do Município de Jarinu, que sempre rezavam por mim quando percebiam que eu me sentia cansada;

Às secretárias da Pós-Graduação, aos funcionários do CDAPH, aos funcionários da biblioteca e ao pessoal da secretaria da Universidade São Francisco de Itatiba, pelo empenho em auxiliar e incentivar cada aluno, dentre eles, a mim;

À CAPES, que me proveu com a bolsa de estudos que custeou essa pesquisa;

A cada um dos meus amigos que souberam entender as visitas não realizadas e as ausências nas pizzas, hot-dogs e outras reuniões super gostosas.

Sem *DEUS* e cada um de vocês eu não teria chegado a esse ponto da minha caminhada. E ainda que eu chegasse sem *DEUS* e sem vocês ela não teria validade alguma.

MUITO OBRIGADA!

A *DEUS*, o *EU SOU*.

Aos meus professores da vida e daquilo que é viver.

O pregador e as quinquilharias

Dois famosos doutores foram juntos a uma grande cidade onde lhes incumbia, em lições públicas, explicar a doutrina e os pontos obscuros da Santa Lei.

Um dos sábios tomou por tema os sagrados ritos, o outro traçava interessantes e originais comentários e recordava ensinamentos morais por meio de lindas parábolas. A multidão atraída pelas leves e engenhosas explicações, aglomerou-se logo em volta do orador ameno, ao passo que o erudito rabi, mestre profundo dos Ritos e Preceitos, viu-se, ao fim de pouco tempo, inteiramente abandonado.

O velho sábio, que não contava com a simpatia do auditório, sentiu-se humilhado e decepcionado com a falta de senso dos habitantes.

O companheiro, para consolá-lo, disse-lhe com amistosa solicitude:

- Amigo meu! Que tanta gente se reúna para escutar meus ensinamentos não é uma ofensa para ti, nem para mim uma honra. Admitamos que dois mercadores se apresentem ao povo de uma praça, e que um leve em um pequeno cofre, algumas pedras preciosas, e outro um carro imenso transbordante de bagatelas, bugigangas e miudezas de ínfimo valor. É coisa certa que a multidão correrá avidamente atraída pelas quinquilharias do segundo e poucas, bem poucas, irão admirar as gemas preciosas do primeiro. Eis aqui uma imagem bem simples das diversas coisas que simbolizam os temas que ensinamos. As tuas palavras são pérolas, os meus discursos não passam de quinquilharias!

E essas engenhosas palavras eram inspiradas e ditas por um coração generoso e cheio de humildade.

Malba Tahan

(Malba Tahan retirou essa lenda de Talmude Sota, p.41. Cf.R. Cansino-Assens, op.cit., p.120)

RESUMO

Esta pesquisa privilegiou a *Revista Escolar*, publicada pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, durante os anos compreendidos entre 1925 e 1927, que correspondem ao período de existência desse impresso. Partimos do pressuposto de que os periódicos, enquanto suporte e meio de informações, permitem-nos rastrear indícios de visões de mundo e tensões de uma época (CRUZ, 2000; FONSECA, 2003). Tais indícios podem ser analisados, mediante a pesquisa da política editorial dos editoriais, imagens visuais, artigos e publicidade veiculados em suas páginas. A própria materialidade dos periódicos na relação com as possibilidades técnicas de impressão da época – suas dimensões, papel utilizado, número de páginas, capas, diagramação, cor, conteúdo, disposição e dimensões das seções, uso de ilustrações, gráficos, tabelas, mapas, fotografias etc. – também possibilitam a pesquisa destes indícios, sobretudo se cotejamos tais periódicos com materiais impressos de outra natureza (livros didáticos, almanaques, anuários, jornais, revistas etc.), publicados no mesmo contexto sociocultural. A delimitação do recorte temporal foi ao encontro da constatação que, na virada do século XIX para o XX, diferentes periódicos pedagógicos foram impressos, tais como: Revista do Ensino de Minas Gerais (1886-1889), Revista Moderna: pedagógica, científica, literária e noticiosa (1892-1893), O Estimulo: Revista Literaria da Escola Normal (1906-1914), Revista de Educação (1921-1922), dentre outros. Esta observação nos levou a considerar que a leitura de tais periódicos poderia ser uma prática estimulada pelo Estado e disseminada por entre professores, posto que, muitos desses periódicos passaram a compor o acervo de bibliotecas, clubes literários e gabinetes de leitura. Logo, considerando-se que a *Revista Escolar* é um periódico pedagógico (CATANI, 1996; VIDAL, 1998; FERNANDES & KUHLMANN JR., 2012) e oficial, perguntamo-nos: que visões de mundo e tensões, no que tange as políticas educacionais destinadas explicitamente à educação do corpo, em detrimento de outras, poderiam ser rastreadas por entre as páginas de seus diferentes números? No decorrer de uma leitura prévia dos artigos publicados nos diferentes números da *Revista Escolar*, identificamos que esse periódico preconizava a formação de um cidadão com espírito “cívico e patriótico”; ao mesmo tempo observamos a divulgação e defesa de algumas iniciativas relativas às políticas educacionais, ancoradas em visões de mundo e tensões da época, a partir da apresentação de propostas de atuação do professor em sala de aula e de artigos teóricos apresentados para o leitor, enquanto subsídio para o aprimoramento do trabalho docente. Diante disso, delimitamos dois objetivos para nossa pesquisa: o primeiro, rastrear as visões de mundo e tensões presentes na *Revista Escolar*, no transcorrer do período de 1925-1927 e o segundo, analisar as concepções de educação do corpo presentes privilegiadamente na seção *Methodologia*, na relação com tais visões e tensões, pois nela encontramos artigos que traziam questões relativas à formação e prática docente voltadas à educação do corpo do aluno. Nossos procedimentos de pesquisa se pautaram na busca de subsídios levantados na revisão bibliográfica sobre o tema, na pesquisa das políticas educacionais implantadas no estado de São Paulo, na década de 1920, na leitura dos 32 números do total de 33 publicados da *Revista Escolar*.

Palavras-chave: História da Educação; Periódico Pedagógico; Revista Escolar; Educação do Corpo.

ABSTRACT

This research looked to *Revista Escolar*, published by Directorship of Public Education of São Paulo State, since 1925 until 1927, period which corresponds to this publication's time. We started to imagine that this periodic magazine, would be one base of news and information and it could give us the possibility of getting perceptions of the world and tensions of that time (CRUZ, 2000; FONSECA, 2003). These indications can analyzed throw editorial politic of written editorials, picture, visual images, articles, and marketing printed on those pages. The materiality of that periodical in relation to the technical possibilities of printing at that time – dimension, specific paper, number of pages, cape, format, color, contents, disposition and organization of sections, pictures, tablets, graphics and maps, photo, etc. – enables as well the exploration of these indications comparing to other printed news (teacher's books, almanac, year's book, newspaper, magazines, etc), that were published on the same social and cultural context. We choose to explane this period of time because we could notice that, on XIX century turn to XX century, many pedagogic periodic journals had been published like: *Revista do Ensino de Minas Gerais* (1886-1889), *Revista Moderna: pedagógica, científica, litterária e noticiosa* (1892-1893), *O Estimulo: Revista Literaria da Escola Normal* (1906-1914), *Revista de Educação* (1921-1922), and others.

This discovery made us to consider that the reading of those periodic journals could be a practice incentivized by State and disseminated through teachers, because we could verify that many of these periodic journals started composing bibliotheca, reading's club and specifics place to read. So, considering that *Revista Escolar* is a pedagogic periodic journal (CATANI, 1996; VIDAL, 1998; FERNANDES & KUHLMANN JR., 2012) and official, we asked ourselves: what perception of world and body, what visions of educational politics can be find through the pages and different numbers of *Revista Escolar* and what fights happened on that time? By a previously reading of the different articles of *Revista Escolar* we found the wish of constructing a “civic and patriotic” citizen; at the same time, we could note the disclosure and the defense of some initiatives in concerning with educational politics based on the perception of world and tensions of that time, from the pedagogical work of teachers in classroom and the theoretical articles presented to the reader as a subsidy to the teaching work upgrading. Before this, we delimited two objects to this research: the first was to track the perceptions of the world and fights presented by *Revista Escolar*, during the years 1925 – 1927, and the second object was to research the conception of body education showed, in special, on *Methodologia* section, in relation to the perception of the world and fight showed, because, on that section we could find articles that take along questions and suggestion about background and teacher's work with look to education the body's student. The methods used in this research was based on taking the support found on revise bibliographic about the specific theme, on the research of politic education implanted on São Paulo State, on 1920's, by the reading of 32 numbers, from the 33 total publications of *Revista Escolar*.

Key words: History's Education, Pedagogic Journal, *Revista Escolar*, Body's Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capa da Revista Escolar, Nº 1, 1925	42
Figura 2 -	Capa, índice e Contracapa da <i>Revista Escolar</i> Número 21, 1926.....	45
Figura 3 -	Escala-metrica de Benit-Simon	61
Figura 4 -	Quadro de acertos referente aos <i>tests</i> de inteligência construído pelo Dr. Woody e implantados no Brasil em 1927	65
Figura 5 -	Capa da Revista Escolar, Número 7 de 1925	74
Figura 6 -	Capa da Revista Escolar, Número 30 de 1927	75
Figura 7 -	Bibliothecas Infantis	82
Figura 8 -	Foto da Escola Normal da Praça da República	106
Figura 9 -	Foto do Grupo Escolar – Rodrigues Alves	106
Figura 10	Foto da bailarina Anna Ludmila	109
Figura 11	Desenho de mulher voltando das compras	111
Figura 12	Foto das meninas da Escola Normal da Praça da República em aula de ginástica	111
Figura 13	Reprodução digital do Quadro do processo Educativo	114

LISTA DE QUADROS

Quadro I -	Indicativo de autor por ano e número de publicações na <i>Revista Escolar</i> (1925-1927).....	25
Quadro II -	As Reformas Educacionais para os alunos do Ensino Público paulista.....	39
Quadro III -	Imagens encontradas nos números da Revista Escolar (1925-1927)	46
Quadro IV -	Sessões da <i>Revista Escolar</i> Publicadas em sua Capa	66
Quadro V -	Sessões da <i>Revista Escolar</i> e seus respectivos anos de publicação	71
Quadro VI -	Seção <i>Methodologia</i>	103

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDAPH	Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa em História da Educação
IMENSU	Instituto Mairiporã de Ensino Superior
MAITEC	Museu de Arqueologia Industrial Thomaz Cruz
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USF	Universidade São Francisco
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – A REVISTA ESCOLAR: ARENA DE TENSÕES E DISPUTAS	28
1.1 REVISTA ESCOLAR	28
1.2 AS REFORMAS EDUCACIONAIS DA DÉCADA DE 1920	35
1.3 REVISTA ESCOLAR (1925-1927)	40
1.4 O ANO DE 1927: NELE TERIA OCORRIDO UMA INFLEXÃO EDITORIAL?	50
CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO DO CORPO NA REVISTA ESCOLAR	77
CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO DO CORPO NA SEÇÃO METHODOLOGIA DA REVISTA ESCOLAR.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
FONTES PRIMÁRIAS	132

1. INTRODUÇÃO

A análise aqui posta a respeito da *Revista Escolar* (1925-1927) é de uma Educadora Física. Minha primeira formação universitária se deu na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) como bacharel em Educação Física, na cidade de Rio Claro, onde pude estar acompanhando de perto as pesquisas que ocorriam no Laboratório para Estudo do Movimento (LEM), laboratório este que era administrado e coordenado pelo professor Dr. José Angelo Barela. Ao término dessa graduação, que se deu no ano de 2006, matriculei-me na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) para dar início à especialização em Atividade Motora Adaptada. Quase que simultaneamente ao curso de especialização prestei novo vestibular e ingressei no curso de licenciatura em Educação Física no Instituto Mairiporã de Ensino Superior (IMENSU).

Terminados ambos os cursos, licenciatura e especialização, prestei um concurso público em Jarinu, onde fui aprovada e assumi, no ano de 2010, o cargo de professora de Educação Física junto à Secretaria de Esporte e Turismo do Município para trabalhar especialmente com o grupo de Terceira Idade. Nessa mesma época, fui contratada para lecionar no curso de licenciatura em Educação Física do IMENSU. Em agosto de 2011, entrei como aluna especial no Programa de Pós-graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade São Francisco. Passado aquele semestre, houve a abertura do processo seletivo para alunos regulares. Inscrevi-me para a linha de História, Historiografia e Ideias Educacionais e, após aprovação, ingressei como aluna regular desse programa.

Tendo minha formação em Educação Física, a princípio, tive um ímpeto de pesquisar a respeito do período militar no Brasil com o recorte temporal que se encontraria entre 1956 a 1970. No entanto, a partir das disciplinas cursadas durante a formação na pós-graduação *stricto sensu*, ampliei meus horizontes para a História e, ao final do ano de 2012, optei por tomar a *Revista Escolar* (1925-1927) como fonte documental privilegiada na pesquisa. Grande parte da coleção pesquisada encontra-se no acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação¹ (CDAPH). A *Revista Escolar* (1925-1927) instigou-me à pesquisa documental e contribuiu tanto para a minha formação quanto para a análise das situações, embates, tensões e modificações ocorridas na educação no período.

Logo, esta dissertação de mestrado² privilegiou como fonte de pesquisa um periódico pedagógico e oficial que foi publicado pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São

¹ O CDAPH localiza-se na Universidade São Francisco, *campus* de Bragança Paulista.

² Esta pesquisa de mestrado integrou do Projeto de Pesquisa Educação e Relações Sociais na História, financiada pelo CNPq e desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Infância, História e Educação do Programa de Pós-

Paulo. Esse periódico mensal foi publicado durante três anos tendo o início de sua publicação sido em 1925 e seu término em 1927³. Logo, o recorte temporal desta pesquisa contempla a década 1920, um momento em que emergem embates e tensões suscitados pelo avanço do movimento escolanovista (NERY, 1993) no país. Nesse contexto, é importante ressaltar que, em se tratando da temática aqui abordada:

[...] uma dada sensibilidade relativa ao corpo do homem urbano destacou-se como o modelo a ser observado, nas primeiras décadas do século XX. A imagem [...] que se destacou como modelo foi a do corpo saudável e escolarizado. O corpo modelo era aquele que se pretendia que fosse civilizado, disciplinado e automatizado para viver em sociedade, capaz de respeitar as leis, a propriedade privada e as relações de produção assalariadas, vigentes na modernidade. Corpo que conviveu com a valorização crescente da cidade, da escola e da leitura e de sua representação imagética, em diferentes suportes e documentos. Corpo que conviveu com um processo de urbanização crescente, que impôs uma outra forma de viver em sociedade, no espaço público e no privado – assim, os traçados das ruas por onde ele transitava, passaram a nortear-se por princípios urbanísticos e sanitários, as moradias tiveram a configuração de seu interior e o uso de seus espaços redefinidos, delimitaram-se as separações dos cômodos e dos corpos, observando-se os laços consanguíneos, as faixas etárias, o sexo e a origem social das pessoas (BUENO, 2008, p. 9).

Tal imagem mental do corpo valorizada no período, dentre outras possíveis, vai ao encontro de determinadas visões de mundo e tensões que, por sua vez, ancoraram, em certa medida, iniciativas voltadas às políticas públicas na área da educação. Políticas estas matizadas por disputas e conflitos, as quais, ao extrapolarem o campo educacional, o universo escolar com avanço da escolarização por entre a trama social, colocavam-se em franca relação com demandas sociais mobilizadas pelo e no processo de consolidação da industrialização, do trabalho assalariado e de urbanização crescente do país, assim como pelo aumento populacional, pelas lutas por melhorias de condições de vida e trabalho das classes populares, pela imigração, pela queda da lucratividade gerada pelo café, às disputas entre as oligarquias agrárias do país, dentre outros fatores.

A delimitação do recorte temporal desta pesquisa também foi ao encontro da constatação que, na virada do século XIX para o XX, diferentes periódicos pedagógicos foram impressos, tais como: *Revista do Ensino de Minas Gerais* (1886-1889), *Revista Moderna*:

Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, coordenado pelo Prof. Dr. Moisés Kuhlmann Júnior. Como parte desse projeto e um dos seus resultados digitalizamos, em *pdf* pesquisável, os 27 números da *Revista Escolar* (1925-1927) que se encontram disponíveis no CDAPH com o intuito de contribuir estado de conservação atual e facilitar futuras pesquisas.

³ A *Revista Escolar* teve seus números publicados nos anos de 1925, 1926, 1927

pedagógica, científica, litteraria e noticiosa (1892-1893), O Estimulo: Revista Literaria da Escola Normal (1906-1914) Revista de Educação (1921-1922), dentre outros. Essa observação nos levou a considerar que a leitura de periódicos pedagógicos foi uma prática estimulada pelo Estado e tendeu a ser disseminada por entre professores, posto que, muitos desses periódicos passaram a compor o acervo de bibliotecas, clubes literários e gabinetes de leitura (NASCIMENTO, 2001). Logo, considerando-se que a *Revista Escolar* (1925-1927) é um periódico pedagógico (CATANI, 1996; VIDAL, 1998; FERNANDES & KUHLMANN JR., 2012) e oficial, perguntamo-nos inicialmente: Que visões de mundo e tensões, no que tange as políticas educacionais implantadas no Estado de São Paulo, destinadas explicitamente à educação do corpo, em detrimento de outras, poderiam ser rastreadas por entre as páginas dos diferentes números da *Revista Escolar* (1925-1927)?

Ao nos posicionarmos frente à *Revista Escolar* (1925-1927), consideramos que os periódicos tanto podem perpetuar informações privilegiadas e divulgadas por eles – na condição de suporte material dos conteúdos veiculados – quanto permitir rastrear indícios de visões de mundo e tensões de uma época (CRUZ, 2000; FONSECA, 2003). Tais indícios podem ser analisados, mediante a pesquisa da política editorial (por exemplo: levando-se em conta o rol de temas privilegiados e autores publicados), dos editoriais, imagens visuais, artigos e publicidade veiculados nas suas páginas. A própria materialidade dos periódicos na relação com as possibilidades técnicas de impressão da época – suas dimensões, papel utilizado, número de páginas, capas, diagramação, cor, conteúdo, disposição e dimensões das seções uso de ilustrações, fotografias, gráficos, tabelas, mapas etc. – também possibilita a pesquisa desses indícios, sobretudo se cotejamos tais periódicos com materiais impressos de outra natureza (livros didáticos, almanaques, anuários, jornais, revistas, guias etc.), publicados no mesmo contexto sociocultural.

No decorrer de uma leitura prévia dos artigos publicados nos diferentes números da *Revista Escolar* (1925-1927), identificamos que seus artigos destacavam dois aspectos com bastante rigor. O primeiro aspecto diz respeito à formação do professor para que este se preocupasse com a educação do aluno com espírito “*cívico e patriótico*” e assim viesse a exercer sua cidadania, na recém-proclamada república brasileira. O segundo aspecto volta-se para a divulgação e defesa de algumas iniciativas preconizadas por políticas educacionais implantadas no Estado de São Paulo, ancoradas em visões de mundo e tensões da época, a partir da apresentação de propostas de atuação do professor em sala de aula e de artigos teóricos destinados ao leitor, enquanto subsídios para o aprimoramento do trabalho docente. Sendo assim, a par de tais aspectos e de nossa questão inicial, delimitamos dois objetivos para

esta pesquisa. O primeiro objetivo foi rastrear as visões de mundo e tensões presentes na *Revista Escolar*, no transcorrer do período de 1925-1927. O segundo objetivo foi analisar as concepções de educação do corpo presentes na seção *Methodologia*, na relação com tais visões e tensões. Privilegiamos essa seção porque encontramos em seu interior artigos que, com ênfase e clareza, traziam questões e orientações relativas à formação e prática docentes voltadas à educação do corpo do aluno.

Nossos procedimentos de pesquisa se pautaram pela revisão bibliográfica sobre a temática da educação do corpo na relação com as políticas educacionais implementadas no Estado de São Paulo, na década de 1920 e, também, pela pesquisa e análise dos 32 números de um total de 33, publicados da *Revista Escolar (1925-1927)*. Esta pesquisa reafirmou as potencialidades que as análises de periódicos pedagógicos e oficiais podem oferecer enquanto fontes primárias capazes de trazer subsídios importantes para a história da educação.

Nesta perspectiva, quando nos voltamos à educação do corpo consideramos também que:

Os corpos são educados por toda a realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra com face polissêmica e se processa de um modo singular: dá-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelos lugares onde vivem (SOARES, 2011, p. 110).

Sob tal perspectiva, o corpo pode ser compreendido como um “Território tanto biológico quanto simbólico [...] Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade, um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual.” (SANT’ANNA, p. 3, 2001).

As contribuições de Sant’Anna (2002) levaram-nos a Viñao Frago e Escolano (2001), quando esses autores ressaltam a importância da certa percepção dos espaços e dos tempos escolares, visto que estes contemplam uma dada racionalidade funcional (SOUZA, 1998); a qual se desvela quando atentamos para a divisão de horários, turnos e diferentes turmas de alunos separadas por faixas etárias e graus de aprendizagem, bem como os métodos de ensino e avaliação propostos para a quantificação do aprendizado, a gestão do fluxo, movimento, ritmo e permanência dos corpos na escola. Tais autores ainda nos estimularam a compreender o quanto o uso de determinados materiais didáticos, em detrimento de outros, sugeridos pelos

métodos adotados pelo Estado, podem ser abordados enquanto “enredos sociotécnicos” no cotidiano escolar.

Pois, o que é o corpo sem as relações nas quais ele se expressa, vive e atua? Como é possível observar um corpo sem considerá-lo, imediatamente, a partir dos corpos que o sucedem e o precedem, que o rodeiam e que dele se diferenciam? E, ainda, como é possível escrever e falar de corpos sem considerar os objetos (incluindo remédios, móveis, roupas, meios de transportes, etc.) que marcam suas potencialidades tanto quanto seus limites? Em suma, como pensar os corpos, especialmente de uma perspectiva histórica, sem os enredos sociotécnicos que os circunda? (SANT’ANNA, 2002, p. 102).

É notório que muitos destes enredos sociotécnicos foram projetados especificamente para atender às demandas educacionais da modernidade. As considerações acima nos estimularam a reafirmar que em nossa pesquisa abordamos a educação do corpo porque entendemos que:

A vida é uma experiência histórica que se tem com e no corpo, incluindo: etapas, marcos temporais, de identidades, de gênero e marcas étnicas, também necessidades e funções físicas, que no todo constitui o *habitus* corporal. Para além dessas dimensões, no e com o corpo se desenvolvem as percepções e sensibilidades (visão, olfato, tato, audição, gustação), os canais culturais de comunicação (movimentos, expressões, gestos, linguagens) seus usos e práticas, e também as sensibilidades (dor, esperança, amor, saudades, etc.), que tornam o corpo uma âncora de emoções (MATOS, 2008, p. 243).

É por esse motivo que, independentemente da classe social a que pertença, o sujeito não está nem imune ao que acontece consigo mesmo, nem aos espaços e corpos que estão à sua volta. Em particular, no período de tempo recortado nessa pesquisa acolhemos a ideia de que:

A politização do dia-a-dia transformou o corpo do morador da cidade e a sua forma de percepção do mundo exterior, de modo que os indivíduos passaram a ser colonizados em seus gestos, sentimentos e na própria maneira de aprender a realidade. Encontrar novos nexos e legitimidades, que pudessem dar sentido às imensas e portentosas formas de mobilização coletiva, que a urbanização e a tecnologia de guerra punham em ação na vida de todo dia, para um imenso desafio para todos os campos da percepção e do conhecimento (DIAS, 2009, p. xiv-xv).

A *Revista Escolar* (1925-1927) apresenta muitos subsídios nessa direção, em particular na sua seção *Methodologia*. Sendo assim, optamos por abrir um tópico em nossa

introdução para pontuar as potencialidades da pesquisa de periódicos para a História da Educação.

1.1 Periódicos

Os periódicos são fontes de informação e formação de ideias e ideais capazes de atingirem as mais diversas camadas sociais por terem seu conteúdo disseminado pela população vislumbrada tanto de forma direta quanto de forma indireta.

A circulação pulsante (VEIGA, 2002) de pessoas, ideias, ideais, automóveis, transatlânticos, locomotivas e impressos buscou e atendeu a uma demanda de produção (SEVCENKO, 2009):

Não é coincidência que a aprendizagem da notação comece primeiro por atingir aquilo que não faz nem se fabrica cotidianamente, mas sim aquilo que constitui a ossatura mesma de uma sociedade urbana, em que o centro do sistema de sobrevivência está na economia da circulação nervosa de pessoas e produtos. A escrita se difunde englobando seletivamente esse miolo do sistema – as trocas monetárias, em primeiro lugar, as listas, a filiação e identificação, o calendário depois – tudo aquilo que, enfim, nas novas estruturas da cidade não é retido na memória oral de modo completo, nem nas cadeias de gestos e produtos, nem nas palavras ditas e ouvidas (SOUZA, 2001, p. 102).

A velocidade crescente, as aglomerações de pessoas e a modificação na arquitetura urbana disputam lugar em meio às ruas e avenidas dos grandes centros, os quais gritavam seus motes e *slogans* comerciais por meio de suas faixas, placas e cartazes. Há também as grandes telas do cinema e a diversidade de modalidades periódicas impressas produzidas para atender os mais diversos públicos, sejam homens, mulheres, crianças, professores, dentre outros. (LUCA, 2005).

Os periódicos vieram atender a um público que crescia a cada dia: o público leitor. Ele era formado pelas pessoas que detinham o poder da leitura e da interpretação daquilo que lhes chegasse às mãos. Também possuíam renda suficiente para poder gastar com revistas e jornais que, na época, eram os únicos meios disseminadores das mais variada gama de informações de massa a respeito de São Paulo, das Américas, da Europa e boa parte do mundo político e social de grande importância para a época.

Por meio dos periódicos eram transmitidas, para as mulheres, as últimas tendências da moda e uma boa forma de criar os filhos; para as crianças, exercícios de raciocínio e afazeres cabíveis a elas; e para os homens, os últimos modelos tecnológicos e industriais dos mais

variados equipamentos que transformariam o dia a dia do trabalho, dentre outras informações que lhes permitiriam tomar consciência do ocorrido em locais e eventos por eles não transitados.

Era a escrita invadindo o ambiente citadino, desvelando o mistério da leitura que atendia ao saber e impulsionava a indústria manufatureira e dos materiais impressos, assim como o seu comércio (CRUZ, 2000; VEIGA, 2002).

A indústria dos periódicos torna-se tão atrativa à classe letrada quanto os utensílios e ferramentas que facilitariam o seu trabalho. Por meio dos periódicos impressos as notícias também ganham o desejo pela velocidade pulsante das cidades e pela transparência da vida política, econômica e social das cidades, estados e países, incluindo a do próprio Brasil. Os periódicos em suas diversas cores e tamanhos, ao informarem seus leitores e os frequentadores de ambientes onde eram lidos para grupos de ouvintes, instigavam a curiosidade das pessoas e o desejo por mais informações, além de propiciarem a discussão a respeito dos assuntos ali contidos. A indústria periódica cria um novo saber e uma nova cultura dentro do ambiente urbano e escolarizado.

Apesar de o movimento operário paulista passar a produzir – ainda que de forma artesanal – jornais de intervenção, de qualidade e quantidade significativas (CRUZ, 2000), como estratégia para disseminar e permitir maior veiculação de informação a respeito do movimento de luta das massas populares (LUCA, 2005), o acesso à informação impressa por meio de livros ou periódica (folhetos, jornais e revistas) de maior relevância política e econômica continuava a ser um privilégio das elites do início do século XX.

Em especial, a indústria editorial paulista (SEVCENKO, 2009) formou-se a partir de autores nacionais e alguns vindos da Europa em fuga da grande guerra⁴; a imprensa paulista, em grande parte, era uma indústria que se auto sustentava ao escrever para elite.

Um material, ao tornar-se impresso e público, certamente atende a demanda de uma dada parcela da sociedade que preza por suas informações e pela disseminação delas a fim de transmitir seus valores e conceitos (LUCA, 2005). Assim, ao realizarmos a nossa pesquisa com periódicos, atentamos para o fato de que o impresso sempre terá a visão daquele que o escreveu e daquele que permitiu e contribuiu para que ele fosse impresso e pudesse chegar aos seus leitores. Tais leitores pertencem a uma classe específica e, por pertencerem a ela, têm o direito e até mesmo a obrigação de tomar conhecimento do conteúdo do impresso, o qual é de

⁴ A Primeira Guerra Mundial teve início em 1914 e findou-se em 1918. Nesse período muitos imigrantes saíram da Europa e navegaram rumo as Américas em busca de paz e melhores condições de vida para si e suas famílias (SEVCENKO, 2009).

interesse dos seus articuladores e produtores, bem como que este seja distribuído para essa parcela da sociedade e discutido por ela:

A própria *Revista Escolar* (1925-1927) é um material impresso produzido da elite para as elites. Ou seja, é um periódico pedagógico oficial idealizado e produzido por educadores dentro de uma repartição pública normatizadora e normalizadora, a Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, para as elites letradas da sociedade paulista (professores, médicos, advogados, engenheiros, psicólogos, dentre outros). Os assuntos referentes à educação em São Paulo no período colonial estavam diretamente vinculados ao governador da província. Após a Proclamação da República e a organização das Secretarias de Estado, esses assuntos ficaram sob a responsabilidade da Secretaria do Interior, organizada em 1892 pelo Decreto nº 28, de 1º de março. Essa Secretaria responsabilizava-se, em sua 3ª sessão, pela instrução pública primária, secundária e superior, e também pelo ensino particular, pelos institutos de educação profissional, pelas bibliotecas, pelas associações literárias e demais estabelecimentos congêneres (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2012).

Apresentamos abaixo, como exemplo das considerações acima, alguns trechos de artigos publicados na *Revista Escolar*⁵ (1925-1927) que foram escritos por membros dessas elites letradas urbanas. Além disso, destacamos os indícios de ideias que circulavam pelo periódico analisado nesta pesquisa. O artigo de Aprígio Gonzaga, (primeiro diretor da Escola Profissional Masculina da Capital), no qual ele discorre a respeito da construção do civismo por meio de uma educação desenvolvida a partir de trabalhos manuais:

A evolução da inteligência infantil e do carácter, varia de criança a criança, segundo a natureza de cada uma e exige observação e methodo adequado á sua manifestação e possível correção.
O trabalho manual é naturalmente o methodo que facilita essas manifestações e, pela auto-correção as aprimora ou corrige. E' o que se deve encarecer e louvar nesse methodo, porque jamais falhou, e responde à actividade inata da criança. (APRIGIO GONZAGA in *REVISTA ESCOLAR*, Nº 06, 1925, p. 76)

Neste fragmento, nota-se que o trabalho manual ensinaria à criança o valor do trabalho e como realizá-lo de forma a se utilizar de pequenas máquinas e ferramentas para sua realização. Devemos atentar para o fato de este artigo ter sido elaborado por um professor, cujo texto, ao ser publicado na *Revista Escolar* (1925-1927), teria como público-alvo potencial outros professores ou pessoas afeitas à área educacional. Além disso, há a menção do vínculo existente entre educação e trabalho.

⁵ Pontuamos que em nossa dissertação fizemos a opção de manter a grafia original dos excertos destacados da *Revista Escolar* (1925-1927).

O segundo texto que se segue não é exatamente um trecho. Trazemos aqui o poema “Eu...”, de João de Souza Ferraz, psicólogo, jornalista e professor que enviou-o à revista da cidade de Iporanga, no ano de 1925. Esse poema descreve um ideal de educação infantil para a época:

Eu sou criança travessa
 Porém má, isso é que não!
 Eu tenho boa cabeça
 E muito bom coração

Si assim não fosse, por certo
 Ninguém me havia querido.
 E me diriam de perto
 – Que menino aborrecido!

Si puxo a calda dum gato
 E faço cruzeiros na mão,
 Si sou traquinas, de facto,
 Também sei minha lição.

Não sou assim tão *levado*,
 Jámais insulto a ninguém.
 Na escola sou estimado;
 Lá em casa me querem bem.

Afinal, eu sou pequeno...
 Comigo ninguém, se mette!
 Quando estou em meu terreno,
 Acabo *pintando o sete!*...

(João de Souza Ferraz in *Revista Escolar*, 1925, N.º 9, p.62)

Percebe-se por esse poema, que existia uma grande preocupação em que a criança fizesse sua lição, não insultasse a ninguém e que também não respondesse aos adultos. Esses seriam princípios de uma boa educação que fariam dela uma pessoa querida dentro e fora de sua casa. Esses preceitos de educação deveriam ser transmitidos aos alunos e, por esse motivo, encontram-se traduzidos nesse poema e que foi aceito pelos editores da Revista Escolar do ano de 1925.

Trazemos ainda o trecho de um artigo escrito pelo jornalista e historiador José Brito Broca, no qual o autor abordou questões relativas às virtudes, na perspectiva do lugar social do qual ele escreve para os seus leitores, as quais deveriam ser transmitidas às crianças desde muito cedo. Segundo ele:

Aproveitando a precocidade infantil, resultante infallível dos dias que passam, a fim de inicia-la no bem e nas virtudes. O cinema educativo impunha-se nesse caso como um dos principais recursos. É preciso evitar a todo transe que a hiperthopia da sensibilidade e compreensão no espirito

dos pequenos, arraste-os ás tentações maleficas: os maus costumes e os vícios. Tal apello fica lançado nessa hora a quantos desempenham a missão de educar (JOSÉ BRITO BROCA *IN* REVISTA ESCOLAR, 1926, Nº 16, p.52)

Os maus costumes e vícios como, por exemplo, o alcoolismo, deveriam ser combatidos e virtudes deveriam ser aprendidas pelo aluno e, claro, transmitidas pelo professor.

O terceiro trecho faz parte do artigo escrito por Eurigenes Lessa, professor de Educação Physica da Associação Crhistã de Moços do Rio de Janeiro. No artigo publicado na seção *Questões Geraes*, o professor traz a importância do exercício físico e ginástico tanto para combater a fadiga do dia a dia quanto para impor alguns limites e auxiliar no domínio próprio:

O theatro e o cinema, como os bailes, nem sempre são o remedio ideal para quem precisa distrair-se. Muitas vezes, vem augmentar a fadiga intellectual, que caracteriza a vida de hoje, ao passo que duas ou três horas de despreocupação por semana, em que podem esquecer as difficuldades financeiras, o papelório do banco ou a inquietação intellectual que tanto faz soffrer podem se transformar em um renovador constante de energia e bom, humor.

Um dos principaes resultados, ou pelo menos um dos grandes ideaes da educçãõ physica, é a educação neuro-muscular, o domínio e governo do corpo, o controle dos músculos que só exercícios bem orientados poderão proporcionar (EURIGENES LESSA *apud Revista Escolar*, 1927, N27, p.2).

A Revista Escolar (1925-1927) apresenta artigos que vão contra a presença das crianças nos cinemas e dos jovens nos bailes, alegando que essas poderiam ser atividades que os levariam a se desvirtuarem ao passo que, a atividade física orientada por professores e grupos de escoteiros poderia vir a se tornar uma boa opção de lazer e práticas pedagógicas para os aluno e até mesmo para os professores.

A pesquisa das fontes primárias se deu *in loco* nos números da *Revista Escolar* (1925-1927) disponíveis no CDAPH e do número 5, do ano de 1925; números 13, 22 e 24, do ano de 1926; e do número 29, do ano de 1927, que foram digitalizados pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo e se encontram disponíveis para consulta *online*⁶. No transcorrer da pesquisa, consultamos 32 números da *Revista Escolar* (1925-1927) do total de 33 que foram publicados. Ressaltamos que apenas o exemplar de número 25, de janeiro de 1927, não foi pesquisado pelo fato de não ter sido encontrado nem no acervo do CDAPH nem no acervo

⁶ Site do Arquivo Público do Estado de São Paulo: <www.arquivoestado.sp.gov.br>.

digitalizado do Arquivo Público do Estado de São Paulo; no entanto, parte de seu editorial pode ser encontrado na pesquisa da autora Ana Clara Bortoleto Nery.

Localizamos essa autora após termos encontrado seu artigo “(In)formando, divulgando e educando: uma década de imprensa periódica em São Paulo”, do ano de 2001, na internet. Esse artigo tem por base a sua dissertação de mestrado defendida no ano de 1993 que muito contribuiu para a nossa pesquisa. O artigo de Nery (2001) nos levou à sua dissertação de mestrado intitulada “A *Revista Escolar* e o movimento de renovação educacional em São Paulo (1925-1927)”, na qual a autora traz o diálogo com as questões educacionais da época com muita propriedade.

Para além de Nery, levamos em conta um artigo de Marta Maria Chagas de Carvalho (2013) intitulado “Impressos e circulação de modelos pedagógicos: a difusão da pedagogia de Francis Parker na imprensa educacional paulista” que também focaliza este periódico para discutir a questão do modelo educacional adotado na época e disseminado pela *Revista Escolar* (1925-1927), dentre outros periódicos, por meio da tradução de artigos do autor em questão.

A *Revista Escolar* (1925-1927) apoiava as ideias preconizadas pela Escola Nova, que segundo Hilsdorf (2011) pode ser abordada como uma forma de normatizar tanto a educação quanto a própria população brasileira. A *Revista Escolar* também divulgou artigos sobre a pedagogia dos sentidos, Pestalozzi e Fröebel. Os princípios pestalozzianos e froebelianos são, inclusive, bastante evidentes, segundo Carvalho (2013), nos artigos de Francis Parker publicados nos exemplares da *Revista Escolar* (1925-1927). Segundo essa autora, “[...] o Parker pestalozziano e froebeliano é o Parker paulista” (CARVALHO, 2013, p.11).

A pedagogia dos sentidos, ou seja, a educação dos sentidos era um modelo de educação que trabalhava e valorizava os cinco sentidos humanos (audição, olfato, paladar, tato e visão) dentro da chamada “lições de coisas”, ou seja, lição daquilo que se pode enxergar, degustar, cheirar, tocar, manusear ou trabalhar. Era o moldar e amoldar de corpos e perspectivas na formação e conformação de um Estado-Nação (KULHMANN JR, 2012) brasileiro.

Essa pedagogia, moderna para a época, seria utilizada no sentido de formar o cidadão brasileiro e, principalmente, a elite brasileira dentro dos ideais políticos e educacionais pregados pela República brasileira do século XX:

Além disso, a *Revista Escolar*, consoante aos princípios do escolanovismo, não descuidou da formação política do magistério. [...] A formação dessa elite, segundo os ideais escola-novista ocorre naturalmente na medida em que cada indivíduo tem a liberdade para desenvolver suas aptidões naturais (NERY, 1993, p.64).

Voltamos nossa atenção e delimitamos nossa análise na seção *Methodologia* da *Revista Escolar* (1925-1927) por percebemos a potencialidade desta para a pesquisa das propostas de formação e conformação do corpo do aluno e do professor da educação primária – na perspectiva da *Revista Escolar* (1925-1927). Observamos que nessa seção foi possível encontrar muitas questões relativas à educação de corpo idealizada para a época.

Na sequência, temos o quadro indicativo de autor por ano e número de publicações na *Revista Escolar* (1925-1927):

QUADRO I: Indicativo de autor por ano e número de publicações na Revista Escolar (1925-1927)

Seção	Autor	Ano	Número de Publicações
PEDOLOGIA	Clemente Beltrand (trad)	1925	01
	F. Queyrat (trad)	1925	07
		1926	05
	J. Poiry (trad)	1925	02
	Henri Bouquet (trad)	1925	06
		1926	11
A.A. Siqueira	1925	01	
METHODOLOGIA	Arnold Tompkins (trad)	1925	11
		1926	07
	L. C. Bon	1925	01
QUESTÕES GERAES	F. Parker ("Biblioth. Pedagogica" organizada por A. Barreto e J. Stott)	1925	08
		1926	07
	P.S.	1925	02
	J.V.	1925	01
	J.L.Rodrigues	1925	01
	Maria Antonietta de Castro (Do Serviço de Educação e Hygiene)	1925	01
	Aprigio Gonzaga	1925	01
	J.P.F	1925	01
	Brito Broca	1925	01
		1926	01
	Galdinho Chagas	1925	01
		1926	01
	Theodoro Braga (Diário da Noite)	1926	01
	D. Vizioli	1926	02
	Souza Ferraz (Iporanga, março de 1925)	1926	01
	Evilasio A. de Souza	1926	03
	Manuel de Arruda Camargo	1926	01
	Antonio Primo Ferreira	1926	01
	Olavo de Carvalho	1926	01
	J.M. Gomes Ribeiro	1926	01
Enerstino Lopes	1926	01	
P. Deodato de Moraes	1926	02	
Faria de Vasconcellos	1926	01	
Silvia Monteiro	1926	01	
Leoncio Correia	1926	01	
Corynto da Fonseca	1926	02	
	1927	03	
Isidore Poiry (La Rêforme de l' E'ducation)	1926	01	
	1927	03	
Cesar Martinez	1926	01	
Alberto Seabra (Resumo de algumas ide'as essenciaes de Lhotzky sobre a educacao dos filhos, consubstanciadas em "Die Seclé deines Kindes")	1927	01	
Theodoro Braga - Professor de Desenho (Transc. do Estado de S. Paulo)	1927	01	
Eurigenes Lessa (Professor de Educação Physica da	1927	01	

	Associação Crhistã de Moços do Rio de Janeiro)		
	Emerson E. White (O Mestre - utilização do livro de leitura)	1927	01
	A. Carneiro Leão	1927	01
	Profº Guilherme Martinez (Chile)	1927	01
	Octavio Gonzaga (Extraido do Estado de S.Paulo)	1927	01
	Dr. Valdomiro de Oliveira	1927	01
	Lucien Cell'erie	1927	02
	Dr. Adolpho Konder	1927	01
	Edward Bradford Titchner (Experimental Psychology - A manual of Laboratory Practice)	1927	01
	A.S. Martins	1927	01
	Dr. Bezerra de Mendes	1927	01

Fonte: *Revista Escolar* (1925-1927).

O quadro 1 nos leva à visualização da importância da seção *Methodologia* e da pedagogia defendida por Arnold Thompkins para a disseminação dos princípios da *Revista Escolar* pretendidos para a formação dos professores de ensino primário, na comparação com as demais seções. Essa importância se nota pelo fato de que da mesma forma que as seções *Pedologia* e *Questões Geraes*, a seção *Methodologia* não deixou de existir e, ainda, permaneceu com autoria, durante os anos de 1925 e 1926. Sua relevância fica evidente porque no ano de 1927, tanto a diagramação da *Revista Escolar* (1925-1927) quanto a sua linha editorial, sofrem profundas alterações no seu encaminhamento devido à mudança de direção editorial, como traremos com mais detalhes capítulos seguintes.

Entendemos no diálogo com as fontes que, de acordo com a *Revista Escolar* (1925-1927), durante os anos de formação no ensino primário, o aluno também seria instigado a acolher em sua vida – em forma de pensamento e ação – os preceitos cívicos e morais para que, a partir deles, pudesse se tornar um cidadão honesto, trabalhador e saudável.

Visando trazer à luz os resultados de nossa pesquisa, dividimos esta dissertação em três capítulos. O primeiro capítulo contextualiza as transformações que ocorreram, sobretudo no Estado de São Paulo, as reformas educacionais de maior relevância no cenário político e a caracterização detalhada da *Revista Escolar* (1925-1927). No segundo, apresentamos como a educação do corpo aparece na *Revista Escolar* (1925-1927). No terceiro, trazemos e discutimos a educação do corpo proposta pela seção *Methodologia* e sua relevância para a formação de professores e alunos do ensino primário paulista, na perspectiva da *Revista Escolar* (1925-1927) enquanto um periódico pedagógico oficial pertencente à Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo. Por fim, ao término desta dissertação, trazemos nossas considerações finais.

CAPÍTULO I - A *REVISTA ESCOLAR* (1925-1927): ARENA DE TENSÃO

A chegada do século XX parecia anunciar mais do que uma simples mudança no calendário; tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineavam em algumas cidades, os avanços na comunicação e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração” (LUCA, 2005, p. 137).

Nesse capítulo, apresentaremos a influência sociocultural na veiculação e publicação do objeto de análise nesta pesquisa, pois é indiscutível que os aspectos sociais, econômicos e culturais sempre interferem e refletem nos textos de cada época, sobretudo nos veículos da esfera jornalística.

1.1 O contexto sociocultural

O presente capítulo inicia por traçar os movimentos de uma São Paulo em processo de modernização que se entrecruzou com questões culturais, que permearam relações de poder e educação preconizadas pela *Revista Escolar* (1925-1927). Em anos anteriores à década de 1920, a população do Estado de São Paulo passou por dificuldades nas mais diversas áreas sociais.

Na área da saúde, grande parte da população fora dizimada pela gripe espanhola. Na agricultura, muitas foram as lavouras de café que foram quase totalmente destruídas pelas nuvens de gafanhotos. E mesmo aquelas lavouras que escaparam dos gafanhotos não foram capazes o suficiente para resistirem às intensas geadas (SEVCENKO, 2009). No campo social, a Primeira Grande Guerra e as greves (FAUSTO, 2012) paulistas⁷ ainda estavam presentes nas mentes das pessoas que tinham seus familiares e pessoas próximas envolvidas

⁷ As greves mais importantes ocorreram entre 1917 e 1918, pelo proletariado da indústria têxtil (formado principalmente por mulheres e crianças) e entre 1920 e 1921 (alguns autores apontam o movimento como tendo sido iniciado no ano de 1918), anos em que se deram as paralizações dos portos e ferrovias.

em alguma dessas questões, assim como provocavam a disputa pelos espaços e os empregos, tanto na cidade quanto no campo, com os imigrantes recém-chegados:

Abrindo as áreas alagadiças além do Tamanduateí, Anhamgabaú e Tietê e seguindo o traçado das linhas férreas da Central do Brasil, Sorocaba e São Paulo Railway (Santos-Jundiaí), os trabalhadores pobres e deserdados da fortuna foram produzindo as suas condições de sobrevivência num meio inóspito sujeito às constantes enchentes que passaria a fazer parte do seu cotidiano.

Na década de 20, os contingentes de trabalhadores ainda se concentravam nesses bairros mais antigos, ocupando, também, aqueles mais distantes como a penha, trechos de Pinheiros, além de áreas deterioradas do centro. Ali, fugindo dos altos aluguéis e lutando para sobreviver às duras condições impostas pelo meio, moravam operários, vendedores ambulantes, comerciantes e outros trabalhadores (ROCHA, 2003, p.29).

Era um ocupar desenfreado da cidade que, em meio a outras transformações no cenário urbano da modernidade, pressupunha a adequação do homem a uma nova racionalidade produtiva e disciplina.

O que esse murmúrio das vozes da cidade revela, em contrapartida, é a perplexidade amplamente difundida, diante da nova equação de valores. A presença e o efeito dos fatos da ação crescem e tomam a dianteira aos fatos da consciência reflexiva. A ação coletiva ritualiza fortalece e libera, a ação reflexiva individual isola e constrange. Essa maré tormentosa de euforia de 1919 traria consigo muitas novidades imprevistas, ambiguidades, dilemas, impossibilidades [*sic*] vividas pelos sujeitos. Mas, sobretudo viria reduzir a visibilidade de um mundo transparente, de contornos definidos até então e que, daqui por diante, só parcialmente poderia ser entrevisto, borrado, diluído e impreciso, sob rebulição permanente das águas turvas (SEVCENKO, 2009, p. 26).

A esse respeito, Thompson (2002) acrescenta que a transição para uma sociedade madura reestruturou de forma rigorosa os hábitos do trabalho, levando a novas disciplinas, estímulos e nova natureza humana; sobretudo, interferiu em uma notação interna do tempo.

Se a transição para a sociedade industrial madura acarretou uma reestruturação rigorosa dos hábitos do trabalho – novas disciplinas, novos estímulos, e uma nova natureza humana em que esses estímulos atuassem efetivamente –, até que ponto tudo isso se relaciona com mudanças na notação interna do tempo? (THOMPSON, 2002, p. 269)

A notação interna do tempo, ou seja, a sua quantificação, passa na sociedade moderna, da vigência dada pelos ciclos da natureza para a do tempo de produção das máquinas fabris, forjado pela chegada da energia elétrica (SEVCENKO, 2009). A nova percepção do tempo

gerou também uma modificação na concepção do espaço e nas formas de agir, consumir e transitar pelos centros urbanos. Era o surgimento de uma cultura, frente aos desafios de um tempo que pressupunha uma nova forma de viver, agir e pensar os hábitos e espaços possíveis ao ser humano.

A própria Semana da Arte Moderna ocorrida na capital paulista em fevereiro de 1922 desmonta e expõe mais do que simples tendências. Ela mostrou, especialmente por meio das obras de Anita Malfatti e Victor Brecheret, “[...] o rompimento com as convenções aceitas de arte, no domínio da pintura e da escultura” (NAGLE, 1976, p. 75) o que também perpassou por outras práticas culturais da época.

Os centros urbanos passaram a abrigar uma diversidade de sons, imagens, odores. O cenário que de dia era tomado pela faina do trabalho, aos olhos de muitos contemporâneos na noite se passava a ser do perigo e da boemia (BENJAMIN, 1985). Para Rocha,

Inserindo-se nas dobras de uma cidade que assumia ares de civilizada, os cortiços e habitações coletivas, onde se aglomeravam os pobres, passam a ser vistos como uma cidade e seus moradores, como um perigo, uma ameaça iminente, visto que, pelos seus modos de viver, punham em risco a *boa ordem burguesa*, disseminando epidemias e plantando o germe da insubordinação à disciplina do trabalho (ROCHA, 2003, p.106).

As novas tecnologias e a energia elétrica fotografadas se contrapunham à pobreza e à miséria de uma população que vivia na obscuridade. A cidade de São Paulo, nas décadas iniciais do século XX, tornou-se, nas palavras de algumas pessoas, como no caso de Dona Clotilde⁸, uma “Terra em que o filho morre e mãe num vê”. Isso pelo fato de que não importava a claridade ou a escuridão, sempre haveria um grupo buscando algo em seu transitar pelos becos, vielas, ruas e avenidas da grande São Paulo.

Porém, nem a luz e nem a escuridão estavam isentas da intenção de conceber ao ser humano o dom de deixar os traços do homem do campo que seria, na visão republicana, caipira, atrasado, inocente, pobre e sujo, como foi descrito no livro “*Idéas de Géca Tatú*”, de Monteiro Lobato, publicado pela primeira vez em 1919. O discurso higienista acusava a pobreza e a falta de educação (o que incluía o analfabetismo), por todas as mazelas que acometiam a população, como afirma Rocha (2003) no fragmento:

⁸ Bisavó de Ana Cristina Rodrigues, Dona Clotilde, era filha de mãe (Helena Borim), imigrante italiana que chegou ao Brasil ainda pequena, e de pai (Prudêncio Santiago) negro, nascido na Lei do Ventre Livre. Após casar-se com Benedicto Antonio, Dona Clotilde, morou em Piratininga, Lençóis Paulistas e mais tarde, em meados da década de 1920, veio a se instalar na cidade de São Paulo, no Bairro Pompéia.

Assumindo um papel central na formulação das políticas de saúde pública, nesse momento em que o discurso higienista passa a operar pela articulação entre educação e saúde, na medida em que atribui à falta de educação da população a responsabilidade por todas as mazelas que a afligiam, o Instituto de Hygiene se constitui também num espaço importante na articulação de estratégias voltadas para a veiculação da mensagem da Higiene no universo escolar, quer pela atuação na formação profissional dos professores primários, quer pela formação de agentes de saúde pública, quer, ainda, pela produção de impressos destinados dentre outros, às crianças das escolas primárias e seus mestres (ROCHA, 2003, p.14).

O homem morador dos grandes centros deveria ser capaz de produzir em grande quantidade, como uma máquina que trabalha de forma incessante na gana de gerar e consumir o próprio produto. Essa seria a maior transformação idealizada para as cidades, inclusive para a cidade paulista.

A moderna São Paulo dos anos de 1920 acolheu sob seus olhos pessoas e meios de produção que caminhavam a passos largos no rumo das novas tecnologias, que faziam eclodir dia a dia novas construções; estas remodelavam o cenário da cidade e o trânsito por entre as suas ruas e avenidas. A ressignificação espacial e cultural urbana modificou, inclusive, a ordem social e a maneira de se conceber alguns valores:

A nova forma como a natureza passa a ser encarada, bem como as alterações que ocorrem com frequência na esfera da produção e circulação de mercadorias, propiciam um clima intelectual crítico com relação às tradições. O indivíduo como produtor de vontade própria, movido por seus desejos e apetites, se coloca enquanto possibilidade de avanço e aperfeiçoamento da sociedade em todos os sentidos (VEIGA, 2002, p. 163-164).

Nesse contexto, a diferença entre a massa popular e mais pobre da população e as elites urbanas era demonstrada também pelo poder de maior velocidade que impunha o seu meio de transporte (SEVCENKO, 2009). Logo, quanto maior a velocidade do meio de transporte de que uma pessoa usufruísse, melhor seria a sua posição social.

Para completar o cenário urbano, a mulher veio a ganhar o espaço tanto público das ruas e avenidas quanto o espaço privado, como pudemos observamos na revista *Pelo Mundo* (1922), *FonFon* (1907-1945), *Careta* (1908-1960), dentre outras. As mulheres tornar-se-iam consumidoras de moda, a qual seria composta tanto pelas roupas mais leves quanto por artigos de beleza e acessórios, que deixariam seu corpo mais livre para as atividades e

passariam a expor suas formas arredondadas (SOARES, 2011), para espanto e escândalo de uma sociedade conservadora (SEVCENKO, 2009).

Outro grupo social incluído no contexto urbano foi o de ex-escravos. São Paulo seria a promessa do fim da desigualdade entre negros e brancos, do trabalho para todos, da oportunidade de uma segunda chance, da esperança da entrada em um progresso que levaria a melhores condições de vida, se comparada àquela conhecida e experimentada na fazenda escravagista (FAUSTO, 2012). No entanto, em meio a transformações estruturais, políticas, culturais e populacionais “Mais do que o mito de Babel [...] São Paulo para estes grupos evocaria o Cativo da Babilônia” (SEVCENKO, 2009, p. 39).

Disputavam os espaços e as oportunidades urbanas, brancos, negros, mulatos, cafuzos, imigrantes e índios, enfim, os mais diversos grupos que, pouco a pouco, foram convivendo com o afunilamento da liberdade almejada na direção de uma uniformização nas relações e no modo de vida, tempo e produção.

O corpo do homem urbano passou a conviver com a percepção de tempos distintos, para além do tempo da natureza, o que iniciou a delimitação de um tempo destinado ao lazer e de um tempo voltado para o trabalho (THOMPSON, 2002). No entanto, as transformações não se dão de forma repentina na história. O homem e a sua concepção de mundo, tempo, espaço e racionalidades não sofre transformação a partir da decisão de abandonar o campo e deslocar-se para as cidades, ou mesmo com a possibilidade de inserção desse homem no mercado de trabalho e produção urbana, ou na oportunidade de acesso às instituições de ensino primário instauradas no espaço urbano recém-ocupado.

Foi nesse contexto que, aos poucos, emergiu um discurso republicano que preconizava a necessidade de se construir uma cultura, um povo e uma identidade nacional. A *Revista Escolar* (1925-1927) foi publicada no esteio da emergência e da demanda de tal necessidade. Por entre seus artigos, muitas vezes, aparece a defesa da urgência de formação e conformação de um “povo”. Povo este que, ao receber uma mesma instrução escolar, disseminaria as noções de moral e civismo pregadas pela *Revista*, assim como o respeito por heróis e festividades cívicas pertencentes à “nova” tradição brasileira que estava sendo forjada pela república recém-instituída.

Mas para além dos ideais da *Revista*, esse mesmo povo – os novos habitantes das grandes cidades– também compartilharia suas festas religiosas, os doces e outros quitutes vendidos nos tabuleiros, os balaios e bordados, a ginga da capoeira, o samba dos pés descalços, o mambo dos tamancos amarrados, o café, o chá, a cerveja, o vinho, o pão e a

tapioca. Uma mistura de cores, cheiros, jeitos e sabores que fariam parte da vida e do dia a dia da população urbana. De acordo com Rocha (2003):

Em sua itinerância, pelas ruas de São Paulo, esses novos habitantes vão construindo novos cenários, fazendo surgir elegantes cafés e confeitarias, luxuosas casas comerciais, atraentes vitrines e prósperas indústrias. Edificando suntuosos palacetes, majestosos prédios públicos, rasgando largas ruas e avenidas. Demolindo tudo o que lembrasse o passado e, em seu lugar, erigindo os símbolos do progresso e da civilização. Entretanto, nem só de luxo e bom gosto se tecem os fios dessa história. Doenças, fome, miséria, desemprego comporão a face menos nobre desse empreendimento civilizatório (ROCHA, 2003, p.25).

A própria São Paulo do início do século XX é um contraste entre o luxo e a pobreza extrema. Assim, com a intenção de controlar os problemas advindos dessa desigualdade, a educação letrada das escolas surge como uma alternativa para o Estado republicano educar parte significativa de sua população mais pobre, principalmente urbana. Essa educação deveria ocorrer dentro dos seus padrões e princípios de moral, civismo e modernidade ao mesmo tempo em que formava uma massa de trabalhadores passíveis de qualificação para as tarefas a serem desempenhadas. A escola se fez o reduto da educação que ofereceria ao aluno a oportunidade do aprendizado das ciências e do saber produtivo industrial e possibilitaria a ele “ascensão social e formação de mão de obra especializada” (NERY, 1993, p.13).

Essa formação escolar seria regida pela racionalidade de tempo fabril. Tal racionalidade determinava horário de entrada, troca de aulas, recreio e saída, ou seja, racionalidade de horário de trabalho estipulada pelas fábricas seria igualmente implantada na formação dos estudantes.

A escola foi uma das instituições sociais que, ao adotar e implantar tal racionalidade e administração de tempo possibilitou que amplos segmentos sociais passassem a pautar suas condutas a partir da valorização do trabalho como uma virtude, assim como a pontualidade e a fidelidade à lógica produtiva fabril que se instaurou na modernidade, sobretudo no espaço urbano. Dessa forma, entendemos que:

[...] o modelo de civilidade impõe-se à cidade [...] engrossando os estereótipos pejorativos, os limites entre maus e bons trabalhadores. Reafirma também a necessidade permanente de educação e disciplinarização dos indivíduos operários e pobres, mais no sentido da justificativa de sua exclusão física, política e social do que propriamente na ênfase de sua incorporação (VEIGA, 2002, p. 179).

Seria um educar escolarizado e a disciplinarização de corpos, gestos, hábitos e intenções que construiriam o cidadão brasileiro republicano. Um cidadão que aprendeu na escola o que é ter pátria e como honrá-la através das virtudes.

Entretanto, convém manter o cuidado em relação ao entendimento a respeito da educação das massas populares que, claramente, não se deu em todos os seus âmbitos. Afinal, como é sabido, a escola possuía raízes excludentes e possuía um currículo elitizado pautado por questões políticas e culturais da sociedade na perspectiva de um discurso de base laica (VEIGA, 2002). Este, por sua vez, era matizado por conflitos de ordem social, política e econômica que influenciaram, não de modo tímido, a história brasileira:

[...] em decorrência das modificações na estrutura econômica (industrialização). O quadro gerado foi de crise que levou as camadas baixas da população, e principalmente a média, a se manifestarem. Acontecimentos como a Fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922, as revoltas como as do Forte de Copacabana em 1922 e a Coluna Prestes (1924-1927) são exemplos disso (NERY, 1993, p. 9).

Diante das questões trazidas pela modernidade, não podemos deixar de ressaltar que a década de 1920 foi marcada por intensas lutas político-ideológicas, cuja intenção era modificar e impor políticas educacionais que coibissem os movimentos da população paulista por meio da educação dos corpos, a qual poderia ocorrer tanto pelo cumprimento da lei quanto pela doutrinação daqueles que se assentavam nos bancos escolares.

Essa educação do corpo na escola encontrada e preconizada nas páginas da *Revista Escolar* (1925-1927) deveria acontecer no rumo dos ideais republicanos, pretendidos pelos dirigentes políticos ligados ao governo de Carlos de Campos⁹, governador do estado de São Paulo do ano de 1924 ao ano de 1927:

Em 15 de novembro de 1926, Washington Luís¹⁰, que havia convidado Sampaio Dória para realizar a reforma em 1920 em São Paulo e indicou Carlos de Campos como sucessor no governo estadual, assumia a presidência da República e chamava Antonio Prado Jr¹¹, filho do conselheiro Antonio Prado, para prefeito da capital brasileira. Começava, no Rio de Janeiro, o que alguns jornalistas do período consideraram a ‘era dos paulistas’ (ainda que Washington Luís fosse fluminense e Fernando de Azevedo, mineiro). O convite a Azevedo para o cargo de diretor geral da Instrução Pública viria apenas em janeiro de 1927 (VIDAL, 2011, p. 117).

⁹ Carlos de Campos – Partido Republicano Paulista (PRP)

¹⁰ Washington Luís – Partido Republicano Paulista (PRP)

¹¹ Antonio Prado Junior – Partido Republicano Paulista (PRP)

É interessante observar que, na maior parte dos artigos e estudos a respeito dessa década, as informações normalmente se iniciam em 1920, caminham até 1924 e saltam para 1927, provocando um apagamento dos acontecimentos entre 1925 e 1927 ocorridos em São Paulo, período e recorte histórico por nós selecionado, haja vista serem esses os anos de publicação da *Revista Escolar* (1925-1927).

Entendemos, ainda, que um dos motivos para a ocorrência desse apagamento histórico poderia ter vindo a ocorrer devido às disputas e tensões políticas existentes no período. Sendo assim, não poderíamos tratar da publicação da *Revista Escolar* (1925-1927) sem entendermos as Reformas Educacionais que se estabeleceram, no Estado de São Paulo, no campo de disputa de sua publicação.

1.2 As Reformas Educacionais da década de 1920

A reforma educacional de maior relevância do período privilegiado nesta pesquisa foi a Reforma Pedro Voss, ocorrida no ano de 1925, a qual originou a idealização, editoração e publicação da *Revista Escolar* (1925-1927). No entanto, não podemos apagar de nossas reflexões a Reforma Educacional prescrita por Sampaio Dória, considerada, pela maior parte dos autores, como sendo “[...] a mais importante reforma estadual já ocorrida até 1920” (NERY, 1993).

A Reforma Sampaio Dória, em São Paulo, foi instituída a partir do Decreto Nº 1.750, publicado em 8 de dezembro de 1920. A partir dela, temos a emergência de uma visão diferenciada do processo de educação conhecido e implantado até então. Esta Reforma previa a priorização do ensino escolar às crianças consideradas pobres visando ao fim do analfabetismo.

Tal Reforma determinou que o ensino primário fosse reduzido a dois anos e frequentado por crianças com idade entre 9 e 10 anos. Esse grau de ensino seria gratuito e obrigatório. O ensino primário passava, então, a ser facultativo para crianças de 7 e 8 anos, no entanto, não seria permitida a essa parcela do público infantil, em decorrência da faixa etária estipulada, a sua matrícula em escolas públicas. Somado a ele, seria implantado o ensino médio, também com duração de dois anos; porém, esse grau de instrução seria pago e facultativo. A Reforma de 1920 previa, ainda, a gratuidade do ensino médio a crianças consideradas pobres. Foi também prevista pela Reforma Sampaio Dória, a criação de duas mil novas escolas isoladas no estado. Dessa forma, Carvalho (2011) assinala que:

As medidas foram acompanhadas de outras, voltadas especificamente para a nacionalização do ensino. A questão comportava dois aspectos distintos, embora solidários: tratava-se, por um lado, de ‘*abrasileirar os brasileiros*’ através da alfabetização e da educação moral e cívica e, por outro, de integrar o imigrante estrangeiro. Nesse segundo aspecto, o escotismo foi incentivado, juntamente com outras medidas de formação cívica. Mas a iniciativa mais relevante nesta direção foi a proposta de intervenção nas escolas estrangeiras. Novas disposições legais prescreviam que respeitassem os feriados nacionais, ministrassem o ensino em vernáculos, incluíssem no currículo o ensino do português, geografia e história do Brasil por professores brasileiros natos e ensinassem os cantos nacionais nas classes infantis (CARVALHO, 2011, p. 11).

A autora ainda explica que, “[...] o que tornou possível essa aposta foi o modo como Dória pensou o processo de formação da criança, concebendo-o como educação, cultura e adestramento de suas *faculdades* naturais – a inteligência, a sensibilidade e a vontade”. (CARVALHO, 2001, p.25)

A Reforma Educacional de 1920 foi uma tentativa de democratizar o ensino e erradicar o analfabetismo¹². Entretanto, acabou priorizando a erradicação do analfabetismo em curto prazo por meio de uma facilitação do acesso ao ensino primário pela disseminação de escolas de primeiras letras e cursos profissionalizantes com duração de dois anos, além da atuação dos professores, inclusive, nas escolas isoladas (NERY, 1993). Ao mesmo tempo, esse processo acabava por prejudicar a expansão da educação básica de qualidade (CARVALHO, 2011).

Essa Reforma ainda pressupunha que os altos gastos despendidos nas monumentais construções dos Grupos Escolares¹³ tornavam o plano de erradicação do analfabetismo inviável economicamente e, por esse motivo, a construção desses prédios deveria ser substituída por construções menos custosas e mais efetivas.

Ainda era previsto pela Reforma Sampaio Dória (1920) que os castigos, a fim de disciplinar os alunos, continuassem para que os princípios morais pudessem ser mantidos e internalizados pelas crianças dentro das escolas e das salas de aula:

Os castigos persistiam e deveriam permanecer nas salas de aula em que a homogeneidade das classes não fosse uma realidade. Assim, evidenciando os limites das imagens idílicas de uma escola sem castigos, sanções disciplinares ainda eram requisitadas como partes constitutivas da rotina

¹² Em abril de 1921, Sampaio Dória assinou o projeto de erradicação do analfabetismo no Brasil.

¹³ Os Grupos Escolares eram formados a partir de uma escola-reunida que obtivesse em sua soma um número superior a 8 classes. (Revista Escolar, 1925, N11)

escolar. Não seria conveniente suprimi-las dada a necessidade de corrigir a conduta dos anômalos morais que a frequentavam. No caso destes, a educação não podia contar com a natureza; ao contrario, fazia-se correção do desvio e da anormalidade; fazia-se contra a natureza do educando. Uma escola sem castigos era, por isso, ainda utopia. Mas fazia-se anunciar nas expectativas de identificação, individuação e classificação dos alunos que alimentavam a aposta nas experiências de laboratório, mas também na multiplicidade de novos *tests*, aplicáveis em situação de sala de aula, que a nova psicologia tornava disponíveis (CARVALHO, 2011, p. 22).

Mesmo a Reforma Educacional de Sampaio Dória (1920) tendo pouco tempo de implantação para mostrar os resultados de uma primeira iniciativa de inclusão social e educacional, alguns autores veem seu projeto de democratização do ensino como discutível e a Reforma em si como “[...] a primeira e mais controvertida das malogradas iniciativas republicanas de inclusão social generalizadas das populações brasileiras” (CARVALHO, 2011, p.6).

Encarregado pelo governador do estado de São Paulo, Carlos de Campos, para assumir o cargo de diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo, no ano de 1925, Pedro Voss realizou a reforma educacional que levou o seu nome (Reforma Pedro Voss). Ela propunha o retorno aos modelos tradicionais defendidos por Bernardino de Campos¹⁴.

A Reforma Pedro Voss, aprovada de forma inconstitucional¹⁵ pelo poder executivo em 24 de dezembro de 1925, sob o Decreto de Nº 3858 (NERY, 1993), em dissonância com a Reforma Educacional anterior, preconizava o retorno da duração de quatro anos ao ensino primário quando este se desse nos Grupos Escolares e que esse tempo seria reduzido para três anos quando fosse cumprido em escolas isoladas ou reunidas (SOUZA, 2009; VIDAL, 2011). A esse respeito, Nery (1993) avalia:

O que se pode observar ao comparar Reforma de 1920 com a de 1925 é que, se do ponto de vista burocrático-administrativo a Reforma de 1925 representou uma evolução positiva em relação à 1920, do ponto de vista do movimento de renovação educacional – que teria tomado impulso sobretudo com a Reforma de 1920 – ela representou um grande retrocesso (NERY, 1993, p. 24).

¹⁴ Bernardino de Campos governou o Estado de São Paulo de 23 de agosto de 1892 a 15 de abril de 1896 e de julho de 1902 a maio de 1904, pelo Partido Republicano Paulista (PRP). Ele foi pai de Carlos de Campos, governador do Estado de São Paulo de 1924 a 1927.

¹⁵ A inconstitucionalidade da Reforma de 1925 se deu por, no período, as questões relativas à Secretaria do Interior terem a necessidade, por lei, de aprovação pelo Congresso Estadual. No entanto, o decreto que originou a Reforma Pedro Voss foi aprovado pelo poder executivo sem conhecimento do Congresso. (NERY, 1993)

O retrocesso de que trata Nery (1993) está relacionado ao retorno da exaltação e disseminação dos Grupos Escolares, construções que se assemelhavam a grandes monumentos e dispendiam um alto custo para sua construção e conservação. Esses monumentos educavam os olhares da sociedade paulista no sentido de levar os paulistanos a enxergar a importância em pertencer à parcela letrada da população e acolher os ideais republicanos.

Essa reforma teve seus princípios veiculados e divulgados através da circulação da *Revista Escolar* (1925-1927) que propagandearia, por meio de suas páginas, a exaltação da efetividade dos Grupos Escolares, o retorno ao método de instrução por meio de Lições de Coisas e a consagração dos heróis nacionais na intenção de construir um orgulho cívico patriótico.

A respeito da Reforma Educacional promovida por Pedro Voss (1925) ressaltamos que:

Ao que tudo indica, a Diretoria de Instrução Pública não tinha uma posição definida sobre educação e os rumos do ensino esboçados na Reforma de 1925. Apesar desses problemas, esta Reforma foi mais abrangente que a anterior. Enquanto a Reforma de 1920 reorganizou o ensino, as unidades escolares e os seus órgãos de fiscalização, a Reforma de 1925 reorganizou também a Secretaria da Diretoria Geral e suas repartições anexas. Uma dessas repartições gerais, a seção de expediente geral, tinha, entre outros, o objetivo de preparar o material da repartição para publicação na *Revista Escolar* (NERY, 1993, p.23).

A respeito da efetividade da Reforma educacional de 1925, organizamos o quadro II comparando as Reformas de Sampaio Dória e a de Pedro Voss, com intuito de ampliar a compreensão de nossas considerações:

QUADROII - As Reformas Educacionais para os alunos do Ensino Público paulista

Reforma Sampaio Dória (1920)		Reforma Pedro Voss (1925)	
Ensino	Tempo do Curso	Ensino	Tempo do Curso
Primário	2 anos	Primário	4 anos Grupos Escolares
Médio	2 anos		3anos Escolas reunidas e isoladas
		Complementar	2 anos
		Secundário	5 anos Escola Normal
			6 anos Ginásio

Fonte: VIDAL, 2011; *REVISTA ESCOLAR*, 1925, Nº1.

Consideramos que as reformas educacionais da década de 1920¹⁶ contribuíram para a implantação, de uma forma mais efetiva, de um novo método e de uma nova racionalidade de trabalho e concepção de tempo, de espaço e da própria concepção da necessidade de uma educação pública.

Assim, as políticas educacionais teriam como método a uniformização do ensino e da formação do professor com a finalidade de padronizar a educação infantil na intenção de formar cidadãos que seriam movidos por um sentimento cívico e patriótico. Desse modo, eles estariam prontos para exercer uma função de trabalho remunerada tanto na lavoura quanto na indústria em prol do crescimento e desenvolvimento do seu país.

Na seção seguinte veremos, então, como os ideais dessas políticas educacionais evocadas pelas reformas se fazem presentes na *Revista Escolar*.

1.3.1 REVISTA ESCOLAR (1925-1927)

Entendemos que os periódicos pedagógicos publicados em formato de revistas tinham o poder de atuar na formação da sociedade brasileira dentro de princípios de educação moral e cívica pretendidos pela República. Dessa forma, o seu conteúdo contribuiria para que a instrução pública do ensino primário se desse diante de uma seleção dos textos que o professorado da época deveria ter contato. Estes, por sua vez, apresentariam as formas pedagógicas de aplicar o método da Escola Nova dentro da sala de aula, bem como os conteúdos tidos como imprescindíveis para os alunos regularmente matriculados nas escolas públicas da época.

Assim, eram publicados por meio da *Revista Escolar* (1925-1927), diversos artigos que visavam ao direcionamento do trabalho do professor em sala de aula e, dessa forma, atingir os estudantes e suas famílias com a inculcação de um caráter patriótico.

A respeito da *Revista Escolar* (1925-1927), temos que este

[...] foi um periódico mensal, editado entre janeiro de 1925 e setembro de 1927, pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo. Ao todo foram publicados 33 números. Foi oficializada pela lei nº2182-B de 29 de Dezembro de 1926 que também definiu seu corpo editorial sendo ele formado por professores, um redator-chefe e dois auxiliares. Isso significa que a partir da data de publicação da lei acima é que a *Revista* passa a

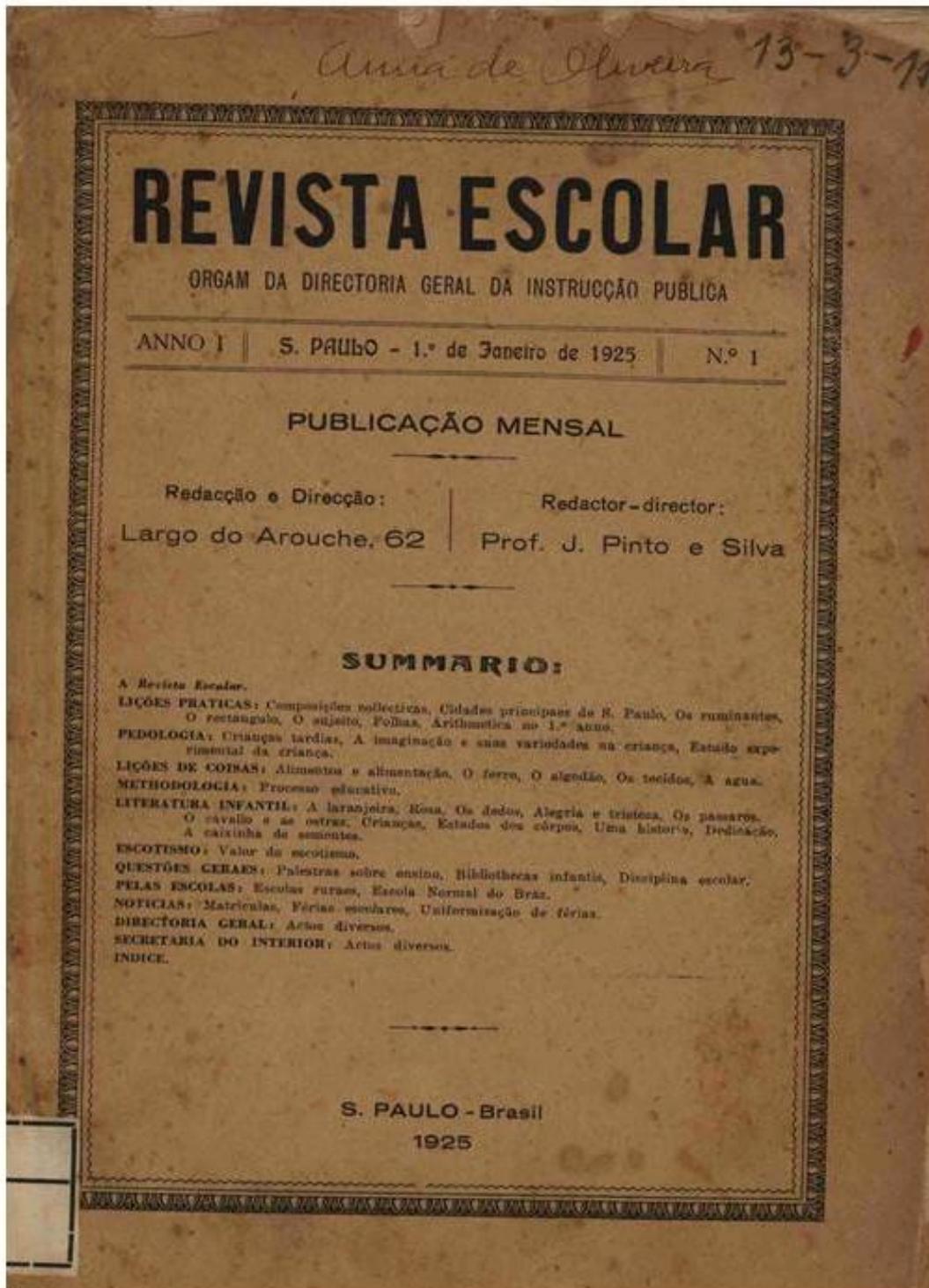
¹⁶ No período tivemos algumas reformas educacionais, das quais gostaríamos de destacar: Reforma Sampaio Dória (São Paulo - 1920), Reforma Lourenço Filho (Ceará - 1922), Reforma Carneiro Leão (Distrito Federal - 1922), Reforma da Escola Normal (Paraná - 1923), Reforma José Augusto (Rio Grande do Norte - 1925), Reforma Pedro Voss (São Paulo - 1925), Reforma Francisco Campos (Minas Gerais - 1927).

receber verbas próprias, o que não ocorria anteriormente (NERY, 1993, p.29).

Ao total de 33 números publicados, ressaltamos que a *Revista Escolar* teve doze exemplares publicados no ano de 1925, doze exemplares no ano de 1926 e 09 exemplares no ano de 1927.

Enquanto órgão da Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo¹⁷, a *Revista Escolar* (1925-1927) abrangia todo o estado de São Paulo e recebia para publicação textos e poemas, os quais não poderiam exceder três laudas, para que pudessem ser publicados (NERY, 1993). Além disso, recebia outras contribuições como indicações de livros e outros materiais de professores e assinantes do periódico para a composição de seus números. A distribuição dos números da *Revista* era realizada apenas entre os assinantes dela. A figura a seguir traz a imagem do primeiro exemplar publicado no ano de 1925.

¹⁷ A Diretoria de instrução Público do Estado de São Paulo, na época em questão, pertencia à Secretaria do Interior.

FIGURA 1 – Capa da *Revista Escolar* N°1, 1925

Fonte: Revista Escolar, 1925. N.º 1. Acervo: CDAPH

Como a imagem digitalizada é passível de modificação em suas dimensões, ressaltamos que a dimensão da *Revista Escolar* conta com 23 cm de altura X 16 cm de largura.

Destinada à elite letrada da população paulista e, sobretudo, aos professores e alunos da educação primária, a *Revista Escolar* (1925-1927) possuía uma formatação modesta e poucas imagens impressas. Tais imagens, assim como todos os demais conteúdos da *Revista*, eram impressas em preto e branco e ocupavam, em sua maioria¹⁸, páginas inteiras que não possuíam numeração.

Em sua materialidade, a *Revista Escolar* (1925-1927) foi impressa em papel jornal. Cada um de seus exemplares possui em média 100 páginas, com suas dimensões compreendidas entre 23 cm de altura X 16 cm de largura. Quanto a sua coloração em alguns números as capas se apresentam em cor ocre e outros em azul. Uma peculiaridade da *Revista* era trazer o seu sumário na capa de rosto, ter o seu índice nas últimas páginas e seus valores de comercialização na contracapa.

Suas assinaturas podiam ser feitas de forma anual ou semestral e, ainda, era possível fazer o pedido de números avulsos. Todos os pedidos deveriam ser encaminhados por carta à direção da *Revista*, a qual estava localizada no número 62 do Largo do Arouche, em São Paulo. As assinaturas anuais tinham o valor de 20\$000 (vinte mil réis), as semestrais de 10\$000 (dez mil réis) e os números avulsos custavam 2\$000 (dois mil réis, o exemplar).

Apesar de ter sua redação e direção no Largo do Arouche, na área central da cidade de São Paulo, a *Revista Escolar* (1925-1927) era impressa na Tipografia Siqueira, situada à Rua Líbero Badaró, identificada pelo número 56. Esses são dados indicativos de que a produção da *Revista Escolar* (1925-1927) exigia profissionais distintos para a execução de atividades variadas e especializadas. Alguns estavam envolvidos com a impressão gráfica, enquanto que outros com a edição, a redação, a divulgação e a distribuição do periódico.

Assim, entendemos que a *Revista Escolar* (1925-1927) tinha por finalidade normatizar e unificar (NERY, 1993) as práticas educativas do Estado de São Paulo através da instrução dos professores e da oferta de material que fosse do interesse da Federação. No entanto, a própria *Revista* se coloca como estando:

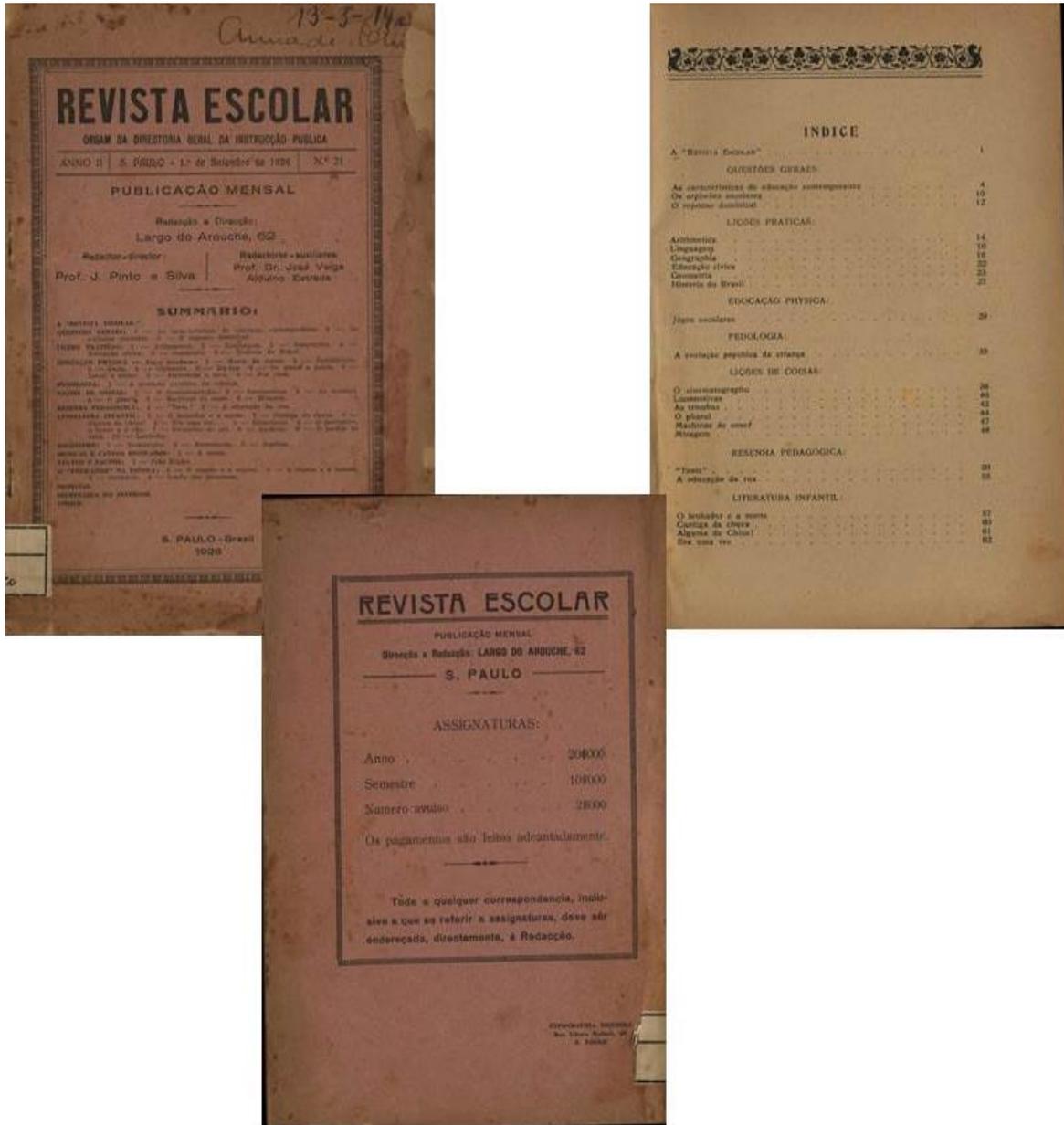
Certa do apoio das classes letradas e, principalmente, do concurso intelectual do professorado, a *Revista Escolar* espera poder contribuir eficazmente para o aperfeiçoamento do ensino público paulista. Ella

¹⁸ As imagens que ocupam uma página inteira possuem dimensão de 14,7 cm X 7,0 cm. Algumas dessas páginas não numeradas chegam a conter até duas imagens dispostas de forma que a primeira está disposta na parte superior da página com 9,9 cm X 7,0 cm e a outra em sua parte inferior com 9,9 cm X 5,9 cm.

aguarda pois, com prazer, collaborações de character didactico, informações pedagogicas, instrucções, esclarecimentos, emfim, todo e qualquer trabalho que se harmonize com a sua natureza e os seus fins. (*Revista Escolar*, 1925, N1, p.1).

Assim, a *Revista Escolar* (1925-1927) apresenta seu público- alvo logo no seu primeiro editorial em um período de reinante analfabetismo, em que mesmo algumas pessoas das camadas mais abastadas não sabiam ler e escrever. Apesar disso muitas pessoas das camadas mais populares eram letradas, e, assim sendo, algumas delas também escreviam para periódicos operários, só que estes tendiam a ter um caráter crítico.

FIGURA 2: Capa, índice e contracapa da *Revista Escolar* Número 21, 1926.



Fonte: Revista Escolar, 1926, N.º 1. Acervo: CDAPH

Para melhor ilustrar a incidência de imagens no periódico analisado, elaboramos o quadro a seguir em que indicamos quais são as imagens publicadas, em qual ano e número de publicação e também a localização dessas imagens nas páginas da revista.

QUADRO III: Imagens encontradas nos números da Revista Escolar (1925-1927)

Ano	Título	Intervalo	Nº
1925	Normal da Praça da República (Capital de SP)	Entre as páginas 16 e 17	01
	Grupo Escolar - Rodrigues Alves (Capital do Estado - SP)	Entre as páginas 32 e 33	01
	Grupo Escolar D. Pedroll (Capital-SP)	Entre as páginas 48 e 49	01
	Bibliotheca Infantil, Anexa A' Escola Normal de Piracicaba	Entre páginas 2 e 3	05
1926	Escoteiros do Grupo Escolar de Pennapolis, S. Paulo - Brasil	Entre as páginas 24 e 25	24
	Escolas-Reunidas em Santo Antonio da Alegria, S.Paulo - Brasil	Entre as páginas 40 e 41	24
	Escoteiros em exercício de sinalização, S. Paulo - Brasil	Entre as páginas 56-57	24
	Um escoteiro da "Cruz Vermelha", S. Paulo-Brasil	Entre as páginas 56-57	24
1927	Alumnos dum Grupo Escolar, em marcha para gymnasticas. S. Paulo-Brasil	Entre páginas 32 e 33	26
	Carreta de Socorros e Compras-Grupo Escolar de S. Jose do Rio Pardo-S.Paulo-Brasil	Entre páginas 32 e 33	26
	"Descansar", 2º Grupo Escolar de Catanduva, S. Paulo-Brasil	Entre as páginas 48 e 49	26
	Acampamento de escoteiros do Grupo Escolar de S. Jose do Rio Pardo-S. Paulo-Brasil	Entre as páginas 64 e 65	26
	Uma aula de gymnastica Grupo Escolar Butantan-S.Paulo-Brasil	Entre as páginas 64 e 65	26
	Escola Normal da Praça da República, S.Paulo - Brasil em aula de gymnastica	Entre as páginas 16-17	27
	"Grupo Escolar" João Florencio" de Tatuhy, S.Paulo-Brasil, Turma de escoteiros e escoteiras"	Entre as páginas 16-17	27
	Grupo Escolar de Santo Andre, Estação de S. Bernardo, S.Paulo-Brasil, Uma classe em exercicios phisicos	Entre as páginas 47-48	27
	Terceiro Grupo Escolar do Braz. S.Paulo-Brasil.Uma classe em exercicio gymnastico	Entre as páginas 47-48	27
	Grupo Escolar de Casa Verde -S.Paulo, Brasil - Alumnas de 1º anno que tomaram parte no jogo de <barra bola>, a 15 de novembro de 1926	Entre as páginas 16 e 17	28
	Grupo Escolar de Monte Alto - S.Paulo-Brasil. Exercicios Gimnasticos	Entre as páginas 31 e 32	28
	Grupo Escolar de Socorro-S.Paulo-Brasil. Um grupo de Escoteiros	Entre as páginas 31 e 32	28
	3º Grupo Escolar do Braz - S.Paulo-Brasil. Um grupo de escoteiros	Entre as páginas 63 e 64	28

1927	"Grupo Escolar João Köpke. S.Paulo-Brasil	Entre as páginas 15 e 16	29
	Grupo Escolar de Monte Alto. S.Paulo-Brasil. Uma classe feminina em Gymnastica	Entre as páginas 32 e 33	29
	Escolas Reunidas do Maracahi. S.Paulo-Brasil. Jogo entre 2 escoteiros	Entre as páginas 32 e 33	29
	Escola Normal da Praça da República. S.Paulo-Brasil Uma fase do jogo de <bola ao cesto>	Entre as páginas 64 e 65	29
	Escola Normal da Praça da República. S.Paulo-Brasil Em preparo para o jogo de <Bóla ao cesto>	Entre as páginas 16 e 17	30
	Grupo -Escolar <Conde de Parnahiba>Jundiay. S.Paulo. Gymnastica sueca por alunos e alunas	Entre as páginas 32 e 33	30
	Escola Normal da Praça da República. S.Paulo-Brasil Uma fase do jogo de Bóla-Balão	Entre as páginas 48 e 49	30
	Demonstracao de gymnastica pedagogica, por alumnos da Escola-Modelo "Caetano de Campos", sob a direc;cao do Professor Tritjof Detthow	Entre as páginas 16 e 17	31
	Collectivo de cerca de 4000 crianças dos Grupos-Ecolares da Capital de S.Paulo, sob a direcção do prof Augusto R. de Carvalho, Inspetor Geral de Educacao Physica. S.Paulo - Brasil.	Entre as páginas 16 e 17	31
1927	Escoteiros do Grupo-Escolar de Monte Altob - S.Paulo-Brasil.	Entre as páginas 64 e 65	31
	Directotia e demais membros da "Caixa Escolar" das Escolas Reunidas de Itoby -S.Paulo-Brasil.	Entre as páginas 64 e 65	31
	Escoteiros do Grupo-Escolar da Rocinha, em Jundiay, - S.Paulo-Brasil.	Entre as páginas 16 e 17	32
	Um dos aspectos da <<Festa da Criança>> - Grupo-Escolar de Avare. - S.Paulo-Brasil.	Entre as páginas 32 e 33	32
	Escola Normal de Piracicaba - S.Paulo-Brasil.	Entre as páginas 80 e 81	32
	Ilustração do Artigo- Uma exposição de desenhos de crianças na sala de aula do Jogo d P'ella - publicado em o numero 31 desta Revista.	Entre as páginas 86 e 87	32
	Grupo-Escolar de S. Simao - S.Paulo-Brasil. Gabinete Dentario.	Entre as páginas 16 e 17	33
	Grupo-Escolar <Flamingo Lessa> - Guaratingueta - S.Paulo-Brasil. Comissão de escoteiros que fizeram a excursão Guaratingueta-Roseira, ida e volta, num percurso de 32 kilometros, no dia 12 de junho de 1927.	Entre as páginas 16 e 17	33
	2º Grupo-Escolar no Espirito Santo do Pinhal - S.Paulo-Brasil. Alumnos em Gymnastica Sueca.	Entre as páginas 32 e 33	33
	Trabalhos manuaes executados pelos alumnos do 4º anno do Grupo-Escolar "Cel. Joaquim Salles", de Rio Claro, regido pelo professor Pedro Crescenti.	Entre a página 66 e 67	33
	Escola Normal do Braz - S. Paulo-Brasil. Grupo de alumnas em gymnastica sueca.	Entre as páginas 70 e 71	33
Escola Normal de casa Branca -S.Paulo-Brasil. Homenagem aos aviadores do JAHÚ.	Entre as páginas 80 e 81	33	

De acordo com seus editores, essa *Revista* visava à uniformização do método de ensino para o público infantil, como se nota no fragmento abaixo:

Esta Revista, destinada a tratar dos interesses geraes do ensino, vem se dedicando, com particular cuidado, à didática quanto à sua applicação directa no meio escolar primário¹⁹.

Assim ás suas – LIÇÕES PRATICAS E LIÇÕES DE COISAS, ella tem procurado imprimir um caracter verdadeiramente pratico, de mol a produzirem ellas o maximo de proveito e utilidade ás crianças. Nem sempre, porém, cumpre conhecel-o, taes lições têm attingido o escopo desejado; nem sempre tem sido desenvolvidas consoante todos os requisitos que lhe devem sêr inherentes. São tantas e tão delicadas as condições de ordem didactica a que ellas precisam subordinar-se; são tantas as observações de natureza pedagogica que nellas se enquadram que forçosamente, alguma coisa ha de escapar ao mais arguto espirito em matéria de ensino (REVISTA ESCOLAR, N° 6, 1925, p. 1).

A *Revista Escolar* (1925-1927) ainda se propunha a garantir que os professores, principalmente os que se encontravam em início de carreira, fizessem uso do conteúdo de seus respectivos artigos durante as suas aulas; tal escopo também se explicitou em diferentes editoriais do periódico:

É óbvio, portanto, que os trabalhos aqui registrados e praticamente desenvolvidos, não representam modelos únicos a adotar nas classes escolares.

Eis porque a Revista Escolar apenas se limita, neste particular, ao papel de mera orientadora, como já ficou dito. Entretanto, no exercício de tão modesta função, nem por isso deixa de considerar-se útil às escolas, porquanto si há no seio do professorado um elevado número de membros a quem a capacidade técnica aliada a um longo tirocínio dispensa toda e qualquer orientação, muitíssimos professores há a quem o pouco tempo de exercício ainda não acepilhou os acúleos que soem interceptar-lhes os primeiros passos no caminho do ensino.

É para estes, principalmente, que a Revista versa assuntos no terreno prático de pura didática, aplicada ao ensinamento primário. É para todos, entretanto, que ela trata, em suas várias seções, de questões que se enquadram no domínio da Pedagogia e das quais todo espírito dotado de senso crítico poderá auferir algo de proveitoso (REVISTA ESCOLAR, N° 4, 1925, p. 1-2).

¹⁹ O ensino primário ou de primeiras letras destinava-se à escolarização das crianças por meio do ensino de leitura, de escrita e da aritmética, além dos princípios cívicos e morais. Ele ocorria em escolas públicas (isoladas ou reunidas e nos grupos escolares) e nas particulares, muitas das quais eram religiosas. Além disso, essa revista no primeiro número pontua em seu Editorial que também se volta à educação infantil (Revista Escolar, nº 1, jan. de 1925, p. 1).

Muitos dos educadores da época que publicaram na *Revista Escolar* (1925-1927) partiam do princípio que, findado o analfabetismo e tendo construído o caráter nacional, seria possível formar uma população trabalhadora e produtiva e que não fosse dada aos vícios e à boemia, como podemos observar abaixo:

Demos liberdade aos nossos educandos, auxiliando-os a obterem hábitos de ordem, de estudo e de trabalho, sem imposição nem castigos. Cheguemos até a alma do menino, compreendamo-la, e com método, amor e perseverança, pregando com a palavra e os factos, ensinemo-lhe o caminho que conduz á verdade, recordando á sentença de Democrates: “A ignorância do Bem é a causa do mal” (*Revista Escolar*, 1925, Número 1, p.57).

O bem deveria ser ensinado à criança nos bancos escolares. Ele seria composto pelo estudo, a educação e os princípios da boa moral. Aprendidos esses valores, a criança os levaria para a família e para a vida.

Com relação à popularização do ensino, a *Revista Escolar* (1925-1927) apresenta a República como responsável pela chegada do tempo do trabalho livre e assalariado, do acesso ao ensino e aos modernos meios de informação e cultura, como sugere o trecho retirado de seu exemplar de número 29 (1927) que:

E’ preciso que a elite operaria tenha os meios de desenvolver suas forças, que actualmente ficam quasi sempre perdidas. O mais humilde assalariado tem direito como o rico, de beber nas fontes fecundas da sciencia, si as suas concepções mais desenvolvidas para ahi o impellem.
O operário hoje não é mais um escravo. A riqueza não monta guarda à porta das escolas; estas se tornaram acessíveis a todos.
Num paiz industrial, o ensino technico tem quase a mesma necessidade que o ensino geral e é preciso nos acuparmos mais d'elle (REVISTA ESCOLAR, N° 29, maio, 1927, p. 15-16).

No entanto, percebemos que a luta de classes é evidente não apenas nos conflitos e revoltas sociais, mas também no que tange ao acesso aos bancos escolares. Situação tão aviltante quanto a que havia no Império quando os escravos eram proibidos de acessar à escola; já as mulheres e os meninos pobres que, mesmo tendo a permissão para o aprendizado da leitura, eram vetados do conhecimento da escrita e da matemática (HILSDORF, 2006).

Entendemos também que um dos intuitos da *Revista Escolar* (1925-1927) era instruir e formar o professorado paulista, em meio a um período turbulento, repleto de conflitos e tensões, a fim de direcionar meios e métodos de ensino para o crescimento de uma nova cultura e educação a partir do direcionamento do ensino aos novos cidadãos do país. A esses, seria dado o saber da racionalidade matemática e fabril que contava com uma conotação

matemática do tempo dentro dos padrões de urgente urbanização e desenvolvimento pregados pelo avançar da modernidade.

Com base nessa concepção, é importante compreender a cultura da época a partir da de ideia de que:

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um sistema (THOMPSON, 1998 *apud* TABORDA, 2008, p. 152).

Tomamos os periódicos como campos de disputa políticas e de visões de mundo que se mostravam por meio de suas páginas – como no caso da *Revista Escolar* (1925-1927). Esses periódicos tinham como destino principal a elite letrada da sociedade republicana paulista, contudo, se consideramos a circularidade das práticas culturais podemos entender que suas ideias e visões de mundo ultrapassavam tal destinação, chegando de uma forma ou outra até as camadas populares.

As visões de mundo – ou seja, a forma de enxergar a educação, a criança e o corpo e a formação integral dessa criança e da própria sociedade entre o grupo que detinha sob seus olhares o editorial da *Revista Escolar* (1925-1927) e o grupo de oposição a este contribuíram para a formação de zonas de conflitos e tensões em torno das questões educacionais dentro do estado de São Paulo da década de 1920.

1.4 O ano de 1927: nele teria ocorrido uma inflexão editorial?

Em 1925, a Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo estava sob o comando de Pedro Voss. Nesse momento, deu-se a criação da *Revista Escolar* (1925-1927) e, João Pinto e Silva, membro integrante da Sociedade de Educação de São Paulo, foi nomeado seu redator-chefe (NERY, 2001).

Pedro Voss era professor graduado pela escola complementar da época tendo uma formação normalista. A escola normal existente no final do império e início da República era exclusiva para a formação de professores. No período de sua formação, Pedro Voss participou da Diretoria do Grêmio Literário “Arcádia Normalista”, inclusive como vice-presidente do grêmio. Em 1895, lecionou como professor da terceira Escola-Modelo do Estado de São Paulo (Escola-Modelo Prudêncio de Moraes, também conhecida como Escola da Luz) e, um

ano depois, em 1896, veio a se tornar diretor dessa mesma escola. Com o ingresso de Carlos de Campos na presidência do Estado de São Paulo, em 1924 (CASTRO, 2012), o “tradicionalista” (MORAES 2003), como ficou conhecido o professor Pedro Voss, foi nomeado diretor da Diretoria Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo.

A denominação que divide os educadores da época em tradicionalistas ou liberais é descrita como sendo:

[...] as versões comumente aceitas na literatura educacional, que admitem e existência de duas concepções ou propostas diferenciadas de educação, particularmente no que se refere ao ensino popular e profissional, uma dos particulares – no caso, os denominados liberais reformadores, incluindo os educadores da renovação educacional – e outra do Estado, representado pelos carcomidos do PRP e seus aliados no campo do ensino, os educadores da corrente tradicionalista (MORAES, 2003, p. 330).

Com a chegada de Carlos de Campos (pertencente ao Partido Republicano Paulista – PRP) ao governo do estado de São Paulo e do professor normalista Pedro Voss na Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, foi determinado o fechamento da Sociedade de Educação²⁰ e da Liga Nacionalista²¹. Nesse contexto, temos ainda várias represálias ao jornal *O Estado de S. Paulo*. Muitos governistas consideravam que essas três entidades haviam sido coniventes com as revoltas tenentistas que emergiram em 1924. (VIDAL, 2011).

Deu-se, então, o início aos movimentos que culminariam na Reforma Educacional de 1925. Esta, por sua vez, além de reestruturar a Diretoria de Instrução Pública, também ofereceu combustível para as questões de disputas políticas, uma vez que recebeu as acusações de ser inconstitucional e de limitar-se a atender apenas à educação de ensino primário. Essas acusações renderam críticas à política educacional da época, em especial à Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, por meio da publicação no jornal *O Estado de S. Paulo*, do Inquérito de 1926, documento redigido por Fernando de Azevedo. Nesse Inquérito vê-se que:

Se o clima geral emulado pela década dos centenários embalava o Inquérito, o microclima as contendas locais precisava seus contornos. Não era por

²⁰ A Sociedade de Educação foi fundada pelos dirigentes do jornal *O Estado de S. Paulo* na década de 1920. Nesse período foram dirigentes do jornal em questão Júlio de Mesquita, seu filho, Júlio de Mesquita Filho, Francisco de Mesquita e Nestor Pestana.

²¹ A Liga Nacionalista foi formada no ano de 1917, tendo como seus alvos o desenvolvimento da instrução pública da população brasileira com o objetivo de manter a unidade nacional e garantir o direito ao voto dos cidadão letrados. (VIDAL, 2011). Os educadores e jornalistas Júlio de Mesquita Filho, Nestor Rangel Pestana e Monteiro Lobato fizeram parte da Liga (NERY, 2011).

acaso que a condução da enquete se constituía em um diálogo direto com a reforma de Instrução Pública implantada em São Paulo, em 1925, por Pedro Voss, tecendo-lhe duras críticas tanto no que tangia aos objetivos quanto aos métodos empregados (VIDAL, 2011, p. 104).

O Inquérito redigido por Fernando de Azevedo possuía 16 questões que foram respondidas pelo professor M. B. Lourenço Filho, dono da cadeira de Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal primária de São Paulo (VIDAL, 2011), além de Sud Mennucci, Francisco Azzi, A. Almeida Junior, Renato Jardim e José Escobar²². Essas questões e respostas se opunham francamente às ideias defendidas por Pedro Voss.

A *Revista Escolar* (1925-1927), enquanto um campo de disputas utilizou-se do seu direito de resposta em diferentes artigos, principalmente a partir de sua publicação de número 20:

Quem quer que examine a actual reforma da instrucção publica entre nós, estudando-a á luz da critica severa mas leal, dessa critica meticulosa em sua analyse, porém nobre pelo seu espirito constructor, verá que ella presidiu im criterio elevado e seguro.

Dizer desse trabalho, em boa hora confiado á Directoria de Instrucção Publica, analysal-o em todos os seus detalhes, seria obra de grande mérito, pois evidenciaria não só o zelo com que tratamos os assumptos relativos ao ensino em S.Paulo, como demonstraria a importancia que actualmente este ensino representa para a educação da infância de nossas escolas (REVISTA ESCOLAR, N° 20, 1926, p. 1).

As respostas às críticas sofridas demonstram que:

O panorama das contendas no campo político e educacional, brevemente traçado, particularmente no que diz respeito ao ano de 1926, permite-nos identificar a constituição (ainda que provisória) de grupos em litígio pela orientação do estado e da educação paulista. No entanto, a compreensão das condições de produção do Inquérito não esgota as possibilidades de seu entendimento. Opõe-se uma leitura das temáticas abordadas (VIDAL, 2001, p. 110).

Uma das questões suscitadas pelos grupos em litígio, formados em torno da publicação da *Revista Escolar* (1925-1927), foi a questão da adoção do escolanovismo e dos métodos pedagógicos utilizados para implantação dessa forma, então considerada, uma moderna proposta de ensino.

²² Os educadores M. B. Lourenço Filho, Sud Mennucci, Francisco Azzi, A. Almeida Junior, Renato Jardim e José Escobar faziam parte da Sociedade de Educação, a qual foi extinta por Pedro Voss em 1925.

O escolanovismo ou o Método da Escola Nova era o que havia de mais inovador para a educação na época e estava sendo disseminado em São Paulo (cidade que recebia as novidades vindas com as indústrias e com o grande trânsito de mercadorias e ideias estrangeiras pelo Porto de Santos (MATOS, 2008) e pelo Rio de Janeiro - Distrito Federal do Brasil (FAUSTO, 2012) .

Preconizando a formação institucionalizada do cidadão instruído na Primeira República brasileira, a *Revista Escolar* seguia no rumo do escolanovismo:

O primeiro princípio da Escola Nova diz que a personalidade do educando deve ser respeitada e sua liberdade aceita. A espontaneidade, a criatividade e o esforço individual devem ser estimulados. O segundo, entende o processo educacional como algo em mudança constante, numa compreensão funcional deste, tanto no seu aspecto individual quanto social dando grande importância à atividade. A cooperação social, ou seja, a escola deve ser organizada como uma comunidade, pois a aprendizagem deve ocorrer em situações de vida social é o terceiro deles. E, finalmente, o quarto entende que cada indivíduo tem suas características próprias influenciadas pelo meio em que vive.

Ao falar sobre os princípios da Liga Internacional de Educação²³ os artigos ressaltam então os princípios de escola-novismo. E mais, os ideais escolanovistas haviam sido expostos pela Liga no ano de 1925. Portanto, podemos observar que, no tocante à parte teórica, a *Revista Escolar* estava a par do que havia de mais recente sobre a educação nova (NERY, 1993, p. 54-55).

A proposta escolonovista se contrapunha ao método intuitivo pregado pela Lição de Coisas da *Revista Escolar* (1925-1927) ao mesmo tempo em que abraçava o método analítico disseminado por esse mesmo periódico pedagógico por meio dos seus diversos artigos.

O escolanovismo disseminado pela *Revista Escolar* (1925-1927) defendia uma educação integral (NERY, 1993) da criança, já que:

Os seus métodos seriam voltados a formar indivíduos ativos, capazes de tomar decisões, preparados para enfrentar as mudanças que se sucederão durante o transcorrer de suas vidas. Ou seja, era preciso uma educação de maneira a formar o indivíduo apto a viver nessa sociedade (NERY, 1993, p. 55).

A *Revista Escolar* (1925-1927), durante seus dois primeiros anos: 1925-1926, privilegiou o método de ensino intuitivo, também conhecido por Lição de Coisas ou Ensino pelo Aspecto (DARRÓZ e SCHELBAUER, 2007). Esse método pressupunha:

²³ Consta na tese de Nery (1993) que a Liga Internacional de Educação fora fundada no ano de 1925 pelo Instituto Jean Jacques Rousseau com sede em Paris (França).

[...] observar e trabalhar. Observar significa progredir da percepção para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento. Trabalhar consiste em fazer do ensino e da educação na infância uma oportunidade para a realização de atividades concretas, similares àquelas da vida adulta (VALDEMARIN, 2001, p.158-159 *apud* DARRÓZ e SCHELBAUER, 2007, p.77-78).

Tratava-se, portanto, de uma educação baseada nos sentidos que levaria a criança a aprender aquilo que lhe fosse abstrato a partir de elementos concretos. Elementos esses que viriam da vida do contato e manuseio de materiais do seu dia a dia, como, por exemplo: a madeira, o ferro, o vidro, algumas plantas, pequenas máquinas, fotografias, desenhos e gravuras, alimentos e outros tantos objetos. Enfim, tudo quanto o professor pudesse levar para dentro da sala de aula ou conseguisse visitar com as crianças em seus locais de origem ou de guarda.

A própria industrialização crescente do estado de São Paulo permitiu a fabricação de lousas, cartilhas, papéis, livros e a construção de museus pedagógicos e bibliotecas infantis, que tinham por intuito contribuir para embasar o conhecimento de professores e alunos, educar seus corpos e ampliar e até modificar a sua formação.

A questão sensorial está amparada nas sensibilidades, isto é, nos cinco sentidos (tato, olfato, paladar, visão e audição). Assim, preconizava a *Revista Escolar* (1925-1927) em seu número 16 de 1926 que:

Tratando-se, pois, das sciencias phisicas e naturaes nas classes infantis, a objectivação ahi deve imperar soberanamente, mesmo porque não há melhor estudo para desenvolver na criança o espirito de observação.

Cumpre, portanto, dar ao ensinamento dessa matéria um caracter essencialmente pratico e intuitivo, solicitando sempre os sentidos do discípulo em presença das coisas e dos factos reaes que o estudo lhe sóe proporcionar. E, quando isto não seja possível, jamais poderão faltar á observação e ao exame dos alumnos objectos, instrumentos, estampas, desenhos, mappas etc., empregados nesse estudo.

Realizem-se, pois, todas as experiências possiveis, tendentes a conduzir o alumno a um conhecimento exacto da materia, a compreender a sua utilidade e applicação (REVISTA ESCOLAR, N° 16, 1926, p. 2).

A formação das habilidades e do caráter do aluno seria dada pela valorização da observação e uso dos sentidos da criança. A partir desse procedimento, seria possível formar um cidadão de boa moral, espírito cívico nacional e educado para o trabalho, o que seria, ao lado da alfabetização, uma saída para a regeneração da alma perdida da população que ocupava o Brasil:

Perpassava fortemente o imaginário desses entusiastas da educação o tema de amorfia. Referido ao país, marcava-o como *nacionalidade em ser* a demandar o trabalho conformador e homogeneizador da educação. Referido às populações brasileiras, proliferava em signos da doença, do vício, da falta de vitalidade, da degradação e da degenerescência. O trabalho é, nessas figurações, elementos ausentes da vida nacional. As imagens de populações doentes, indolentes e improdutivas, vagando vegetativamente pelo país, somam-se às de uma população urbana resistente ao que era entendido como trabalho adequado, remunerador e salutar. Imigrantes a fermentar de anarquia o caráter nacional e populações pobres perdidas na vadiagem impunham sua presença incômoda nas cidades e comprometiam o que se propunha como organização do trabalho nacional. Regenerar as populações brasileiras, núcleo da nacionalidade, tornando-as saudáveis, disciplinadas e produtivas, eis o que se esperava da educação, erigida nesse imaginário em causa cívica de redenção nacional. Regenerar o brasileiro era dívida republicana a ser resgatada pelas novas gerações (CARVALHO, 2003, p.13-14).

O ideal de cidadão republicano seria dado ao trabalho, dono de um corpo forte e escolarizado, pronto para servir à sua pátria, a qual se tornaria forte a partir do trabalho e dedicação desse modelo de cidadão.

No final do século XIX, o método intuitivo passou a ser sugerido como opção para educação de crianças. (NERY, 1993). De acordo com esse método, as crianças obteriam conhecimentos a respeito de objetos, produtos e formas (meios) de produção através de experiências práticas. Somado a isso,

[...] o “*método intuitivo*”, com suas “*lições de coisas*”, é a peça central da lógica que preside o processo de institucionalização do sistema de Instrução Pública paulista. A lógica que põe a funcionar esse modelo é a da *reprodução de bons moldes*; da cópia ou imitação de modelos. Por isso, é o primado da visibilidade que lhe confere identidade: trata-se de modelo produzido por dispositivos visualizadores das práticas escolares que articulam e põem em cena uma concepção de pedagogia e de formação docente em que é central a noção de imitação inventiva de práticas exemplares (CARVALHO, 2013).

Nesse sentido, o método intuitivo defendia que o professor deveria ter uma conduta exemplar, para que este pudesse trabalhar com a formação do aluno dentro dos padrões republicanos de conduta desejados. Tal exemplaridade visava a formar futuros profissionais para o trabalho livre e assalariado, utilizando como principal veículo para os seus fins, o trabalho pedagógico apoiado nas sensibilidades já propostas por Pestalozzi e Froebel.

Ao citar Carvalho (1989), Nery (1993) explicita em sua pesquisa que o método intuitivo, nesse período, já era usual em países europeus como Alemanha e Suíça e também na América do Norte, mais especificamente, nos Estados Unidos²⁴.

O método intuitivo ou método indutivo valorizava a afetividade e os aspectos sensitivo e sensorial da criança, a partir da Lição de Coisas:

[...] servir-se-á do método indutivo demonstrativo e objetivo, e basear-se-á na experimentação, nas afirmações científicas e racionadas, para que os alunos tenham uma idéia clara do que lhes quer ensinar. Educação Artística, Intelectual e Moral – conhecimento de tudo quanto nos rodeia; conhecimento das ciências e das artes; sentimento do belo, do verdadeiro e do real; desenvolvimento e compreensão sem esforço e por iniciativa própria. Matérias: as matérias a serem iniciadas, segundo alcance das faculdades de cada aluno, constarão de leitura, caligrafia, gramática, aritmética, geometria, geografia, botânica, zoologia, mineralogia, física, química, fisiologia, história, desenho, etc (HARDMAN, 1914, p. 70-71 *apud* HILSDORF, 2011, p. 75).

Mediante o aprendizado oferecido pelos bancos escolares, os alunos construiriam um repertório de saberes. Tal repertório, de acordo com a habilidade de cada indivíduo, constituiria sua faculdade intelectual individual.

Para além do método intuitivo, a partir de 1926, a *Revista Escolar* (1925-1927) passou também a publicar artigos sobre o método criado pela italiana Maria Montessori²⁵, próximo ao ano em que fora implantada a Primeira República no Brasil²⁶. Esse método deveria ser trabalhado com crianças pertencentes à instrução de primeiras letras e ensino primário. A proposta de Montessori defendia o desenvolvimento de um trabalho pedagógico:

[...] baseado no estímulo da iniciativa e capacidade de resposta da criança, através do uso do material didático especialmente desenhado. O método propõe uma enorme diversificação das tarefas e a máxima liberdade possível, de tal maneira que a criança aprendia por si mesmo e seguindo o ritmo de suas próprias descobertas (PACIEVITCH, 2013)²⁷.

²⁴ Muitos dos artigos publicados na *Revista Escolar* (1925-1927) são traduções de artigos produzidos por autores norte-americanos residentes nos Estados Unidos.

²⁵ Maria Montessori nasceu na Itália, em 1870, foi a primeira italiana a cursar medicina, desenvolveu um trabalho com crianças deficientes, criou seu próprio método educacional (*Revista Escolar*, 1926, Número 23) e veio a falecer no ano de 1952, na Holanda.

²⁶ A Primeira República instituída no Brasil data do ano de 1889.

²⁷ PACIEVITCH, Tais. Bibliografia de Maria Montessori no site <<http://www.infoescola.com/biografias/maria-montessori/>> acessado no mês de agosto de 2013.

O método proposto por Montessori seria, para a *Revista Escolar*, uma releitura da pedagogia proposta por Foëbel:

A *Casa dei Bambini* representa precisamente uma refôrma fundamental do froebelismo nos seus meios de acção, inspirada exactamente nas experiencias realizadas posteriormente.

Para que se avalie bem o valor da antecipação genial que ha no foebelismo, basta lembrar que essa preocupação de influências, pela formação e pelo desenvolvimento dos sentidos, a educação do indivíduo, surgiu em uma época em que as mais sérias resistencias se oppunham ao conceito de uma co-relação entre o sêr phychico e o ser physico (*REVISTA ESCOLAR*, 1926, Número 23, p.6).

A *Revista Escolar* (1925-1927) foi responsável por divulgar a aceitação desse método em suas páginas para que os professores tivessem sua formação metodológica a partir dele ,e assim, o disseminassem pelas escolas públicas paulistas:

A difusão extraordinaria, operada desde 1911, com a tradução para o inglez (Estados Unidos) do livro sobre o methodo da illustre e insigne educadora, e em seguida a propagação que teve o mesmo na Suissa (Genebra) na Inglaterra, na Russia, na Allemanha, na Rumania, no Japão, na Hungria, na Hespanha, na Hollanda; enfim, em quasi todos os paizes do globo, tem despertado um crescente entusiasmo em favor das idéias montessorianas [...] falando em nome do governo, por ocasião do acto inaugural, o Inspector Central do Ministério de Instrucção Publica, com Alexandre Macucci, verdadeira autoridade em questão de ensino, commentou com elevada sympathia o decreto ministerial que instituía o curso e outras disposições atinentes ao mesmo, declarando que o acto de S. Exc.^a o Ministro da I. Republica cumpria uma aspiração da escola italiana e completava a obra de seu predecessor, o Ministro Giovanni Gentile, o qual, ao abordar a reforma da escola elementar, encontrou seus mesmos postulados philosophicos no espirito novo com que Maria Montessori havia animado sua csiencia da educação (*REVISTA ESCOLAR*, N° 23, 1926, p. 51-52).

Os números posteriores da *Revista Escolar* (1925-1927) também mostravam aos professores os meios pedagógicos que poderiam ser utilizados em aula para transmitir aos alunos os conhecimentos escolares de forma a garantir, a partir do método Montessori, a aprendizagem da criança por meio dos sentidos:

Elles se relacionam mais directamente com os atributos e funcções do sêr physico a desenvolver, que o methodo “Montessori” considera primordialmente um organismo cujos sentidos devem sêr levados á maxima intensidade perceptiva. O methodo “Montessori” não é e nem pôde pretender sêr uma coisa differente do froebelismo, nem antagonica ao sistema do grande educador allemão. E’ um passo culminante de sua evolução. A *Casa dei Bambini* é o jardim da infância reorganizado sobre bases mais racionais, mais positivas, mais scientificas (*CORYNTO DA FONSECA apud REVISTA ESCOLAR*, 1926, Número 23, p.7).

O grupo político conhecido por liberais adeptos do método analítico, se contrapunha fortemente à direção da *Revista Escolar* (1925-1927) em defesa de seu próprio método. Essa contraposição chegou a ser veiculada pelo território paulista, através da imprensa (jornal *O Estado de S. Paulo*).

O método analítico defendido pelos liberais e pelo escolanovismo foca seu ensino principalmente na leitura, na escrita e no ensino de contas, utilizando os testes de Coeficiente de Inteligência (Q.I). Esses testes (*tests* como aparecem nas publicações de 1927) levavam em conta principalmente a eficácia da leitura e da matemática para atribuir seus resultados, os quais poderão ser observados na figura 4 que é apresentada na página 65 dessa dissertação.

Talvez, uma das mais importantes questões que permeava as discussões relativas ao método analítico e suas zonas de disputa, fosse a sua ligação com a Reforma Educacional Sampaio Dória (1920) a qual define o método como sendo:

[...] elaborado em consonância com o que o autor entendia como psicologia evolutiva da criança e encontrava o seu fundamento no paralelismo entre esta e o processo de evolução da humanidade, para não contrariar a natureza infantil e, muito ao contrário, valer-se da força favorável das leis que regem o seu desenvolvimento. Era, assim, que o *método de instrução analítica* se radicava no coração mesmo da lei da *recapitulação abreviada*, fazendo-se, conforme a psicologia evolutiva da criança, como processo metódico de passagem da visão sincrética para a sintética, medidas pelos processos analíticos (CARVALHO, 2011, p. 21-22).

Vale esclarecer que, de acordo com Marta Carvalho (2011) Sampaio Dória previa, com base na psicologia infantil, uma disseminação mais efetiva de medidas higiênicas nas instituições escolares que se ramificariam pela sociedade, além do incentivo ao esporte como garantia da formação de uma população forte e saudável.

As provocações em relação ao método de ensino intuitivo publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo* passaram a ser respondidas pelos editoriais da *Revista Escolar* a partir do ano de 1926:

Entre nós, as questões relativas ao ensino publico, mormente quando se referem ás instituições escolares, mui raramente são tratadas pela imprensa com a atenção que reclamam.

Em geral, o prurido de ostentar erudição sacrifica o senso analytico que, no caso, deveria predominar. Dahi resulta não ficar o assunto esclarecido e, ás vezes, nem sequer são assinaglados os pontos que realmente demandam rectificações, ou aperfeiçoamentos. O espirito critico, ao invés de applicar-se a uma analyse calma, refletida, tendo por escopo examinar, corrigir e guiar, mentem-se no terreno meramente theorico, sob domínio dum verbalismo

insólito, sem nenhum resultado pratico e positivo (REVISTA ESCOLAR, N° 23, 1926, p. 1).

Apesar de não termos conseguido acesso ao número 25 do ano de 1927 da *Revista Escolar* (1925-1927), no rastro do que considerou Nery (2001), notamos que logo no primeiro mês do ano de 1927 a *Revista Escolar* (1925-1927) surge com inovações conforme coloca em seu edital:

A Escola Nova, que tão brilhantemente traduz a evolução da ciência do ensino, proclama agora a Cultura ativa destinada a desenvolver, em toda plenitude, o eu da criança, isto é, a cultivar-lhe a individualidade ao controle das suas inclinações, tendências, vocações, etc. [...] Procura, enfim desenvolver-lhe as atividades, para a vida consciente, de sorte que os fatos mentais se realizem à égide duma reflexão clara, dum raciocínio seguro (REVISTA ESCOLAR, N° 25, 1927, p. 1 *apud* NERY, 2001, p. 11).

Sabemos que nenhuma mudança pedagógica ou cultural ocorre de forma abrupta. Um fato que nos chamou a atenção é que constatamos uma mudança significativa no teor e na posição dos editoriais do ano de 1927 acerca do escolanovismo, em especial a partir do mês de abril desse ano, conforme podemos observar:

1° - O fim essencial de toda a educação é preparar a criança para querer e realizar em sua vida a supremacia do espírito; aquella deve, pois qualquer que seja o ponto de vista em que se coloca o educador, aspirar em conservar e accrescentar na criança a energia espiritual.

2° - Deve respeitar a individualidade da criança. Esta individualidade não póde se desenvolver sinã por meio duma disciplina que conduz à liberdade das potencias espirituais que há nella.

3° - Os Estudos e, duma maneira geral, a aprendizagem da criança, isto é, aos que acordam espontaneamente nella e que encontram sua expressão nas múltiplas atividades de ordem manual, intelectual, esthetica, social e outras.

4° - Cada idade tem o seu character próprio. E' necessário, pois, que a disciplina pessoal e a collectiva se organizem para as crianças com a colaboração dos mestres; ellas devem tender a reforçar o sentimento das responsabilidades.

5° - A competencia ou a concorrência, egoísta, deve desaparecer da educação e sêr substituída pela cooperação, que ensina a criança a pôr sua individualidade a serviço da communhão dos póvos.

6° - A coeducação reclamada pela "Liga" – coeducação que significa a um tempo, instrucção e educação commum, exclue o trato identico imposto aos dois sexos; porém implica uma colaboração que permite a cada sexo exercer livremente sobre o outro uma influencia saudavel.

7° - A educação nova prepara na criança, não só o futuro cidadão capaz de cumprir os seus deveres para com o proximo, a nação e a Humanidade em seu conjunto, sinão tambem o sêr humano, consciente de sua dignidade de homem (REVISTA ESCOLAR, N° 28, 1927, p. 27-28).

Mesmo as mudanças não ocorrendo de forma abrupta, algumas delas puderam ser claramente observadas por nós ao longo desta pesquisa. A partir do mês de janeiro de 1927, a *Revista Escolar* (1925-1927) passa a dar maior ênfase no ensino dos exercícios ginásticos e das questões higiênicas.

A fim de darmos visibilidade a tais mudanças, organizamos quadros que nos auxiliaram a comparar o ocorrido ao longo dos números da *Revista Escolar* durante os três anos de sua publicação (1925-1927). Esses quadros, publicados pela *Revista Escolar* (1925-1927), demonstravam como seria dada e em que seria baseada a quantificação da inteligência da criança.

Uma das principais diferenças entre a ênfase dada por parte da *Revista Escolar* (1925-1927) ao Método Intuitivo, entre os anos de 1925 e 1926, e ao Método Analítico, entre o final do ano de 1926 e durante os anos de 1927, são as questões sensitivas e psicológicas da pedagogia aplicada na educação escolar e, em especial, dos testes utilizados para quantificar o desenvolvimento do aluno.

Na Figura 3, que é composta por três páginas, apresentamos o teste realizado para avaliar o desenvolvimento intelectual das crianças. Esse teste, publicado em 1925 na *Revista Escolar* número 9, seria realizado a partir da Escala-métrica de Binet-Simon:

FIGURA 3 – Escala-métrica de Binet-Simon

REVISTA ESCOLAR		29
ESCALA-MÉTRICA DA INTELIGENCIA		
<p>Para os que se dedicam á cultura da infancia é de grande importancia o saber avaliar o gráo de desenvolvimento intellectual das crianças, sua normalidade, ou anormalidade, por meio de <i>tests</i>, isto é, provas experimentaes adaptadas á idade de cada <i>sujeito</i> a ellas submettido.</p> <p>Apresentamos, pois, o seguinte quadro onde, a par da "<i>Escala-metrica de Binet-Simon</i>" — o primeiro trabalho que appareceu no genero — vêm outras duas, sendo uma por Medeiros de Albuquerque, no seu livro "<i>Tests</i>" e outra por Faria de Vasconcellos nas suas "<i>Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental</i>."</p> <p>A' obsequiosidade do Dr. Carlos da Silveira, illustrado lente de Pedagogia na Escola Normal da Praça da Republica, devemos a organização da presente tabella, pelo que, nossos agradecimentos.</p>		
ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TESTS estão conforme se vê no livro de Binet — " <i>Les idées modernes sur les enfants</i> ".	ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albuquerque, em seu livro — " <i>Tests</i> ".	ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a exposição de Faria de Vasconcellos, em seu livro — " <i>Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental</i> ".
<p>3 MEZES. — Ter um olhar voluntario.</p> <p>9 MEZES. — Prestar attenção ao som. Pegar um objecto após contacto ou após percepção visual.</p> <p>1 ANNO. — Discernir os alimentos.</p> <p>2 ANNOS. — Andar. Desempenhar um encargo. Indicar as necessidades naturaes.</p> <p>3 ANNOS. — Mostrar o nariz, os olhos, a boca. Repetir dois algarismos. Enumerar as personagens e objectos duma gravura. Dar o nome da familia. Repetir seis syllabas.</p>	<p>3 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Apontar o nariz, os olhos, a boca. 2. Repetir grupos de dois numeros digitos. 3. Enumerar os objectos que se vêem num quadro. 4. Dizer o seu nome de familia. 5. Repetir uma phrase de seis syllabas. 	<p>3 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mostrar o nariz, os olhos, a boca. 2. Repetir phrases de seis syllabas. 3. Repetir algarismos. 4. Apresentação duma gravura. 5. Nome da familia.

ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TESTS estão conforme se vê no livro de Binet — "Les idé's modernes sur les enfants".	ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albuquerque no seu livro — "Tests".	ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a exposição de Faria de Vasconcellos, em seu livro — "Lições de Pedagogia e Pedagogia Experimental".
4 ANNOS. — Dar o sexo. Dizer o nome duma chave, uma faca, um <i>sou</i> . Repetir tres algarismos. Comparar duas linhas e indicar a mais comprida.	4 ANNOS: 1. Dizer o seu sexo. 2. Dizer o nome duma chave, um canivete, uma moeda corrente. 3. Repetir tres numeros digitos. 4. Comparar o tamanho de duas linhas.	4 ANNOS: 1. Sexo da criança. 2. Nomear objectos familiares. 3. Repetição de algarismos. 4. Comparação de duas linhas.
5 ANNOS. — Comparar duas caixas de peso differente e indicar a mais pesada. Copiar um quadrado. Repetir uma phrase de dez syllabas. Contar quatro <i>sous</i> simples. Recompôr um jogo de paciência formado de dois pedaços.	5 ANNOS: 1. Comparar os pesos de duas caixas em tudo o mais eguaes. 2. Copiar um quadrado. 3. Repetir uma phrase de dez syllabas. 4. Contar quatro moedas. 5. Unir a metade dum rectangulo bi-partido.	5 ANNOS: 1. Comparação de dois pesos. 2. Cópia dum quadrado, com uma penna. 3. Repetição duma phrase de 16 syllabas. 4. Jogo de paciência (reconstituição dum rectangulo.) 5. Contar quatro vintens.
6 ANNOS. — Distinguir a mão direita e a orelha esquerda. Repetir uma phrase de dezesseis syllabas. Fazer uma comparação de esthetica. Definir objectos familiares, pelo uso. Desempenhar tres encargos. Dizer a idade. Distinguir a manhã e a tarde.	6 ANNOS: 1. Distincção entre a manhã e a tarde. 2. Definir palavras familiares pelo seu uso. 3. Copiar um rectangulo. 4. Contar treze moedas. 5. Distinguir rostos bonitos e feios.	6 ANNOS: 1. Mão direita, orelha esquerda. 2. Repetição de phrases (16 palavras.) 3. Comparar duas figuras sob o ponto de vista esthetico (6 cabeças de mulher.) 4. Definições de objectos conhecidos. 5. Execução de tres recados quaesquer, simultaneamente. 6. Idade (quantos annos tem.) 7. Distincção entre a manhã e a tarde.
7 ANNOS. — Indicar lacunas de figuras. Dar o numero dos dias. Copiar uma phrase escrita. Copiar um losango. Repetir cinco algarismos. Descrever uma gravura. Contar treze <i>sous</i> simples. Dar os nomes de quatro especies de moeda.	7 ANNOS: 1. Mostrar a mão direita e a orelha esquerda. 2. Descrever um quadro. 3. Executar tres ordens dadas ao mesmo tempo. 4. Contar o valor de seis <i>sous</i> , dos quaes dois duplos. 5. Reconhecer as quatro cores principaes.	7 ANNOS: 1. Preencher lacunas de figuras (4 figuras a que faltam olhos, nariz, bocca, braços.) 2. Numero de dedos. 3. Cópia, a penna, dum modelo escrito (3 palavras). 4. Cópia dum losango. 5. Repetição de cinco algarismos. 6. Contar 13 vintens simples. 7. Nomear quatro especies de moedas usuaes.
8 ANNOS. — Fazer uma leitura* e della conservar duas lembranças. Contar tres <i>sous</i> simples e tres duplos e dar o total. Dar o nome de quatro côres. Contar de 20 a 0, descendo. Com-	8 ANNOS: 1. Comparar, de memoria, dois objectos. 2. Contar de 20 até 0. 3. Notar omissões em figuras. 4. Dar o dia da semana e do mez.	8 ANNOS: 1. Leitura dum acontecimento, com conservação de 2 lembranças.* * Notar o tempo gasto na leitura e si esta é soletrada, syllabada, hesitante, corrente, expressiva.

* 45 palavras.

ESCALA DE BINET-SIMON, onde os TESTS estão conforme se vê no livro de Binet — "Les idées modernes sur les enfants".	ESCALA DE BINET-SIMON, segundo Medeiros e Albuquerque no seu livro — "Tests".	ESCALA DE BINET-SIMON, de accordo com a exposição de Faria de Vasconcellos em seu livro — "Lições de Pedagogia e Pedagogia Experimental".
<p>parar dois objectos de lembrança. ** Escrever sob ditado.</p> <p>9 ANNOS. — Dar a data completa do dia. Indicar os dias da semana. Definir, melhor do que pelo uso. Fazer uma leitura e della conservar seis lembranças. Dar o troco de vinte sous. Dispôr cinco caixas segundo o peso dellas. ***</p> <p>10 ANNOS. — Enumerar os mezes do anno. Reconhecer as nove peças de nossa moeda. **** Compôr duas phrases nas quizes se achem tres palavras dadas. Responder a oito perguntas de intelligencia.</p>	<p>5. Repetir cinco numeros digitos.</p> <p>9 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dar o troco de 20 sous. 2. Definir, sem sêr pelo uso, palavras familiares. 3. Reconhecer todas as moedas correntes. 4. Dizer os nomes dos mezes em ordem. 5. Responder facilmente a um certo numero de perguntas praticas. <p>10 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dispôr por ordem de peso cinco caixinhas eguaes em fórma, tamanho, côr. 2. Copiar de memoria dois desenhos. 3. Criticar affirmações absurdas. 4. Responder a certas perguntas mais difficeis que as do anno anterior. 5. Usar tres palavras em não mais que duas phrases. 	<ol style="list-style-type: none"> 2. Contar nove vintens (3 simples, 3 dobrados.) 3. Nomeação de 4 côres. 4. Contar, ás avessas, de 20 a 0. 5. Escrita ditada. 6. Comparar dois objectos, de lembrança. <p>9 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Conhecimento da data do dia. 2. Dias da semana. 3. Voltar o troco de um cruzado. 4. Definições superiores ao uso. 5. Disposições de peso em ordem decrescente (3, 6, 9, 12, 15 grammas.) <p>10 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Mezes do anno. 2. Nomeação de nove peças de moeda. 3. Construção duma phrase com tres palavras que se dizem. 4. Perguntas de intelligencia, de comprehensão: <p>1.^a serie: Quando se perde o comboio, que se deve fazer? Quando um companheiro nos faz mal senquerer, que se deve fazer?</p> <p>2.^a serie: Quando se parte atrazado para a escola, que se deve fazer? Quando nos perguntam a nossa opinião sobre alguem que não conhecemos, que se deve fazer? Porque é que se deve apreciar alguem pelos seus actos e não pelas suas palavras?</p> <p>11 ANNOS:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Criticas de phrases. 2. Sessenta palavras em tres minutos (notar o numero e o encadeamento.) 3. Definições abstractas. 4. Pôr em ordem palavras (reconstituir uma phrase com palavras dispersas.)
<p>** Uma borboleta e uma mosca, por exemplo.</p> <p>*** 3 6, 9, 12, 15 grammas.</p> <p>**** Moeda franceza.</p>		

Os testes apresentados pela Figura 3 estão baseados no desenvolvimento das questões relativas aos cinco sentidos do ser humano (audição, olfato, paladar, tato e visão). Essa seria uma educação realizada sob os pilares das sensibilidades.

A seguir, em comparação à figura 3, segue a figura 4 com o teste de Quociente de Inteligência, o qual foi trazido para o Brasil pelos professores C.A. Baker, M.A e T.H.M.

Esse teste (*test*) avaliaria, ou quantificaria, a inteligência da criança por meio da habilidade e agilidade da leitura, da escrita e da resolução de exercícios de matemática e raciocínio lógico:

FIGURA 4: Quadro de acertos referente aos *tests* de inteligência construído pelo Dr. Woody e implantados no Brasil em 1927.

Nome do aluno	Nota Gray	Rapidez	Compreensão	Edade Chronologica
Fulano Santos	40	125	60	150 (mezes)

Visto que estamos seguindo normas provisórias, pedimos que cada professor que empregar este *test*, mande um relatório completo dos resultados (seguindo a ordem indicada acima) para que seja possível corrigir as normas que temos e estabelecer outras permanentes.

C. A. BAKER,
Prof. de Psychologia de Educação e Methodologia,
no Collegio Baptista do Rio de Janeiro.

Fonte: REVISTA ESCOLAR, 1927, N°28, p.71. Acervo: CDAPH

A figura 4 mostra o resultado matemático relativo à quantificação da inteligência de um aluno fictício. Para que esses resultados pudessem ser obtidos, o aluno teria sido submetido a testes de leitura em língua portuguesa oral e escrita, matemática e raciocínio lógico.

No Quadro IV, abordamos as seções que compunham a *Revista Escolar* (1925-1927) ao longo do período de 1925 a 1927 e criamos uma coluna destinada a trazer sucintamente o conteúdo de cada uma destas seções. Para organizarmos esta coluna adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: a leitura das seções em cada um dos números das Revistas aos quais tivemos acesso por meio do acervo do CDAPH ou do acervo digitalizado do Arquivo Público do Estado de São Paulo que se encontra disponível *online* (exceto a *Revista Escolar* (1925-1927) de Nº 25) e anotamos os seus conteúdos. Posteriormente, criamos ainda mais duas colunas, uma referente ao ano e outra contendo os números da *Revista* de cada uma das seções lidas.

QUADRO IV: Seções da *Revista Escolar* publicadas em sua capa

Seções da Revista Escolar	Conteúdo Encontrado	Ano	Nº
Educação Physica	Apontava Jogos pré-desportivos que deveriam ser desenvolvidos com os alunos em ambiente aberto e em contato com a natureza.	1925	05, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 14 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32
Escotismo	Destacava o valor do escoteiro e suas principais ações e atuações.	1925	01, 02
		1926	13, 14, 15, 127, 18 19, 21, 22
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Instrução Publica	Abordava vários despachos realizados pelo Secretário do Interior. Em alguns momentos aparece como subtítulo para a seção Secretaria do Interior. Seu título também pode aparecer em alguns números como <i>Diretoria de Instrução Pública</i> ou ainda como <i>Diretoria Geral de Instrução Pública</i> .	1925	01, 03
		1926	14, 15, 16, 20
		1927	28, 29

Jogos Escolares	Abordava os jogos pré-desportivos. Logo passa a ser subtítulo da seção intitulada: Educação Physica.	1925	06
		1926	-----
		1927	-----
Lição das Coisas	Abordava produtos como algodão, ferro, chocolate, óleo de mamona, borracha, dentre outros, explicando sua forma de produção, sua importância e forma de comercialização.	1925	02, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Lições Práticas	Linguagem oral e escrita, Aritmética, Geometria, Geografia, Higiene, Anatomia.	1925	01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32
Literatura Infantil	Contos e poesias de caráter educativos com fundo moral e/ou cívico nacionalistas.	1925	01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Livros, Revistas etc	Apresentava os nomes de livros e autores a serem adotados e/ou que foram doados à editoração da <i>Revista Escolar</i> para publicação.	1925	07, 11
		1926	17, 18, 20, 22, 24
		1927	31, 32, 33
Methodologia	Seção que auxiliava na formação dos professores descrevendo o método que deveria ser aplicado no ensino dos alunos, como melhor utilizar desse método de ensino e qual seria esse método que deveria basear o ensino primário.	1925	01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19
		1927	-----
Músicas e Cantos Escolares	Contava com uma poesia e sua	1925	04, 05, 06,

	partitura para que pudesse ser tocada e cantada na escola. Normalmente possuía caráter nacionalista.		07, 08, 09, 10, 11
		1926	14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Nos Arraiaes do Ensino	Apontava diversas formas de ensino, inclusive o Ensino Normal e atuações profissionais.	1925	04, 07, 10, 12
		1926	23
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Notícias	Trazia assuntos de interesse do professor e demais agentes da vida escolar como publicação de circulares, período de férias escolares, guias, convites, programas de ensino e estatística.	1925	01, 02, 03, 04, 05, 06, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	15, 18, 21, 22, 23, 24
		1927	27, 30, 33
O <<Folk-Lore>> nas Escolas	Criava a cultura folclórica brasileira por lendas, trovas, versos e maldizeres.	1925	12 ²⁸
		1926	14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Página da Criança	Exercícios de raciocínio lógico que o professor poderia utilizar como atividade a ser realizada pelo aluno em sala.	1925	08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 16
		1927	-----
Pedologia	Tratava da forma de educação da criança. Seria um Tratado de Educação Infantil ou a ciência do primeiro ensino.	1925	01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	-----
Pelas Escolas	Mostrava a importância das escolas nas mais diversas localidades brasileiras e trabalho possíveis de serem desenvolvidos – como, por exemplo, o trabalho manual.	1925	01, 02, 04, 05, 06
		1926	-----
		1927	-----
Questões Geraes	Discorria sobre palestras, congressos, a disciplina a ser	1925	01, 02, 05, 06, 07, 08,

²⁸ Nesse número a seção “O <<Folke Lore>> nas Escolas” apareceu pela primeira vez na *Revista Escolar* como subtítulo da seção “Educação Physica”.

	requerida pela escola, a disciplina a ser ministrada pelos professores e descrevia a educação cívica.		09, 10, 11
		1926	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33
Resenha Pedagógica	Descrevia o trabalho desenvolvido diversas instituições de ensino, fossem elas nacionais ou internacionais (do sul, centro ou norte da América).	1925	-----
		1926	21, 22, 23, 24
		1927	26, 29, 30, 31, 32, 33
Secretaria do Interior	Trazia diversos atos da Secretaria e publicava editais, a legislação própria da educação e os despachos realizados.	1925	01, 06, 09, 12
		1926	13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
		1927	-----
Trabalhos Manuaes	Discutia a importância de se desenvolver trabalhos manuais com a criança para que ela aprendesse o ofício e desenvolvesse o gosto pelo trabalho.	1925	-----
		1926	-----
		1927	28, 33
Vultos e Factos	Biografia de alguns ícones nacionais que deveriam ser tratados como heróis.	1925	03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12
		1926	13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23
		1927	26, 27, 29, 31, 32, 33

Fonte: Seções da REVISTA ESCOLAR publicadas em seu sumário, independente de ter ou não autoria.

Com relação às seções apresentadas pela *Revista Escolar* (1925-1927), notamos que em cada uma delas são transmitidos os ideais de conhecimento, de cultura, de educação, de sanitarismo e de civismo pretendidos para a formação dos alunos. Esses ideais, como descrevemos anteriormente, eram estimulados por meio de um método de ensino intuitivo (principalmente até o ano de 1926) e analítico (em especial a partir do ano de 1927) dentro da aprendizagem que deveria ser disseminada nas instituições escolares paulistas, em especial naquelas pertencentes ao ensino público:

A importancia da phase preparatoria, constituidas pelas palestras expostas é fácil e claramente demonstravel porque:

1º Desembaraça a criança do acanhamento natural que trazem de seus lares, especialmente as que residem nas zonas ruraes, e as torna conscientes de seus actos mais communs e de suas posições relativas à sociedade.

2º Torna o professor sciente do grau de capacidade de cada alumno, habilitando-o a apreciar, directa e naturalmente as diferenças e semelhanças existentes entre todas as crianças. Finalmente, enriquece o vocabulario dos alumnos recém-matriculados, base primordial para se ministrar o ensino da leitura pelo methodo analytico.

E' uma questão de indiscutivel valor que um professor nunca deverá exigir de seus alumnos expressões oraes de qualquer relação das idéas que ellas exprimem.

Essas idéas poderão ser relacionadas com palavras pelos seguintes meios:

1º Pelos sentidos, isto é, vento tocando, etc...os objectos

2º Por meio de estampas e desenhos dos objectos que não possam ser apresentados directamente aos alumnos.

Depois que as crianças souberem associar a um certo numero de objectos as palavras oraes, isto é, aprenderem um sufficiente numero de vocabulos, poderá o professor iniciar o ensino da leitura, que consiste na associação da palavra escrita, recordando a idéa reconstituída pela palavra oral. As palavras, primeiramente, só poderão ser estudadas, reunidas em sentenças, constituindo a primeira phase do ensino da leitura analytica.

A segunda phase consiste na analyse dos diferentes elementos das palavras. (EVILASIO A. DE SOUZA in *REVISTA ESCOLAR*, N.º 15, p.65-66).

Vê-se, no trecho acima, que a utilização de ambos os métodos, intuitivo e analítico auxiliam o professor no ensino da leitura e que são complementares como uma forma de transição entre um e outro. Essa transição persistirá até o fim das publicações dos exemplares da *Revista Escolar* (1925-1927), uma vez que os números desse periódico pedagógico oficial publicados até o ano de 1927 continuam mantendo as seções Lições de Coisas e Lições Práticas. No entanto, a partir do ano de 1927, pudemos observar a ênfase da *Revista* nas questões ligadas à psicologia infantil, o que pudemos observar na comparação dos testes que pretendiam quantificar a inteligência, ou o desenvolvimento da inteligência de cada aluno.

No Quadro V, encontrado a seguir, apresentamos apenas as seções cujos autores foram identificados nos diferentes anos de publicação da *Revista Escolar* (1925-1927). A confecção desse quadro nos levou a perceber que apenas as seções que tinham por intuito abordar a disseminação dos métodos educacionais (Intuitivo, Montessori e Analítico), a conduta do professor, a disciplina dos alunos e a inculcação do sentimento cívico e nacionalista é que possuíam autoria. Pudemos, ainda, observar que tais autorias se davam, em grande parte, por traduções de autores internacionais como podemos observar em uma das palestras de Francis Parker (1926) traduzida para a seção *Questões Geraes* no ano de 1926 do exemplar de número 20 da *Revista Escolar* (1925-1927):

As necessidades Moraes do homem são ainda mais importantes que as físicas ou intellectuaes.

Nessa época de desenvolvimento e aperfeiçoamento scientificos, ha perigo de descuidar do coração, preocupando-nos demasiadamente com o saber.

Precisamos installar no coração e na vida das crianças e da mocidade, alguma coisa definida, alguma coisa que impressione, alguma coisa que faça com que essas crianças e essa mocidade sejam amanhã homens e mulheres honestos, fieis e virtuosos, cidadãos honrados, íntegros (FRANCIS PARKER in *REVISTA ESCOLAR*, 1926, N.º20, p.8-9).

Esses artigos traduzidos, em sua maioria, demonstravam quais seriam os ideais de cidadão almejado pelos olhares da primeira República brasileira na segunda década de 1900.

QUADRO V: Seções da Revista Escolar (1925-1927) e seus respectivos anos de publicação

Seções de artigos com autoria registrada na <i>Revista Escolar</i> (1925-1927)	Anos de publicação
Escotismo	1925/1926/1927
Instrução Pública	1926
Literatura Infantil	1925/1926/1927
Methodologia	1925/1926
Músicas e Cantos Escolares	1925/1926/1927
Nos Arraiaes do Ensino	1925/1927
Notícias	1925/1926
O <<Folk-Lore>> nas Escolas	1926
Pedologia	1925/1926
Pelas Escolas	1925
Processo Educativo	1925
Questões Geraes	1925/1926/1927

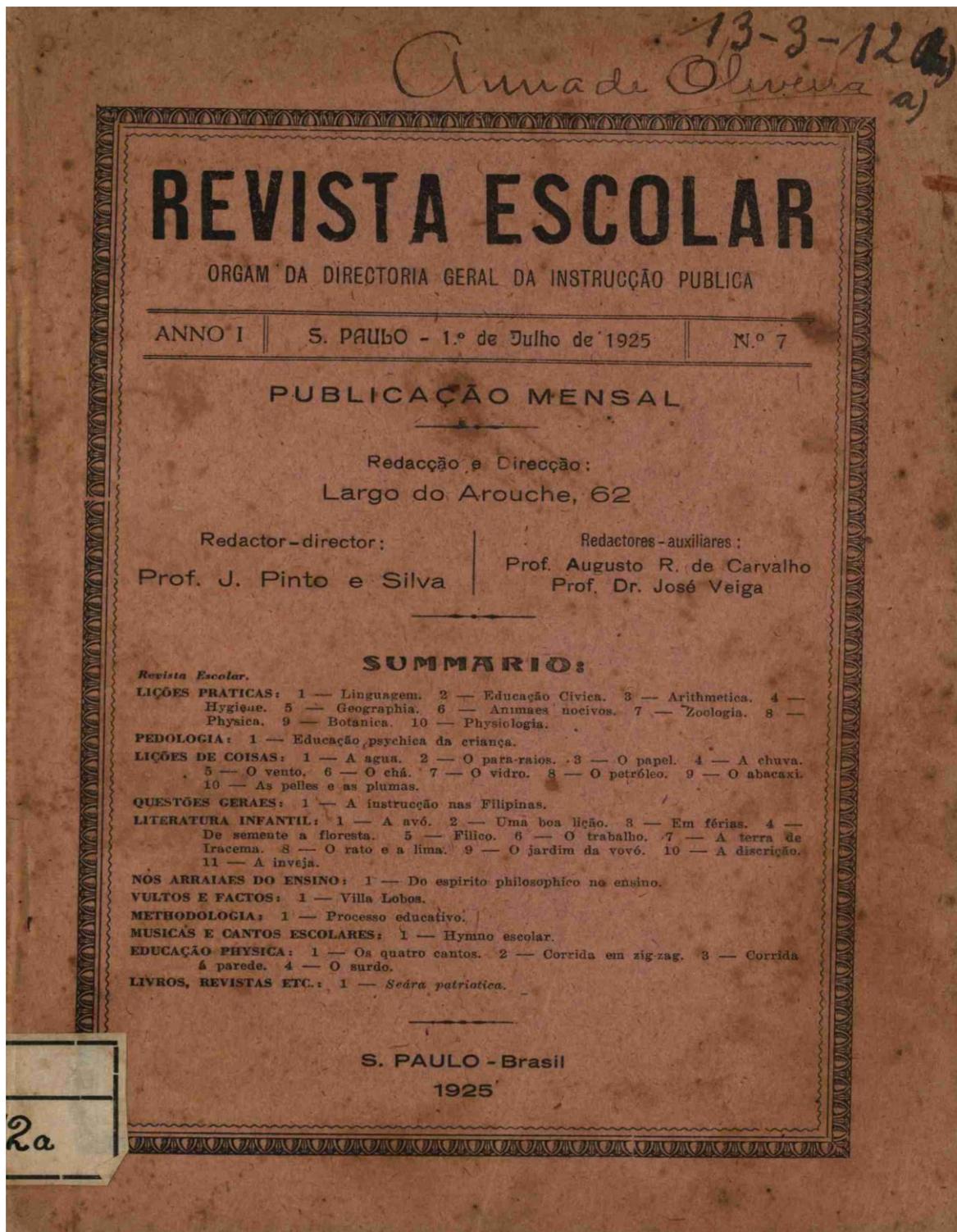
Resenha Pedagógica	1927
Trabalhos Manuaes	1927
Vultos e Factos	1925

Fonte: Seções publicadas, com autoria, na Revista Escolar, de acordo com seus respectivos anos de publicação.

Essas seções descritas no QUADRO V mostram como seria composta a grade disciplinar das escolas, quais os autores deveriam ser adotados e quais os ideais de ensino pretendidos pela República e pela Diretoria Geral de Instrução Pública dentro de um padrão de modernidade que abrigaria um ensino laico visando à boa moral e à exaltação e inculcação do civismo e do patriotismo.

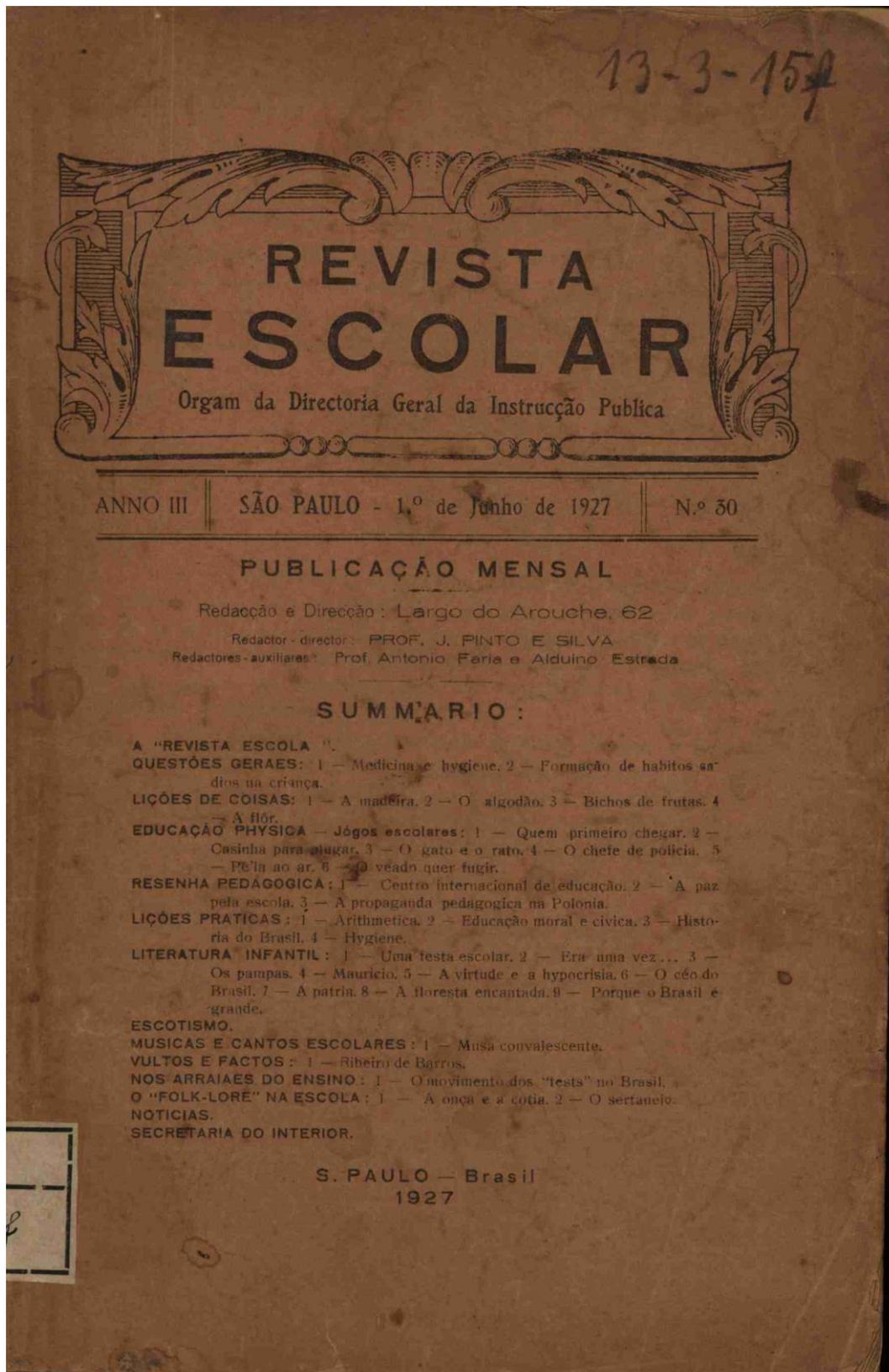
Além das modificações nas seções apresentadas pela *Revista Escolar* dos anos de 1925 e 1926 para o ano de 1927, as quais já foram apresentadas, ocorre também, no ano de 1927, uma modificação na diagramação da *Revista*. Essa nova diagramação, que é mais reta e, portanto, mais moderna e prática, assim como os ideais de escolas pretendidos pela Reforma Educacional Sampaio Dória (1920), permaneceu até o fim de suas edições, como podemos observar na comparação entre as capas do exemplar de número 7 e o de número 30 da *Revista Escolar* apresentados pelas figuras 5 e 6 a seguir:

FIGURA 5: Capa da Revista Escolar, Número 7 de 1925.



Fonte: Revista Escolar, 1925. N.º 7. Acervo: CDAPH

FIGURA 6: Capa Revista Escolar, Número 30, 1927.



Fonte: Revista Escolar, 1927. N.º 30. Acervo: CDAPH

Apesar dos novos tempos escolares descritos na *Revista Escolar* (1925-1927) não podemos deixar de pontuar que a sua matriz político-ideológica é caracterizada pela negação da luta de classes e que o acesso à formação escolar ocorre por meio das teorias pedagógicas impostas pelas elites letradas da época. Sendo assim, as políticas educacionais de então, como afirma Xavier (2011, p. 31) “[...] buscam o entendimento das instituições de ensino como aparelhos de inculcação da ideologia do Estado e de seu funcionamento como instrumento de esforço das hierarquias vigentes no âmbito das lutas de classes”.

Como parte dessa inculcação, temos as questões relativas à educação do corpo, a partir das quais destacamos a seção *Methodologia*, espaço privilegiado nessa pesquisa.

Decidimos pesquisar a educação do corpo nessa seção por entendermos que, ao tratarmos da formação de professor, estamos tratando da formação do professor exemplar. Logo, a temática da formação do professor está em franca conexão com a da educação do corpo, como abordaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II - A EDUCAÇÃO DO CORPO NA REVISTA ESCOLAR (1925-1927)

Educar é um processo, porque constitúe uma série de passos para a realização dum fim, o qual serve de alvo na série – o começo da série. Este fim considerado idéa, marcha para sua realização. Isto exige meios na formação dos diferentes passos. Assim, temos num processo: o fim ou proposito a realizar; os passos que medeiam entre o fim considerado como realidade objectiva; e os meios pelos quaes esses passos são dados. Todo processo educativo tem esses elementos orgânicos communs a qualquer processo (ARNOLD THOMPCKINS in REVISTA ESCOLAR, 1925, N.ª 1, p.30).

A seção *Methodologia*, por nós selecionada nesta pesquisa, não se remete – como pudemos ver pela citação acima – ao corpo de uma forma direta, mas ao ideal de educação proposta para ele. Dessa forma, apesar de trazermos parte dela neste capítulo, reservamos para este tema uma seção especial, o nosso capítulo terceiro.

Nesse capítulo, abordaremos as questões acerca da educação do corpo presentes nas as páginas da *Revista Escolar* (1925-1927) encontradas em todas as suas seções. Apresentaremos essas questões na relação com as fontes.

Diante das questões políticas, econômicas, sociais e culturais decorrentes do início da década de 1920, houve a necessidade de disciplinar e docilizar (FOUCAULT, 2010) os corpos da população paulista. Isso significa que a população deveria ser educada, formada e disciplinada no sentido de saber e atender àquilo que era pretendido e exigido dela naquele contexto social:

Em janeiro de 1921, o Congresso aprovou duas leis que dotaram o governo de instrumentos repressivos. Uma delas previa a expulsão dos estrangeiros cuja conduta fosse considerada nociva à ordem pública ou à segurança nacional. A outra regulou o combate ao anarquismo, considerando crime não só a prática dos atos violentos como fazer apologia dos delitos praticados contra a organização da sociedade (FAUSTO, 2012, p. 258).

Fazia-se necessário disciplinar esse homem enquanto ser social, agora, urbano. Educar o seu corpo para o trabalho, para a vida e para a convivência na cidade, para o tempo do trabalho que exigia a disciplina e o conhecimento da técnica. Com isso, desejava-se formar homens íntegros, bons trabalhadores e de moral ilibada, cidadãos letrados, ordeiros e civilizados. Nessa direção, seguia o ideal de educação do corpo defendido pela *Revista Escolar* (1925-1927) e pela Primeira República para todos os cidadãos brasileiros, em

especial os paulistas, particularmente aqueles que, de alguma forma, foram atravessados pelos preceitos pedagógicos adotados nas escolas públicas, a par das políticas educacionais validadas pelo governo do Estado.

Para isso, seria de extrema importância garantir uma educação do corpo voltada para a formação de “corpos e mentes sãos”, com o fito de garantir-se a consolidação de uma nação forte, potente e competitiva:

Como se vê, na Grecia, a cultura do espirito sempre foi associada a educação *physica*. O grande povo soube reunir no *gymnasio* todos os elementos indispensáveis á educação cívica, intellectual, moral e *physica*. A harmonia de fatores tão diversos era necessaria á grandeza dos gregos aos quaes com o facho da civilização coube conduzir a humanidade por tantos séculos. Os romanos modelaram as suas *thermas* pelos *gymnasios* gregos de epheso, Hieropolis, e outros. Não houve quem mais se compenetrasse da verdade inconcussa do axioma: – *Mens sana in corpore sano*. (REVISTA ESCOLAR, N° 33, p. 7)

Segundo a seção *Questões Geraes*, a partir dos ideais gregos de mente e corpo saudáveis, seria possível fazer uma nação forte dotada de sentimentos cívicos patrióticos. Era, então, nessa perspectiva, o dever da escola em educar os corpos na relação com o avanço da urbanização, da industrialização e do trabalho assalariado, posto que:

[...] a forma escolar de relações sociais só se capta completamente no âmbito de uma configuração social de conjunto e, particularmente, na ligação com a transformação das *formas* de exercício do poder. Como modo de socialização específico, isto é, como espaço onde se estabelecem formas específicas de relações sociais, ao mesmo tempo que transmite saberes e conhecimentos, a escola está ligada a formas de exercício de poder. Isto é verdadeiro não só em relação à escola; qualquer modo de socialização, qualquer forma de relações sociais, implica ao mesmo tempo na apropriação de saberes (constituídos ou não como tais, isto é, como saberes objetivados, explícitos, sistematizados, codificados) e na aprendizagem de relações de poder (LAHIRE, THIN, VINCENT, 2001, p. 17).

A *Revista Escolar* (1925-1927) pode ter contribuído, portanto, para a consolidação de uma determinada concepção de educação do corpo no estado paulista no período da Primeira República por se tratar de um periódico pedagógico e oficial que circulava no mercado

paulista. Esse periódico nos incita a observar as instituições escolares como espaços que também disciplinam²⁹ o corpo. Como sugere Bueno (2007) o corpo urbano e escolarizado é:

[...] aquele que vivenciou o processo da educação escolar, em período marcado pela representação da escola enquanto espaço e referência privilegiada de práticas socioculturais, centradas em valores da modernidade. O contraponto ao corpo do homem urbano escolarizado seria aquele que, por qualquer motivo, tivesse ficado à mercê ou sido excluído do universo escolar, sem ter passado pelo processo da educação formal. (Bueno (2007, p. 195-196).

O corpo escolarizado seria capaz de acolher os ideais morais e cívicos pretendidos para uma população que deveria trilhar os caminhos do patriotismo. Isso porque, na percepção dos editores da *Revista*, parte significativa da população parecia se entender como imigrante, colono, ex-escravo e índigena (CARVALHO, 1998, 2011; FAUSTO, 2012; SCHELBAUER, 2011). Além disso, mesmo os filhos de imigrantes nascidos no Brasil podiam ser denominados como “descendente de...”, ao invés de se identificarem como brasileiros, como mostra o trecho a seguir:

Iracema é uma brasileirinha inteligente. Conta apenas onze annos de idade e ja possúe o diploma de um grupo-escolar de S. Paulo. Presentemente ella se acha de passeio em Portugal, pátria de seus paes (B. REZENDE in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, Número 7, p.78)

Na referida história acima que conta três páginas, Iracema é uma menina filha de um casal português que estuda na escola pública paulista e vai visitar a pátria de seus pais. Lá, durante uma brincadeira com uma menina filha de um casal amigo de seus pais, ela conta as maravilhas existentes no Brasil e a menina, de nome Alice, fica ansiosa por conhecer tanta beleza natural e desenvolvimento industrial em um país que teria a capacidade de abrigar quinze França.

Assim, a *Revista Escolar* (1925-1927) valorizava, dentre outros aspectos, que os alunos e suas famílias e os nascidos em terras brasileiras eram parte da nação brasileira: uma nação com brasão, bandeira, hino, língua e heróis nacionais:

²⁹ Pactuamos com Viñao Fraga quando afirma que “Uma determinada leitura de Foucault – sobretudo em *Vigiar e Punir* – caracteriza a escola, limitada a um espaço fechado, junto a outras instituições disciplinares, de dominação e de controle, tais como quartéis, hospitais ou cárceres [...] essa concepção de espaço escolar, por si só, é insuficiente. Tal concepção esquece as diferentes funções que esse espaço desempenha”. (2001, p. 79).

Salve lindo pensão da esperança!
 Salve symbolo augusto da paz!
 Tua nobre presença, á lembrança
 A grandeza da pátria nos traz!
 (OLAVO BILAC in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 8, p.78).

O hino de culto à bandeira, de autoria de Olavo Bilac, era não só ensinado em forma de música como uma manifestação de carácter cívico como também parte da história dos heróis do Brasil apresentada pela seção *Vultos e Factos* que lembrava aos professores e alunos não apenas a história da bandeira, mas também a história que fez com que Olavo Bilac escrevesse um hino a ela.

Tendo as questões morais e patrióticas como um dos focos da República e, conseqüentemente, das instituições públicas de ensino, foram criadas bibliotecas infantis, as quais foram propagandeadas na *Revista Escolar* (1925-1927) como forma de incentivo a professores e alunos na utilização de seus espaços e recursos literários, como é possível observar no fragmento extraído da figura 7:

Um dos factores que concorrem poderosamente para o aperfeiçoamento do ensino é, sem duvida, a biblioteca para crianças. Sua preciosa cooperação no trabalho cotidiano do mestre é de indiscutível importância; representa um facto digno de toda meditação para aqueles que se dedicam ás nobilitantes lides do ensino.

E' ahi, nesse meio tão propicio ao seu desenvolvimento intellectual, é ahi, no convívio amigo dos livros, revistas, etc., adequados a sua novél intelligencia, que a infancia passa as suas horas de lazer, fortificando o espirito e abeberando-o na fonte crystalina das leituras sãs.

Como elemento collaborador da acção educativa da escola primaria, as bibliotecas infantis são, pois, um agente de primeira ordem no aperfeiçoamento da instrucção preliminar (P.S. in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, Número 1, p.50).

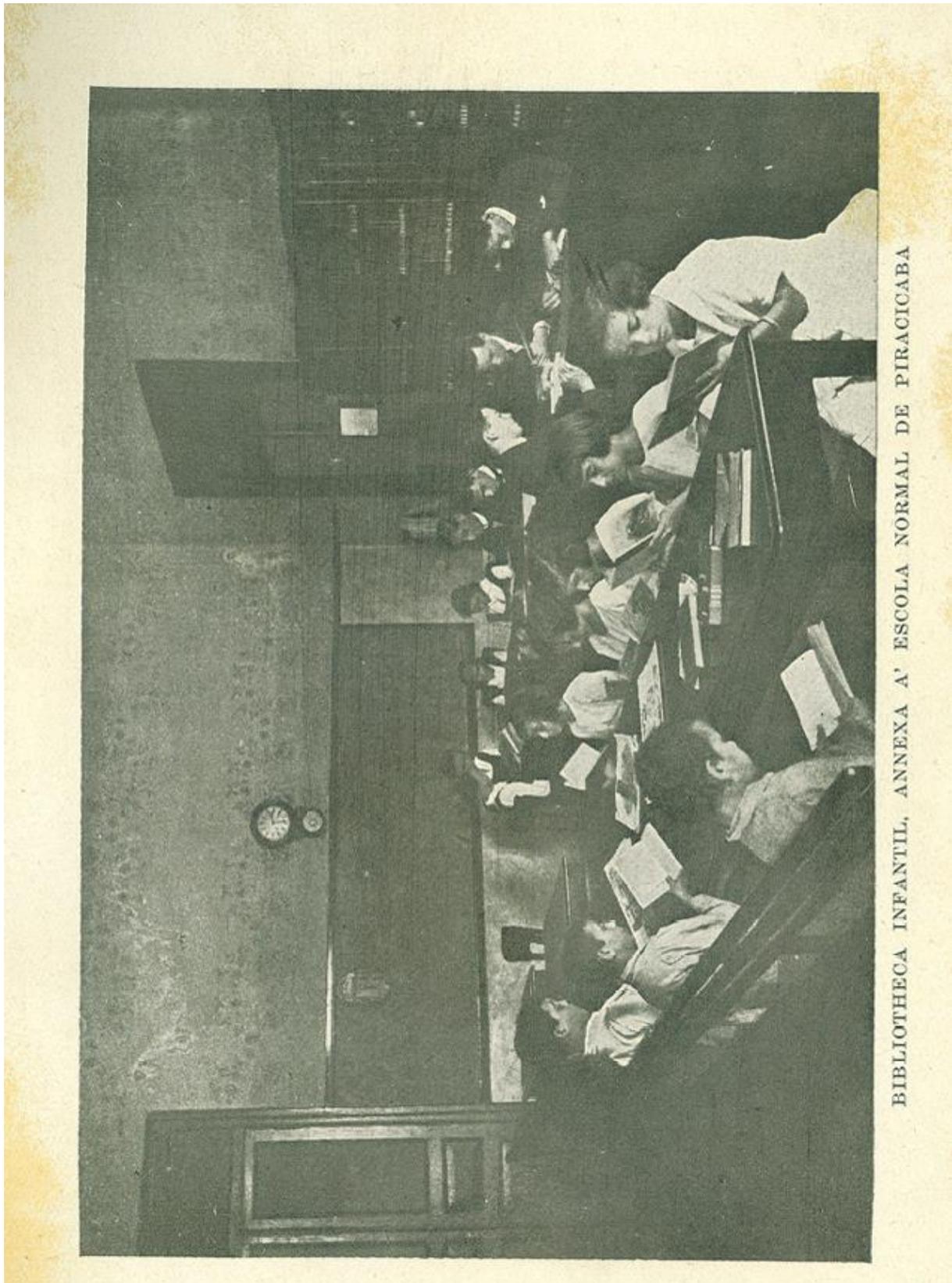
Outros aspectos da educação que deveriam ser transmitidos às famílias seriam aqueles relativos à higiene. A educação sanitária, a partir da Reforma Pedro Voss (1925) (ROCHA, 2003) passou a fazer parte do dia a dia das salas de aula pertencentes ao ensino público e deveria atingir toda a população como forma de controle das epidemias e fortalecimento da saúde da população como um todo:

Entretanto, nem só a infância deveria ser objeto da atenção desses novos agentes; importava incutir no espírito da criança e das famílias conseqüentemente, o carácter sanitário e básicos princípios de hygiene. Por meio das crianças procurava-se, desse modo, atingir suas famílias, ensinando-lhes um padrão de vida *civilizado*, expresso em práticas desejáveis de asseio pessoal e do vestuário, hygiene do lar, alimentação e cuidados com os filhos (ROCHA, 2003, p.147).

A educação da criança seria a porta para a disseminação da educação preconizada pela República para a família e todas as pessoas com as quais essa criança teria contato.

Além disso, a *Revista Escolar* (1925-1927) incentivou, em seu exemplar de número 5 (1925), a atividade de ensino e as pesquisas escolares dentro das chamadas bibliotecas infantis, como se nota na figura 7 reproduzida abaixo.

FIGURA 7: Bibliotheca Infantil



Fonte: Revista Escolar, 1925, Número 5. Encontrada digitalizada no site do arquivo público do Estado de São Paulo.< <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/upload/revistas/RE19250505.pdf>> Acesso em Maio de 2013. Apenas nesse exemplar da *Revista* existe uma foto que propagueia a Biblioteca Infantil.

Segundo a *Revista*, a educação advinda da escola e dos livros da biblioteca infantil traria aos pequenos estudantes a educação e o desenvolvimento dos preceitos intelectuais e morais. A biblioteca conferiria ao aluno o poder de escolha, considerando suas habilidades e aptidões culturais, literárias, artísticas industriais, dentre outras, por meio de novos conhecimentos que iriam ao encontro dos já aprendidos na escola.

A própria *Revista* colocou a disciplina escolar como sendo uma tensão pela qual passariam os corpos das crianças. Tensão esta que, diante das concepções dos próprios editores da *Revista*, era necessária. A biblioteca seria um local de fuga dessa tensão, ao mesmo tempo em que a disciplina propagada no ambiente escolar pudesse aparecer de forma mais leve, apesar de não estar sendo abandonada:

Além disso, atraídos por um ambiente propício, qual o dessas bibliothecas, absorvido no convívio amigo dos livros de leituras amenas e instructivas, os pequenos leitores alliviam-se dessa tensão requerida pela disciplina escolar, aliás necessária, não padece duvida, mas sempre um facto obrigatório, rodeado de certas e determinadas convenções, em que a sua iniciativa individual não póde deixar de sêr mais ou menos tolhida em suas manifestações. (*REVISTA ESCOLAR*, Nº5. Maio, 1925, p.1-2)

Assim, entendemos que para a *Revista Escolar* (1925-1927) as bibliotecas infantis deveriam ser um lugar prazeroso de aprendizagem e lazer, onde as crianças investiriam seu tempo em aprender disciplina e bons princípios por meio de livros que seriam instrumentos de instrução adequados à sua idade.

A biblioteca infantil deveria se apresentar por um ambiente modesto, no entanto, o editorial do qual foi extraído o trecho abaixo coloca que ela deveria contar, inclusive, com telas cinematográficas, as quais reproduziriam cenas instrutivas. Passando assim, o entendimento de que o ambiente modesto não deixaria de apresentar os avanços técnicos mais modernos da época às crianças pertencentes à escola pública:

[...] as bibliothecas dessa natureza, que, a par de boas leituras de conformidade com as aptidões e inclinações de cada frequentador, faz-lhes belas e úteis narrações; as bibliothecas dessa natureza, que, a par de boas leituras, apresentem, em telas cinematográficas, scenas instructivas, contribuem incontestavelmente para o aperfeiçoamento moral das crianças, como já dissemos: afastam-n-as das ocasiões más que as rodeiam em suas horas de lazer, atraem-n-as sempre para o bem. (*REVISTA ESCOLAR*, Nº5. Maio, 1925, p.2)

Portanto, as bibliotecas infantis poderiam também ser tomadas como espaços de disciplinarização dos corpos dos alunos, professores e de todas as demais pessoas que, de

alguma maneira, entrassem em contato com os preceitos educacionais que esses espaços propiciavam.

Um dos exemplos de textos ou histórias que deveriam ser transmitidos às crianças dentro do ambiente das bibliotecas escolares ou mesmo em sala de aula é o conto intitulado *Luciano*, publicado na *Revista Escolar* de número 18, no ano de 1926.

Esse conto que se apresenta sem autoria na seção *Literatura Infantil* encontra-se entre as páginas 68 a 70 da *Revista* e traz um episódio, talvez o mais importante, da vida de um rapaz chamado Luciano e de sua família. Trata-se de uma família bastante simples, formada por quatro pessoas, sendo elas: nosso personagem principal, Luciano, que contava apenas 14 anos de idade e era mineiro de profissão, assim como seu pai já falecido; sua mãe (uma senhora viúva) e suas duas irmãs mais novas. Luciano era um garoto com pouca força física considerando-se sua idade, mas o que lhe faltava em força muscular sobrava em coragem para trabalhar e, assim, conseguir as pagas que lhe ajudariam a garantir o sustento de sua mãe enferma e suas duas irmãs.

Para conseguir suas pagas, Luciano diminuía os pavios que explodiriam os barris de pólvora destinados a detonar parte das minas em prol de abrir caminho para o trabalho dos mineradores. Esse era um trabalho bastante perigoso, pois, ao atear fogo sob o pavio, o garoto teria que ser bastante ágil para escorregar morro abaixo em meio a pedras, capim e arbustos, e correr para se esconder junto ao restante dos mineiros antes que a explosão pudesse atingi-lo.

Esse perigo muito preocupava a mãe de Luciano que já havia perdido seu esposo na mesma mina por ter sido ele um funcionário bastante dedicado. No entanto, por necessitar do dinheiro que o filho recebia pelos perigosos serviços prestados, em meio a preces aflitas, a mãe permitia ao menino tal risco sem enxergar outra opção para o sustento da família.

Certo dia, já no abrigo com os colegas, com o coração ainda aflito após acender o pavio da maior quantidade de pólvora que já vira para poder detonar um enorme rochedo, Luciano e os demais mineiros pararam perplexos ao avistar a aproximação da carruagem do dono das minas após o seu condutor ignorar os avisos de perigo.

Como num súbito, Luciano correu o mais depressa que pôde e conseguiu apagar o pavio segundos antes de esse atingir o primeiro barril de pólvora.

Essa atitude heroica de coragem e lealdade rendeu a Luciano a garantia, pelo próprio dono das minas, de seu emprego nas minas e seu futuro. As únicas condições para isso seria a de que ele não mais se arriscaria pelo trabalho como naquele dia e que sua mãe continuasse a educá-lo como vinha fazendo.

Logo, o enredo do conto publicado na *Revista* e retomado anteriormente nos faz perceber que a lealdade, a coragem, a dedicação ao trabalho e à família também eram princípios que faziam parte dos ideais da *Revista Escolar* (1925-1927). Um cidadão educado precisaria também ser dotado dessas qualidades.

Esses preceitos tidos como qualidades são indícios de educação do corpo, pois trabalham as questões postas de como cada indivíduo deve se portar dentro do lugar ocupado por ele na sociedade.

Tal educação do corpo podia ser transmitida às crianças, em especial, através do escotismo. O escotismo, como já foi visto no QUADRO IV, trata-se de uma seção destinada a destacar o valor do escoteiro e suas principais ações e atuações. A própria *Revista Escolar* (1925-1927) classifica o escotismo como sendo “[...] a verdadeira escola que prepara o cidadão de amanhã – o corpo varonil, a alma generosa, a inteligência lucida – para bem servir ao seu paiz” (citação de J.V. in *Revista Escolar*, 1925, N2, p.86).

Essa seção da *Revista Escolar* (1925-1927) disseminava entre os professores, a importância que a prática do escotismo teria na vida presente e futura das crianças, para a sua formação de valores, e também no aprendizado da vida tanto no campo quanto nos centros urbanos por formar bons cidadãos:

Pratiquemos o escotismo, mas de maneira que em cada criança tenhamos um escoteiro completo: assim fazendo, teremos nas crianças de hoje o soldado de amanhã, dotado de um “corpo varonil”, “uma alma generosa” e uma “inteligência lucida”, prompto para defender a Patria na paz ou na guerra, habil para usar dos seus direitos e cumprir os seus deveres (J.V apud *Revista Escolar*, N.º 2 1925, p.88)

Entender os direitos e deveres de cidadãos propiciaria à criança crescer com o corpo forte e com uma moral embasada nos princípios socialmente aceitos pela República. Um escoteiro ainda deveria “[...] ter em mente que a riqueza de tua pátria depende mais dos homens que do dinheiro [...]” (*Revista Escolar*, 1926, N19, p.81) e que o corpo do escoteiro deveria ser capaz de “[...] suportar as privações, e o espírito bem disciplinado e habituado a avaliar as verdadeiras proporções das coisas” (*Revista Escolar*, 1926, N.º 19, p.81).

Outras questões também encontradas na seção *Literatura Infantil* são as descritas no trecho apresentado do poema “*Não Posso*” e “*Eu Posso*”, apresentado abaixo:

Não Posso é um preguiçoso,
Que nada quer fazer;
Um molle, um cabuloso,
Que foge ao seu dever.
Não tem que coma a mesa,

Nem miga tem de pão;
 No corpo, e sem limpeza;
 Na roupa, e só rasgão!
 (João Kopke *INRevista Escolar*, N.º 4, 1925, p.82).

Esse é um trabalhador diferente daquele apresentado como Luciano, o qual era um moço, ainda novo e já disposto, dedicado, fiel e bastante corajoso. Alguém que, mesmo com suas limitações físicas da idade, não deixará de se empenhar e até mesmo arriscar a sua própria vida para que não faltasse o sustento à humilde casa.

O trabalho enquanto virtude era algo recente para as pessoas que viviam na década de 1920. Isso porque, nesse período, a abolição da escravatura e, conseqüentemente, o trabalho que exigiria uma maior força física era ainda considerado por muitos uma atividade que deveria ser desempenhada apenas por pessoas em condição de escravidão.

Findo o escravismo em obediência à Lei Áurea, nem todos os escravos foram libertos ao mesmo tempo; logo, era preciso criar uma cultura de trabalho assalariado e também uma cultura de trabalhadores que consentissem trabalhar em postos anteriormente destinados a escravos. Para que isso pudesse vir a acontecer, as pessoas teriam que conceber o trabalho, fosse ele em ambiente fechado ou na exposição ao sol, como uma atividade que serviria para dignificar a vida do homem.

Assim, a disciplina e a educação do corpo para o trabalho se mostrava como tema recorrente e de grande relevância nas páginas da *Revista Escolar* (1925-1927). Isso se fazia, principalmente, por meio de histórias que pudessem influenciar a criatividade e a fantasia das crianças, bem como por meio de poemas que poderiam ser transformados em jograis ou mesmo declamados por algum membro integrante da sala de aula.

Como exemplo dessa dignificação por meio do trabalho seria a história do oleiro e seu pássaro, pois, possivelmente este conto trabalharia a importância do trabalho dentro do imaginário da criança. Esse conto narra que certo oleiro que trabalhava muito tinha um pássaro engaiolado próximo aos seus afazeres. Ele nunca havia dado muita atenção ao canto desse pássaro e certo dia, por não conseguir fazer nenhum vaso a contento, quase desanimado, ergueu seus olhos em direção à gaiola do pássaro. E qual não foi a sua surpresa ao perceber que o pássaro havia morrido.

Nesse momento, então, o dedicado oleiro percebeu que era o canto do pássaro que auxiliava a realização do seu trabalho, pois, mesmo o oleiro não lhe dando atenção, o pássaro lhe dizia por meio de seu cantar que apenas os pássaros e as pessoas que lhes escutam podem decifrar:

[...] - Trabalha, Oleiro! Todo o trabalho é alegria! Todo trabalho é canto! Na tua estancia pobre, o ouro do sol entra a flux, inundando-a. Nas tuas rudes mãos, o barro vil em que pisas, materia informe que os pés calcam e que o vento só levanta para deixar cair, anima-se, levanta-se em vaso, curva-se em amphora. O sol acende-o em irizações vivas; e tu, com ele, como Deus, cria a fôrma, cria a Belleza, cria a Utilidade! Trabalha oleiro! Trabalha enquanto eu canto a gloria immensa do teu esforço! Trabalha ao som da minha voz, que repete e que é sempre nova porque é sempre alegre! Trabalha, oleiro! E, quando terminares o teu fecundo labor, trabalha mais, continúa, recomeça[...]. (Arnaldo Barreto, 1927, N.º 28, p.42)

Sendo assim, o trabalho não seria apenas uma tarefa leve ou pesada, ele seria uma forma de demonstrar os valores sociais e morais de uma pessoa onde,

Uns, nascidos na opulencia e ate hoje nella vivendo, não conheceram a miseria; não sabem o que e uma dor de pae, ao ver chorar o filho, sem ter pão. Outros, nascidos pobres, edificaram a sua fortuna sobre um terreno humedecido de lagrimas dos infelizes que deshonestamente foram por elles espoliados. Outros ainda havia, que nascidos em lar humilde mas honrado, se tornaram, ricos a custa de sacrificios, trabalho e honradez. Riqueza assim adquirida traz conforto ao corpo e paz ao espirito (*Revista Escolar*, 1925, N7, p.71-72).

O trabalho deveria ser entendido enquanto qualidade própria dos seres humanos bons (VEIGA, 2002) e dignos. Cidadãos que, por assim proceder, obteriam de forma justa o seu sustento. O homem de boa moral deveria ter no trabalho a sua fonte de alegria e satisfação por ser essa tarefa um privilégio. A seção *Literatura Infantil* destaca o valor e a satisfação do trabalhador através de textos em prosa e em verso, como apresenta é notório no poema *O Mutirão*:

Depois de ter o estomago refeito
Do bom café, bolinhos de mandioca,
O alegre bando para a faina tóca...
Vai dar inicio a luta, satisfeito.

Reunidos no logar determinado,
Ao sonido da enxada lampejante,
Vergam o corpo, fírmes, para delante.
Cavando o chao, num gesto compassado.

Em breves horas o trabalho é findo,
E após, a turma lesta, resoluta,
Goza a victoria da feliz labuta,
Contando historias, palestrando e rindo (Antonio Faria – Seara patriótica
apud Revista Escolar, 1925, N.º 11, p.70).

O ideal de formação do corpo e das intenções do aluno para o trabalho e o lazer se fazia e se mostravam de maneira prática e contundente pelas páginas e preceitos trazidos pela *Revista*.

É interessante observar que a cultura da época, ou pretendida para a época, é retratada e passa a transparecer no decorrer do poema. Ao lê-lo, podemos perceber que não trata da parte da história de um único trabalhador, mas sim da história de um dia de trabalho de vários trabalhadores. Pessoas humildes que se alimentam de café e mandioca (macaxera) pela manhã e, mesmo com esse tipo de alimentação, mantêm seus corpos fortes para o trabalho, desempenham sua tarefa sem reclamar ou fraquejar. Esses trabalhadores fortes e animados pelo próprio trabalho, após um dia inteiro de esforço, cavando o chão, voltam para casa contando história, conversando e rindo como se o trabalho não lhe houvesse roubado as forças e o lazer³⁰ (HUIZINGA, 2000) não fosse necessário para o momento.

Poderíamos dizer que o poema mostra algo próximo do irreal. Mostra corpos incansáveis que nunca esmorecem, seja ao sol, seja à sombra. Um verdadeiro corpo-máquina, ou melhor, eram homens-máquina (SEVCENKO, 2009).

Esse trabalho, assim como apresentado no poema de Antonio Faria, enquanto fonte de satisfação e sustento deveria ser transmitido, desde cedo, às crianças para que essas pudessem ter o anseio por empregar suas forças em trabalhar, a fim de produzir tanto quanto o seu corpo suportasse para, assim, garantir o seu futuro, de sua família e de sua pátria.

Essa garantia de futuro também era transmitida por outras partes da *Revista*, como, por exemplo, na seção *Lições Práticas*, onde pudemos encontrar um diálogo a respeito desse assunto entre professor e aluno. Tais diálogos descritos na *Revista Escolar* (1925-1927) eram utilizados na catequese³¹ como forma de auxiliar o professor a conversar com seus alunos sobre os assuntos específicos, a fim de ensiná-los de maneira didática. No diálogo apresentado abaixo precisamos entender que a consoante *P* refere-se à fala do professor e a vogal *A* indica a possível resposta do aluno:

O que talvez va lhes parecer extraordinario é que no nosso corpo temos tres generos de alavancas;
 A.—Que engraçado!
 P. — No equilibrio da cabeça sobre a columna vertebral, temos ,alavanca interfixa. A resistencia e o peso da cabeça que tende a cair para a f rente; o ponto fixo ou ponto de apoio é a articulação do craneo com a columna

³⁰ O lazer aqui descrito é o momento de tempo livre que pode ser utilizado da maneira que melhor apraz a cada pessoa.

³¹ Ensino dos princípios e bases cristãs passadas às crianças na religião Católica Apostólica Romana.

vertebral; e a potencia esta nos musculos da nuca, que se contraem sustentando o peso, da cabeça.

Quando andamos, fazemos uso da alavanca inter-resistente.

A resistencia e o peso do corpo; o ponto de apoio e o contacto da ponta dos pés com o chão; e a potencia e representada pelos musculos das pernas.

A.—Falta a alavanca inter-potente.

P.—Desta especie ha muitas alavancas no nosso corpo.

Na flexao do ante-braço sobre o braço, a potencia e o musculo biceps; o ponto de apoio e a articulação do cotovelo, e a resistencia, o peso erguido pela mão (*Revista Escolar*, 1925, N8, p.24-25).

Esse homem que tem a pretensão de trabalhar como uma máquina concebe que as ações humanas devem sempre pretender alcançar o maior nível possível de rendimento e, para isso, não basta uma intenção. É necessário que se tenha um corpo educado nesse sentido. Logo, a *Revista* prevê que:

Enquanto jovens, devemos cuidar de fortalecer o espirito e o corpo, para mais tarde, quando homens, sentirmos as dadivas bemfazejas de um corpo são e um espirito são.

O alvo da Educação é este:- Desenvolver no homem os germens da sua natureza boa, preparal-o para os annos vindouros, para as luta, as adversidades. Vêde o escultor: toma de uma pedra bruta e transforma-a com o seu genio em imagem de perfeição, em symbolo de belleza.

A Educação tende para fim igual. (*Revista Escolar*, 1926, p.65).

Uma educação correta levaria o aluno a entender, aprender e introjetar tais conceitos no sentido de ser capaz de colocá-los em prática na sua vida, nas suas atividades e por meio de suas atitudes. Assim sendo, essa criança teria a possibilidade de crescer no sentido de alcançar o patamar do corpo e mente saudáveis (*Revista Escolar*, 1926):

De conformidade com os dados que se deduzem da história religiosa, durante o período da Réforma, as primeiras idéas do trabalho manual foram emitidas pelo monge augustinho – Martinho Luthero – a quem devemos também os passos iniciaes da cultura corporea ao mesmo tempo em que desenvolve o espirito. Coube pois ao reformador allemão a primazia de suggerir a idéa das occupações manuais, como factor educativo, para as crianças escolares.

Não foi “vox clamantis in deserto” a de Luthero; a sua opinião foi acolhida por homens illustres de seu tempo. Assim, Rabelais considerava o trabalho manual indispensável à educação das crianças, e Montaigne o recomendava com insistencia. E o celebre pedagogo – Comenius – reputando-o como elemento de grande alcance educativo era adepto fervoroso do ensino das artes, da pratica de profissão e do ensino de occupações manuaes (*Revista Escolar*, 1926, p.53).

O ensino e a prática dos trabalhos manuais levariam à educação do corpo dentro da disciplinarização dos seus sentidos (audição, olfato, paladar, tato e visão) dentro dos padrões

de beleza, saúde e educação socialmente aceitos dentro da cultura brasileira e, sobretudo, paulista que estava sendo construída. Isso porque, pelo olhar da *Revista*:

Acontece quasi o mesmo com as sensações do olfacto e do gosto, cujo papel e bem modesto na sciencia, embora offeregam um certo interesse a intelligencia, pois que podemos como o chimico dellas nos servir para distinguir a natureza dos corpos (F. Queyrat in *Revista Escolar*, 1925, N2, p.45).

A educação do corpo seria um importante trabalho a ser desenvolvido, principalmente com os alunos, uma vez que essa disciplina poderia auxiliá-los na distinção da natureza dos objetos, suas funções e funcionamentos, além de prepará-los para a utilização de cada um deles.

O próprio trabalho manual oportunizaria ao aluno o contato com os diferentes tipos e tamanhos de texturas e materiais, além da sua iniciação à prática da manipulação de diversos tipos de pequenas máquinas e ferramentas:

P.—Esse nosso sentido — o tato — é maravilhoso. Nos conta se um objecto é liso ou aspero, pequeno ou grande, frio ou quente, etc, etc. Temos o sentido do tacto em todo o corpo, mas é nas mãos, nos dedos e especialmente nas pontas dos dedos onde elle está mais desenvolvido (*Revista Escolar*, 1925, N.º 3, p.31).

O ensino pelo sentido e, em especial o ensino para o trabalho, se mostra na *Revista* como uma educação que sairia do papel jornal e seguiria o caminho da fala do professor para os ouvidos, tarefas, experiências e para a vida do aluno no seu laborioso desenvolvimento dentro e fora das instituições escolares.

Esse corpo, tendo seus sentidos educados, deveria se mostrar sempre firme e lépido diante de suas atividades. Essa educação do corpo do aluno seria dada pelos exercícios ginásticos³² propostos pela Educação Física da época.

Um dos princípios desse método é que o corpo deveria ser sempre treinado para se manter forte e ereto. Logo, o professor, dentre outros cuidados e alertas, deveria transmitir aos seus alunos que:

³² Os exercícios ginásticos, comumente classificados pela Educação Física como Método Ginástico Alemão e Método Ginástico Francês chegaram ao Brasil entre o final do século XIX e início do século XX. Tais métodos seriam utilizados como forma de construção e treinamento do exercito brasileiro. Esses métodos, em especial o método ginástico alemão passou a ser implantado nas escolas públicas no século XX.

O corpo não deve escorregar na carteira: esta posição impede a cabeça e os ombros á frente, curvando a columna vertebral para a frente e assim comprimindo as paredes da caixa thoraxica.

A educação physica precisa sêr obrigatória em toda a sala de aula, e todo professor deve conhecel-a tão bem ou melhor que as outras disciplinas que ministra.

Que adeanta o seu alumno ter-se formado com distincção numa escola superior, si de lá sahi incapacitado de iniciar sua carreira, devido á debilidade physica? (*Revista Escolar*, 1926, p.46-47).

Dessa forma, os exercícios ginásticos seriam importantes para a vida da criança, pois contribuiriam para o desenvolvimento de um corpo forte, saudável e disciplinado.

Essa expectativa frente aos exercícios ginásticos ficou bastante evidente no segundo editorial da *Revista Escolar* do ano de 1926. Nesse número, pudemos observar que, segundo os idealizadores do periódico,

Incontestavel é a importancia da GYNASTICA RACIONAL³³ na escola, pois é sabido que ella se dirige, simultaneamente, ao corpo, á vontade e á intelligência, concorrendo assim para a formação physica, intellectual e moral da criança. Com effeito, aquele que emprega esforços musculares bem dirigidos, adquire uma aptidão maior para QUERER e desta aptidão surgem modificações em suas disposições intellectual e moral da criança (*Revista Escolar*, 1926, N 20, p.2-3).

Apesar de ser chamada *Ginástica Racional*, o número 28 (1927) da *Revista Escolar* coloca como sendo o methodo ginástico privilegiado pelo seu editorial e, consequentemente, aquele que deveria ser disseminado entre as escolas públicas era o método ginástico sueco:

A gymnastica educativa deve attender a todos os musculos do corpo e dar movimento a todas as articulações.

Só a gymnastica pode dar um porte gracioso e elegante.

Não é substituida a a gymnastica pelos jogós, e geralmente, a predominante preferencia que se dá a certos esportes prejudica o desenvolvimento harmonico.

O methodo mais completo e mais bem organizado é incontestavelmente o sueco.[...] A gymnastica de conjunto (20 a 25) tem a vantagem de tornar-se attraente, menos fatigante e permite que se aproveite o precioso incentivo do estimulo que é a emulação. [...] A gymnastica educativa deve se considerar a introdução aos diversos desportos.

E' a arte que tem por objetivo dar ao corpo força e agilidade.

Consiste ella o conjunto de exercicios apropriados, disciplinados a uma systematização methodica (Dr. Bezerra de Mendes *IN Revista Escolar*, 1927, N.º 33, p.8-9).

³³ A Gymnastica Racional de que trata a *Revista Escolar* é um outro nome atribuído ao Método Ginástico Alemão. O chamado “o método ginástico alemão objetivou criar na população um forte espírito nacionalista com vistas à constituição de homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis a fim de promover a defesa da pátria e a unidade do povo”(PERDOMO, 2001).

O método ginástico sueco viria no sentido de exterminar os vícios da sociedade a fim de obter a formação de cidadãos saudáveis e com um corpo forte, prontos para serem úteis à produção industrial do país e à sua defesa em caso de guerras (SOARES, 1994).

Essa educação de corpo realizada pela ginástica seria oferecida tanto às meninas quanto aos meninos, ainda que de forma diferenciada e em aulas separadas. Às meninas, além da necessidade do corpo forte e saudável e da recusa aos vícios, era também pregado que participassem do escotismo, bem como serem boas moças prendadas e ordeiras, tanto nas suas condutas morais quanto nas suas intervenções sociais, já que:

A mulher, como o homem, precisa ter a sua consciência bem formada, bem definidas as suas atribuições, pela cultura da inteligência, pela formação do carácter pelo vigor do corpo e pela decisão da vontade. [...] nas lutas sociais, na vida evolutiva das sociedades, bem importante é a parte reservada à mulher, como colaboradora – mãe, irmã, amiga e companheira do homem. Uma e outro se completam. Dahi a necessidade imprescindível de se dar à mulher uma educação adequada que a prepare para a divina tarefa. E para isso, nada melhor que o escotismo [...] (Revista Escolar, 1927, N33, p.68-69).

A divina tarefa reservada às mulheres seria atribuída à capacidade de engravidar e ser mãe, um privilégio feminino. A essa tarefa, a mulher deveria chegar através de um casamento que apenas se concretizaria caso ela fosse considerada apta para ser dona de casa³⁴.

Os exercícios ginásticos promovidos e transmitidos por meio das aulas de Educação Física educariam os sentidos e as emoções da criança para o domínio próprio diante das mais diferentes situações de resistência, luta, competição, entre outras. Essa disciplina que contribuiria para formar um cidadão forte e saudável também guiaria a criança para a boa moral e conduta:

A cultura esthetica e pysical, contribuem fortemente para a moral e para a saúde. A musica, canto, literatura, etc, ao lado do trabalho assiduo, que cansa o corpo e o espirito, além de darem aos indivíduos algum gosto esthetico, furtam-n-os às ensanchas do crime e do vício (J.V. in *Revista Escolar*, 1925, N2, p.100).

O vício ao que se referia a *Revista* era, principalmente, o da ingestão de álcool. Nesse período, e até algumas décadas depois, era bastante comum entre pessoas descendentes de

³⁴ Entre outras coisas a inteligente “bandeirante” abordou o seguinte assunto: “As moças que possuem preparo domestico perfeito, e conhecerem o serviço dum lar; que costurarem as proprias roupas e mesmo as roupas brancas de homem; que não se atrapalharem na cozinha, na gomma, na arrumação e conservação dos moveis; as moças portadoras, enfim, dum atestado de “dona de casa”, são as que mais depressa se casam e as que são felizes no casamento” (*Revista Escolar*, 1927, N33, p.70).

famílias europeias o costume de colocar um pouco de álcool na comida como forma de aquecer a todos do frio, o que tornava a bebida alcoólica comum na residência dessas famílias, e como um artigo corriqueiro de fácil acesso para adultos e crianças.

Outro costume era o do vinho dentre outras bebidas de teor alcoólico utilizadas pelas mais variadas culturas que adentraram o país. O álcool contido nas bebidas, segundo a *Revista*, levaria as pessoas ao vício e os tornaria fracos, ao invés de contribuir para a manutenção de um corpo saudável:

P. – A clara do ovo é substancia albuminosa. O cerebro contem muito dessa substancia. Alem disso, grande parte dos nossos allimentos contem albumina. O alcool tem sob toda essa albumina o mesmo effeito que tem sobre a clara de ovo. Ainda affecta poderosamente o funccionamento dos rins e do figado; a circulação e a temperatura do corpo. Esse é o mal que faz ao corpo, ao physico. Ao moral, nem é bom falar! Quantos crimes não se evitariam, si não fosse o alcool!

A. – Mas, as vezes o alcool e preciso, não é?

P. – O alcool póde ser benefico em certos casos; nunca porem se deve usalo, sinão como medicamento.

A. – Nem com o frio?

P. – Ahi é que esta o seu grande perigo, porquanto pode viciar o homem. O alcool excita os nervos, enfraquece os musculos, a mente, ate que acaba reduzindo o inividuo a um sêr inconsciente.

A. – E' quasi um veneno.

P. – Quasi, não! E' veneno, e veneno terrivel á saúde, á intellgencia e á dignidade do homem. (*Revista Escolar*, 1925, N9, p.13)

O álcool e os demais vícios destruiriam o corpo do homem e poderiam chegar a torna-lo vadio ou preguiçoso, poderiam chegar até mesmo a fazer dele um desocupado por seu desleixo com ele e com sua família. Tal descaso com sua própria vida acabaria por fazer dele um homem medroso perante seu trabalho e a sociedade. Em contrapartida, as necessidades físicas, sociais e econômicas advindas desse descaso poderiam ser o seu ingresso no mundo do crime e da imoralidade.

A melhor medida para evitar o mal causado pelo interesse no álcool e outros tantos vícios desmoralizantes (jogos de azar, danças boêmias, a ida frequente a casas de prostituição) seria a educação da criança dentro da concepção da grande importância que teriam em sua vida os exercícios físicos, o cuidado com o corpo e a saúde como um todo e o bom entendimento dos preceitos morais. Isso porque, segundo a *Revista Escolar* de número 10 (1925) “Um povo ocioso é um povo morto. Um povo sem educação intellectual, civica, moral e physica é um povo sem alma. A ignorancia e as doenças acabarão com ele” (p.72).

Na seção *Resenha Pedagógica* a *Revista Escolar* de número 26 (1927) traz descritos os “Códigos de Moralidade do Ensino Primário” publicados no *Jornal of Education*

em Boston nos Estados Unidos³⁵. Esse código deveria ser conhecido pelas crianças, para que essas pudessem cumpri-lo e policiar seus colegas para que esses fizessem o mesmo, e pelos professores, para que esses soubessem ser um bom exemplo para as crianças e soubessem também como corrigi-las frente aos seus erros perante os códigos apresentados.

Dentro desse código, é possível encontrar o alerta aos bons cidadãos para que se comportassem de forma a demonstrar domínio próprio, evitar hábitos prejudiciais (como os vícios que já foram apresentados), proteger a saúde dos outros como se fosse a sua, ser amável, ser cortez e leal.

Dentro dos códigos apresentados, o domínio próprio corresponderia ao domínio que o cidadão teria de seu próprio caráter, pensamentos, desejos e ações. Esse “domínio e o governo do corpo só podem ser bem orientados através dos exercícios aprendidos na educação física” (Eurigenes Lessa³⁶, *Revista Escolar*, 1927, N 27, p.2).

O dever, o qual também seria uma qualidade, de ser amável significaria não ser invejoso, nem caluniador, nem, tão pouco, egoísta.

Ser cortês estaria ligado a polidez que chegasse ao ponto de não causar incômodos àqueles que lhe estivessem servindo e, ao mesmo tempo, ser-lhes sempre agradecido.

A questão relativa à lealdade estaria ligada tanto às disputas de jogos esportivos quanto às relações de trabalho. Durante um jogo o aluno deveria ser justo, entusiasmado e leal, sabendo tanto ganhar quanto perder. E no trabalho esse mesmo aluno deveria saber ser generoso, cavalheiro, leal, honrado e perfeito em tudo o que fizesse, da mesma forma que no jogo.

Os demais princípios desses códigos referem-se aos cuidados com o corpo e a saúde a serão apresentados nos parágrafos a seguir.

Os cuidados com o corpo se dariam pelas medidas de higiene, a boa alimentação, o descanso dominical e as práticas de exercícios físicos.

Quanto à higiene do corpo, a pele seria, pela *Revista*, comparada a pequenas janelas que fariam contato entre a parte interna do corpo e o meio externo. Assim, uma pele suja ou sem asseio (*Revista Escolar*, 1925), dada pelo não banhar-se, seria um depósito de poeira e gordura, o que poderia incorrer em um grave perigo para toda a saúde da pessoa e da criança, em especial.

³⁵ Segundo a *Revista Escolar*, N26 publicada no ano de 1927, esses códigos foram todos redigidos por Ur. W. J. Hutchins, Director do Berca College de Kentucky.

³⁶ Professor de Educação Physica da Associação Christã de Moços do Rio de Janeiro

Quanto à higiene das roupas, essas deveriam estar sempre limpas e bem conservadas. A boa conservação e limpeza das roupas não seria uma questão de vaidade e sim de cuidado, de zelo por aquilo que se tem e pela sua própria saúde.

Ideal para uma boa higiene tanto do corpo quanto do vestuário e, conseqüentemente, uma boa saúde seria ter, como explica uma professora à sua classe de alunas do ensino primário na *Revista Escolar* de número 2 (1925), a cabeça limpa e os cabelos penteados, além do rosto e as mãos também lavadas.

Os vestidos, bem lavados e passados a ferro, não poderiam ter a combinação suja, conter rasgões ou mesmo deixar que a saia de baixo aparecesse. Porém, em relação aos rasgões, o fato de tê-los costurado ou cerzido demonstraria zelo e economia.

Os sapatos, a exemplo dos dentes, deveriam ser sempre bem escovados. Os sapatos bem escovados e engraxados evitariam o ressecamento do couro, além de demonstrarem uma melhor aparência. Já os dentes bem escovados evitariam que logo ficassem esburacados, pretos ou manchados, o que transmitiria a percepção de asseio e boa saúde.

Quanto às unhas, essas poderiam ser limpas e cortadas, mas não deveriam se manter polidas. A unha polida demonstraria vaidade excessiva e mãos não afeitadas aos trabalhos domésticos, coisa que não caberia a uma boa moça que teria seu prazer em auxiliar a sua mãe nos afazeres domésticos.

Já com relação à forma adequada de se alimentar, essa seria transmitida pelo professor aos seus alunos, por meio de *Lições Práticas*, da seguinte forma:

P. — Continuem attentos. Vejam bem: outro grande mal. O pae de Milton e todos de sua casa, não pôdem gozar de boa saude, não tendo hora certa para comer. Precisamos, para bem do nosso corpo, ter uma hora marcada para cada refeição (*Revista Escolar*, 1925, N3, p.13).

A respeito do descanso dominical, essa foi uma discussão que atravessou tanto a Europa quanto o Brasil (*Revista Escolar*, 1926) e passou a ser uma obrigatoriedade na labuta tanto dos empregados quanto dos alunos, já que as escolas obedeceriam os horários seguidos pelas fábricas sob a ideia de que:

O repouso dominical é necessário para a saúde do corpo. [...] Abaixo, pois, as tarefas dominicaes. [...] Educadores paulistas! Vós, que sois educadores de caracteres, zelai também pela saúde das crianças, aconselhando-as que empreguem os domingos em passeios e distracções úteis, que se não preocupem com trabalhos corporaes e nem intellectuaes. (*Revista Escolar*, 1926, N21, p.12-13).

Tanto as medidas morais quanto as medidas de higiene e saúde, apresentadas anteriormente, fariam parte da educação que deveria ser transmitida às crianças dentro das escolas públicas desde o ensino primário. E em tendo o contato com esse aprendizado a criança entenderia, então, os seus deveres relativos à saúde e à pureza e poderia, da mesma forma, transmiti-los à sua família e outras pessoas com as quais se relacionasse:

Saúde e Pureza – Devo promover o fortalecimento do meu corpo. Meus olhos, dentes, coração e corpo todo, deve sêr sadio, de maneira que as minhas faculdades mentaes tambem se exerçam o mais perfeitamente possível. Devo conservar-me physica e moralmente puro (*Revista Escolar*, 1926, N16, p.60).

Os conceitos de saúde e pureza, de faculdades físicas e mentais, relativos à educação moral seriam transmitidos às crianças, inclusive, por meio das aulas de ginástica e, também, pelo escotismo, pois:

As excursões, os trabalhos de acampamento, a gymnastica, os differentes desportos ao ar livre e outros exercicios peculiares ao escotismo, desenvolvem os musculos, revigoram o corpo, regularizam as funccoes vitaes, robustecem, enfim, dum modo geral, a saude.

Os conhecimentos sobre hygiene, sobre socorros aos asphyxiados, aos feridos e aos doentes e tantos outros, bem como os temas a ser desenvolvidos pelo escoteiro, são-lhe de grande valor no desenvolvimento das faculdades mentaes. Dentro desses dois campos de acção educativa, em que se *evidencia o velho mas sabio aphorismo — mens sana in corpore sano* — e incontestavel o influxo benefico que o espirito recebe. Ademais, os ensinamentos civicos, os deveres de ordem individual e collectiva, o amor aos seus semelhantes, a protecção aos fracos, o respeito a velhice, etc., etc., todos esses factos e outros da mesma ordem, ja considerados no terreno pratico, ja compreendidos nas lições recebidas, adoçam os sentimentos, educam a sensibilidade do alumno no sentido do aperfeiçoamento de suas faculdades moraes. Assim considerado, o escotismo e a verdadeira escola que prepara o cidadão de amanha — o corpo varonil, a alma generosa, a intelligencia lucida — para bem servir ao seu paiz. Ao educador, portanto, cabe não esquecer o papel nobre a desempenhar, incrementando o escotismo entre os seus alumnos; aos paes cumpre o patriotico dever de prestar todo apoio a bella cruzada, que, entre nos, ja e um facto promissor de pujante future para esta grande Patria (P.S. *apud Revista Escolar*, 1925, N1, p.44).

A educação do corpo, frente aos artigos apresentados na *Revista Escolar* (1925-1927) aparece de forma bastante direta e é expressa em cada um dos conceitos por ela transmitidos em relação à educação e a disciplina. Para que isso se tornasse possível ela também trouxe e demonstrou aos professores a importância de se utilizar das aulas de Educação Física,

Trabalhos Manuais, entre outras disciplinas que contribuiriam com a formação da criança dentro dos padrões de moral, civismo e patriotismo pretendidos:

As lições de gymnastica, trabalhos manuaes, desenho, musica fadigam o cerebro tanto ou mais que as outras materias de ensino.

O que é muito nocivo ao escolar, é a immobilidade prolongada.

O systema de combinar o mais possivel o trabalho intellectual com o manual é o mais apropriado a natureza.

A maior parte das noções não vêm do mundo exterior pelos sentidos, pela simples percepção.

A immobilidade forçada e o regimen de constrangimento devem sêr banidos da escola para ahi se implantarem os methodos activos, dando mais livre curso á personalidade da criança, habituando-a a viver numa atmospherá de mais liberdade, formando o character ao mesmo tempo que a intelligencia e o corpo. (Isidore Poyri – *A Reforma da Educação* – apud *Revista Escolar*, 1927, N26, p.15-16).

Assim, a exemplo do conto *Luciano*, a educação das crianças caberia à família que, com o auxílio dos preceitos, instruções e disciplinas transmitidas pelas instituições escolares formaria o caráter da criança, o qual deveria ser trabalhado, moldado e construído durante toda a sua infância.

A boa educação concedida à criança através dos ensinamentos obtidos por sua família e pela escola contribuiria para a manutenção de sua saúde e inteligência:

A criança gosta de brincar. Constróe casinhas, empina papagaios, faz gaiolas e mil outras coisas que inventa, descobre e imita. Nessas reinações diarias, como lhe diz a mãe, a criança, instinctivamente, desenvolve o corpo, com os exercicios de locomoção, educa os sentidos com o trabalho que realiza, e desenvolve a intelligencia com a observação dos factos que dizem respeito ao proprio brinquedo (*Revista Escolar*, 1926, p.52).

As atividades de locomoção e de educação dos sentidos pelo e para o trabalho poderiam, inclusive, ser realizadas ao ar livre (ROCHA, 2003), pois, segundo a *Revista*:

A educação reclama o ar livre, a liberdade e um ensino que se dirija mais á habilidade manual e á razão do que a memoria, afim de formar homens de character para uma vida de iniciativa, isto é, homens são, de corpo, espirito e vontade, capazes de uma actividade fecunda em todos os domínios: scientifico, artistico e economico. (Isidore Poyri – *A Reforma da Educação* – apud *Revista Escolar*, 1927, N26, p.16).

O ar livre, em especial o ar dos vastos campos paulistas, faria parte de um ideal de saúde pregado pelos higienistas republicanos, além de contribuírem com a educação da criança por lhe proporcionarem momentos de observar, conhecer e experimentar aspectos diferentes da vida da própria São Paulo e lidar com a sensação de liberdade. Além disso:

O ar puro do campo tonifica os orgams internos; o exercicio, resultante dum passeio, desenvolve todos os musculos corporaes, e avista e o ouvido tambem são exercitados pelo trabalho de observação.

Com essas ligeiras considerações fica demonstrada a importancia pedagogica dos passeios escolares que, deverão sêr feitos de accordo com os requisitos seguintes:

- a) Esses passeios deverão sêr realizados, preferivelmente, nas manhãs de dias límpidos e em logares isentos de pantanos.
- b) Durante os passeios, o professor deverá dispensar especial cuidado para com os seus alumnos, attendendo sempre ás suas multiplas perguntas.
- c) De volta dum passeio escolar, o professor deverá exigir de seus alumnos descrições oraes e escritas sobre objectos e factos observados.

(Evalisio A. de Souza *apud Revista Escolar*, 1926, p.49-50).

Fosse o local escolhido para a atividade um ambiente aberto ao ar livre ou um ambiente fechado como as salas de aula, as bibliotecas infantis ou algum tipo de oficina de aprendiz, a criança necessitaria de todas essas diferentes atividades para a construção de suas faculdades físicas e mentais.

Esses locais não seriam os mesmos ocupados pelas crianças entendidas como jovens delinquentes. Essas crianças receberiam outro tipo de disciplina que tenderia, por repressões a fazê-la se reorientar no sentido do caminho da disciplina e da ordem:

A instrucção, que aqui e tida como modelar, tem sido um factor poderoso de educação da gente paulista. Temos, pois, saneado o corpo, a alma e a inteligencia dos descendentes dos audazes bandeirantes. Há, porem, no seio da nossa gente, seres que nasceram e crescendo estão no meio da sociedade, como hervas daninhas que médram entre as outras boas. Esses entes tem escapado aos cuidados que não lhes deveriam faltar. Referimo-nos aos menores delinquentes, que parecem ter nascido para o crime e aquelles que fatalmente se tomaram delinquentes, si não forem, por mãos caridosas, arrebatadas do meio mal em que vive, para outro melhor. Saneemos, pois, a nossa sociedade, cuidando dessas infelizes creaturas. Que parecem ter vindo ao mundo, fadadas para o mal. Cuidando delas, concorreremos para a formação duma sociedade sã (J.V. *apud Revista Escolar*, 1925, N2, p.87-98).

Uma sociedade saudável e forte, quanto às suas faculdades físicas, mentais, cívicas e morais manteria um país forte capaz de se defender de ataques políticos, econômicos e até mesmo bélicos de outras nações.

Assim, não bastaria a esse cidadão ser apenas forte. Ele teria também que ter seu corpo disciplinado para saber atender e honrar a sua pátria.

A *Revista Escolar* (1925-1927) apresenta em seu número 21 as posições fundamentais e de ordem que deveriam ser transmitidas aos estudantes na seção *Escotismo*. Nessa seção é apresentada a descrição de quais seriam os nomes das posições ou de sua chamada de ordem e como o corpo da criança deveria estar posicionado e proceder diante da ordem pronunciada

por uma pessoa superior, no caso o professor. Essa seria uma preparação inicial ou o conhecimento prévio para a atuação militar.

Essas posições e chamadas de ordem às quais eram compostas por Marchas, Paradas e Voltas, foram todas descritas na *Revista*. Trazemos aqui os nomes dessas posições e chamadas de ordem em sua grafia original: Senti-do; Descan-sar; Ordinário-Marcha!; Marcar-Passo; Em Frente!; Trocar-Passo!; Sem cadencia-Marche!; Alto!; Acelerado-Marche!; Marche-Marche!; Direita-Volver; Meia Volta-Volver; Oitavo á Direita (esquerda) – Volver!

Algumas dessas ordens também poderiam ser cumpridas durante a marcha como por meio dos seguintes chamados de ordem descritos aqui em sua grafia original: Direita (esquerda) – Volver! Oitavo á Direita (esquerda) – Volver; Meia Volta-Volver!. Além desses os alinhamentos em marcha também poderiam ser feitos na direção da ordem concedida pelo superior que estivesse no comando com indicações de serem realizadas ao centro, à direita ou à esquerda.

Quanto, por exemplo, a posição fundamental denominada sentido a sua descrição encontrada na *Revista* é a seguinte:

O escoteiro, com a frente voltada para o ponto indicado, fica imóvel e em silêncio. Os calcanhares são unidos quanto o permitir a conformação física de cada um, a ponta dos pés voltadas para fóra, de modo que formem um ângulo pouco menor que o recto, o corpo, ligeiramente inclinado para a frente, de forma que seu peso fique distribuído igualmente sobre os calcanhares e as plantas dos pés; os joelhos ligeiramente estendidos; a parte superior do corpo levantada, tornando o peito saliente, com os ombros na mesma altura e um pouco para traz, mas sem esforço. Os braços, naturalmente caídos e ligeiramente curvos, com os cotovelos um pouco para a frente; as mãos tocando levemente a parte superior da côxa, com os bordos das palmas e as pontas dos dedos; estes unidos e curvos naturalmente, correspondendo o meio às costuras das calças; o pescoço desembaraçado das espaldas, a cabeça erguida, o queixo ligeiramente aproximado do pescoço e o olhar fixo para a frente (*Revista Escolar*, 1926, N21, p.69).

A pátria seria o valor do escoteiro e do brasileiro. Ela seria todo o sentido do aqui estar e sua identificação. O corpo formado para atender às necessidades da pátria e para honrá-la no âmbito do seu valor fariam de ambos, pátria e cidadão, um conjunto melhor e, portanto, próspero.

Outra questão bastante frequente na *Revista Escolar* (1925-1927) era o patriotismo. O amor a pátria deveria ser ensinado pelas escolas e serviria tanto a alunos quanto a professores e outros profissionais tanto quanto fossem estes. Essa questão, como pudemos observar,

esteve, presente dentro da concepção de educação de corpo dentro dos ideais cívicos trazidos pelos trechos da *Revista Escolar* (1925-1927) transcrito, em especial, nesse capítulo.

A formação do professor em relação aos seus deveres pedagógicos e sociais dentro da transmissão dos conceitos, preconizados pela *Revista*, de educação, moral, civismo e patriotismo aos alunos pode ser encontrada na seção, privilegiada por nós, intitulada *Methodologia*, a qual apresentaremos no capítulo que se segue.

CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO DO CORPO NA SEÇÃO METHODOLOGIA DA REVISTA ESCOLAR (1925-1927)

Neste capítulo focalizamos a formação do professor pautada na seção intitulada *Methodologia da Revista Escolar* (1925-1927). Essa formação atende aos ideais preconizados pela *Revista Escolar* (1925-1927) e pela República, nas questões relativas à educação do corpo privilegiada pelos editores desse periódico, em detrimento de outras concepções.

A concepção de educação do corpo da *Revista Escolar* (1925-1927) que, como foi visto no capítulo anterior, estava disseminadas ao longo de todo o conteúdo desse periódico pedagógico e oficial, aparecem de forma clara no direcionamento dado ao professor por meio da seção *Methodologia*. Assim, será possível observar, nesse capítulo, o que se pretendia do professor e do aluno levando-se em conta os preceitos e procedimentos apresentados nos diferentes artigos que compõem tal seção.

Dois autores estrangeiros foram publicados na seção *Methodologia*: Arnold Tompkins e L. C. Bom, destes autores não encontramos bibliografia e biografia suficientes, mesmo aparentando serem eles importantes para a disseminação da metodologia pretendida para a formação e conformação do professor, sobretudo Tompkins.

A única informação que encontramos a respeito de Tompkins foi por meio de uma busca *online*³⁷ que mostrou um livro intitulado “Arnold Tompkins, died August 12, 1905”, o qual contém em sua capa uma nota dizendo ser aquela obra “um tributo a Arnold Tompkins, pelo President Gustavus Richard Glenn, do colégio agropecuário do Norte da Geórgia”, publicada pela editora Chicago Teachers College; uma tese da Universidade de Linois intitulada “Arnold Tompkins : midwest philosopher and educator”, com autoria de Walter Philip Krolikowski, publicada pela editora Urbana no ano de 1965. Essa tese serve de base para o artigo de Erwin V. Johanningmeier e Henry C. Johnson Jr (1975) intitulado “The education professoriate: a historical consideration of its work and growth”³⁸. Temos ainda com base nesses e outros títulos encontrados, que Tompkins nasceu no ano de 1849 e veio a falecer no ano de 1905, e tinha atuação dentro do que conhecemos como a filosofia da educação, em especial no que diz respeito ao ensino profissional.

³⁷ Pesquisa realizada no site <http://www.worldcat.org/title/arnold-tompkins-died-august-12-1905/oclc/11033911&referer=brief_results>. Acesso em setembro de 2013.

³⁸ Disponível em: <http://societyofprofessorseducation.files.wordpress.com/2013/07/profed_johanning.pdf>. Acesso em setembro de 2013.

Através de pesquisa na internet encontramos à disposição para consulta, algumas obras que referenciam o livro dedicado a Arnold Tompkins, no entanto não foi possível localizá-lo para leitura e pesquisa do seu conteúdo. Outra obra encontrada foi um livro do próprio Arnold Tompkins intitulado “Philosophy Teaching” que teve sua primeira edição em 1903 e foi reeditado em 2009. Esta obra só pode ser adquirida por importação do material. Ainda a respeito de Arnold Tompkins, conforme já havíamos pontuado anteriormente, Carvalho (2013) também não localizou informações suficientes sobre ele, além do fato desse autor ter publicado seus artigos na *Revista Escolar*, no período de 1925-1926, durante o qual aquela revista defendia, claramente, os preceitos do método intuitivo.

Ao nos propormos a analisar a seção *Methodologia* entendemos que estamos no âmbito de questões que relativas ao método intuitivo de ensino e sua abrangência por meio da Revista Escolar (1925-1927) até o ano de 1926, quando essa seção para de ser publicada, aparentemente por questões políticas as quais deram origem a uma mudança editorial que pode ser observada na sua edição de número 19. Como colocamos no Quadro VI, o qual foi montado a partir da leitura da seção *Methodologia* encontrada desde o números 1 até o número 19 da Revista Escolar, entre os anos de 1925 e 1926:

QUADRO VI: Seção *Methodologia*

Ano	Número	Tema	Autor
1925	01	Formação de Professor - O significado e o sentido da educação	Arnold Thompkins
	02	Formação de Professor/exposição do método intuitivo	Arnold Thompkins L. C. Bon
	03	Posicionamento a ser tomado pelo professor diante do método a ser utilizado	Arnold Thompkins
	04	Como aplicar o método pedagógico (método intuitivo)	Arnold Thompkins
	05	Formação de professor - como inserir os elementos sólidos na sala de aula a fim de facilitar o aprendizado da criança	Arnold Thompkins
	06	Como deve ser a didática do professor	Arnold Thompkins
	07	Formação do professor dentro do método de ensino intuitivo	Arnold Thompkins
	08	Formação de professor	Arnold Thompkins
	10	Valores educacionais	Arnold Thompkins
	11	A importância de se preparar as lições	Arnold Thompkins
	12	A importância de se preparar as lições	Arnold Thompkins
	1926	13	A delimitação dos objetivos por parte do professor
14		Como ocorre a aprendizagem do aluno	Arnold Thompkins
15		O desenvolvimento das sensibilidades e da imaginação	Arnold Thompkins
16		Como desenvolver na criança os valores cívicos e morais	Arnold Thompkins
17		Como desenvolver na criança os valores cívicos e morais	Arnold Thompkins
18		Como desenvolver na criança os valores cívicos e morais – a boa moral enquanto o valor do homem	Arnold Thompkins
19		A superioridade do homem em relação aos animais dada pela capacidade de adaptação e seu processo civilizatório e industrial	Arnold Thompkins

Fonte: Artigos da *Revista Escolar* publicados na seção *Methodologia* entre os anos de 1925 e 1926.

A *Revista Escolar* (1925-1927) demonstrava ter por intuito a uniformização da didática dos professores que atuavam no ensino primário do Estado de São Paulo, para que eles pudessem formar cidadãos capazes de serem inseridos no mercado de trabalho dos grandes centros fabris, ou dos campos canavieiros e cafeicultores.

Logo no primeiro número da *Revista Escolar* (1925-1927), essa seção *Methodologia* já aparece e aponta como deve ser a relação professor/aluno na escola. A *Revista Escolar* (1925-1927) responsabiliza o professor pelo sucesso ou insucesso da formação do aluno. Uma formação que não se limitava às primeiras letras, mas superava esse aspecto considerando-se que a *Revista Escolar* (1925-1927), em um de seus artigos defendia que:

O professor introduz seu proprio modo de pensar na mente do alumno, produz nelle sua pureza, força e rasgo de vida emocional; respira nelle sua propria natureza ethica. O professor pode tencionar disciplinar em habitos de pensamento correctos, perfeitos e methodicos, mas a não ser que estes habitos sejam de sua propria mente, seus esforços serão baldados. O ribeiro não pode subir mais alto do que sua fonte. Si o professor tem o habito de pensar negligente e desordenadamente, elle nao pode esperar conseguir coisa melhor do alumno. O pedante e dogmatico de ideas estreitas, nunca poderá obter habitos doutos e cultura liberal. O professor que não dispuser duma completa extensão fertil de vida emocional, só poderá conseguir de seu ensinamento almas entorpecidas. O homem que não possui força e pureza de character não podera fortalecer e purificar outro character. O mestre identifica sua vida com a do discipulo; e é absolutamente essencial que sua vida seja tudo o que elle espera que seja a do seu alumno (REVISTA ESCOLAR, 1925, N° 1, p.31-32).

Entendemos a *Revista Escolar* (1925-1927) como um meio de informações que contribuiria para disseminar a chamada “forma escolar” (LAHIRE, THIN, VINCENT, 2001) junto aos professores e ao ambiente escolar através dos bons preceitos morais e do sentimento cívico, para moldar e amoldar os corpos na direção dos ideais almejados para a República, bem como reafirmando o papel exemplar do mestre na transmissão de conhecimento e de valores. Pertencem também à “forma escolar” os tempos e espaços escolares:

Tomem-se, também, por exemplo, as tópicas muito recorrentes da *uniformização* e da *homogeneização* das práticas escolares paulistas. Elas ganham um sentido específico, se compreendidas como peças de uma engrenagem movida pela lógica do que defino como *modelo escolar paulista*. Com efeito, se a lógica que põe a funcionar esse modelo é a da *reprodução de bons moldes*; da cópia ou imitação de modelos, as práticas de uniformizar e homogeneizar métodos e processos de ensino não funcionam apenas como dispositivos de controle, como permitem entender os estudos sobre o tema, que, em geral, aplicam às palavras que designam tais práticas o

significado que hoje lhes conferimos na nossa linguagem ordinária. Diferentemente, se compreendidas na especificidade que adquirem no campo semântico articulado nessas publicações, as mesmas palavras adquirem outro significado. Passam a designar também dispositivos de produção do aparelho escolar paulista, dispositivos destinados a assegurar a expansão e a qualidade da educação escolar; dispositivos de uniformização e homogeneização postos a funcionar como ingredientes da própria lógica que põe em cena a tão propalada *reprodução de bons moldes*, pedra de toque do *modelo escolar paulista* (CARVALHO, 2013, p.6)

Carvalho (2013) nos levou a lembrar Frago e Escolano (2001) que destacam que tanto a arquitetura quanto o tempo escolar (intervalos, recreio, entrada, saída, troca de aulas e de professores) e os seus espaços específicos (salas de aula, sala dos professores, diretoria, laboratórios, bibliotecas, pátios, banheiros etc.) educam, formam e conformam o aluno.

A arquitetura escolar valorizada pela Revista Escolar, no período de 1925-1926, foi a das fachadas dos Grupos Escolares paulistas, em preto e branco publicadas em suas páginas. no contexto, foram publicadas o número de quarenta e duas fotografias, dentre as quais apenas quatro delas retratam fachadas de grupos escolares, cuja arquitetura era marcada por uma monumentalidade e volumetria eclética, pode ter contribuído para a formação e conformação de sensibilidades³⁹, valores e expectativas daqueles que, por seus arredores passavam sem adentrar aos portões. Durante a década de 1920, a instrução pública do Estado de São Paulo compreendia o ensino primário, complementar, secundário, profissional e superior. Segundo a *Revista Escolar* (1925-1927):

O ensino primário, gratuito e obrigatório, é ministrado pelos grupos-escolares, escolas reunidas, escolas isoladas, jardins de infância e escolas maternas.

O ensino complementar é ministrado pelas escolas complementares, anexas as escolas normais.

O ensino secundário é professado nas escolas normais e ginasios e o superior nas faculdades e escolas superiores.

O ensino profissional tem lugar nas escolas especiais, para cada sexo, e é inteiramente gratuito (*REVISTA ESCOLAR*, Nº 10, 1925, p. 107).

³⁹ Segundo PESAVENTO: “As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meios das emoções e dos sentidos. Nessa medida, as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a capturar no passado, à própria energia da vida”. (2008, p.58)

FIGURA 8: Foto da Escola Normal da Praça da República⁴⁰



Fonte: *Revista Escolar*, 1925, Nº 1, entre as páginas 16 e 17. Acervo: CDAPH

FIGURA 9: Foto do Grupo Escolar – Rodrigues Alves



Fonte: *Revista Escolar*, 1925, Nº 1, entre as páginas 32 e 33. Acervo: CDAPH

⁴⁰ A dimensão original de ambas as fotografias digitalizadas da *Revista Escolar* é de 14,7 cm de largura X 7 cm de altura.

Os Grupos Escolares eram estabelecimentos que funcionavam sob a responsabilidade de um diretor e seus auxiliares, com a quantidade de professores correspondente à quantidade de salas a serem atendidas. Logo, cada professor seria responsável por uma única sala de aula, sendo as salas divididas de forma que estivessem, no máximo, 40 alunos em cada uma delas. As “escolas reunidas” seriam assim denominadas caso houvesse três ou mais escolas próximas (não superior a cinco), as quais ficariam todas sob a regência de um único professor, o qual não abandonaria a sua sede. A escola-reunida que obtivesse em sua soma um número superior a 8 classes constituiria um grupo-escolar. As escolas isoladas podiam ser divididas em rurais e urbanas. As rurais se localizavam dentro de fazendas ou pequenas propriedades rurais, enquanto as urbanas tinham por sede um distrito de paz ou ainda uma sede de município. Com relação aos jardins de infância, esses funcionavam anexos às escolas normais. Dessa forma, as mães teriam onde deixar seus filhos para poderem estudar. Já as escolas maternais funcionavam nas proximidades das fábricas, que ofereciam alimento e outros cuidados aos filhos (de 2 a 5 anos) de operários para que todos, inclusive as mulheres, pudessem trabalhar durante todo o período na fábrica:

Os jardins de infância funcionam anexo às escolas normais.
As escolas maternais funcionam nas proximidades das fábricas e recebem as crianças de 2 a 5 anos, filhas de operários, proporcionando-lhes alimentação e outros cuidados (*REVISTA ESCOLAR*, Nº 10, 1925, p. 107-108).

Ressaltamos aqui que tais jardins da infância existentes nas proximidades das escolas tinham, para além do cuidado com essas crianças, o intuito de auxiliar as escolas normais contribuindo com essa experiência do cuidado com a criança na formação das futuras professoras que frequentavam o curso. Sendo assim, tais instituições serviriam como laboratório, melhor, como vitrine para essas alunas do curso normal.

Muitos dos artigos da seção *Methodologia* trazem como deveria ser a conduta do professor e, principalmente, das professoras dentro e fora do ambiente escolar, como mostra um dos primeiros discursos veiculados na *Revista Escolar* (1925-1927) na seção *Methodologia*:

Sois vos, que a par das mães de família, tende os mais intimos contatos com as crianças, e sois vós mais, talvez, que as próprias progenitoras, as primeiras que lhes abris os caminhos da vida, revelando-lhes as noções iniciais das coisas deste mundo [...] Tratae pois de lhes corrigir as tendências que por ventura ellas tragam de lares mal formados e sem rebuços, chamae-lhes a atenção para os erros e os exageros dos vestuarios descuidados, dos bracinhos nús até as axilas, dos collos innocentes expostos a insolencia de

todos os olhares, das pobres perninhas magras estateladas imprudentemente até acima dos joelhos.

Ensinae-lhes carinhosamente, mas, severamente, sem transigências, quanto todas essas modas são prejudiciaes e sobretudo feias, porque ao inves de lhes cobrirem os defeitos, os escancaram... [...] Labutae, sem pejejo nem medo, incessantemente, inoxidavelmente, contra essas tendencias malévolas que deturpam a verdadeira nobilíssima missão da mulher na sociedade [...] (*REVISTA ESCOLAR*, 1925, Nº 1, p. 61-62).

As tendências malévolas de que tratam a *Revista Escolar* (1925-1927) dizem respeito à moda, ao vestuário, adereços e consumo que propunha novas atitudes e relações, em especial do público feminino, com o ambiente urbano.

Tais tendências podem observadas nas figuras 10 e 11 digitalizadas da revista *Pelo Mundo* (1922), localizada no acervo do MAITEC⁴¹, as quais contrastam com a foto apresentada na figura 12, digitalizada da *Revista Escolar* (1925-1927):

⁴¹ O MAITEC faz parte do Colégio Instituto Mairiporã e da Faculdade Instituto Mairiporã de Ensino Superior, localizados no Município de Mairiporã. As digitalizações foram cedidas pelo sr. Eduardo Rodrigues da Cruz (mantenedor das instituições) e supervisionadas pelo Prof. Dr. Dalmo Dippold Vilar.

FIGURA 10: Foto da bailarina Anna Ludmila



Fonte: *Pelo Mundo*. Número 3, Abril, 1922, p.115 Acervo: MAITEC

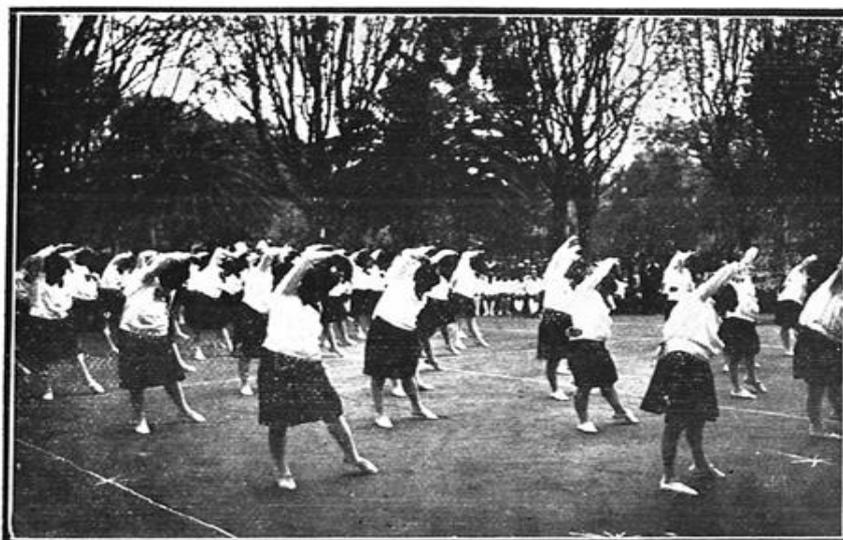
Se considerarmos o tamanho do quadro da matéria, teremos as dimensões da matéria completa com 12 cm de largura X 18,5 cm de altura, sendo que a primeira fotografia, a qual é maior e pode ser encontrada na parte superior da página possui 8,8 cm de largura X 7,0 cm de altura. A fotografia menor encontrada na parte inferior à esquerda possui 5,0 cm largura X 7,0 cm de altura, enquanto a fotografia menor encontrada à direita possui 5,6 cm de largura X 7,0 cm de altura. Vale ainda ressaltar que além das figuras possuírem cores o papel da revista *Pelo Mundo* também possui uma melhor qualidade em relação à Revista Escolar sendo branco, possuindo um certo brilho e ainda manter uma leve característica acetinada. Infelizmente não consta na revista maiores informações sobre ela como, por exemplo, editora, local de impressão, editores, etc.

FIGURA 11: Desenho de mulher voltando das compras⁴²



Fonte: *Pelo Mundo*. Número 3, Abril, 1922, p.59. Acervo: MAITEC

FIGURA 12: Meninas da Escola Normal da Praça da República em aula de ginástica⁴³



**Escola Normal da Praça da Republica. S. Paulo — Brasil
Em aula de gymnastica**

Fonte: *Revista Escolar*, Número 27, 1927, entre as páginas 16 e 17. Acervo: CDAPH

⁴² Esta gravura da revista *Pelo Mundo* digitalizada e aqui apresentada possui, no seu tamanho original, 8,8 cm de largura X 11,4 cm de altura.

⁴³ A fotografia digitalizada da *Revista Escolar*, possui em seu tamanho original, com 9,9 cm de largura X 7,0 cm de altura.

A figura 10 mostra uma bailarina que tomara o lugar dos homens, bailarinos, e não estaria exatamente presa aos princípios clássicos do balé que propõe a arte pela arte sem permitir que sentimentos possam ser expressos.

Já a figura 11, mostra uma mulher voltando das compras, o que poderia pressupor que ao invés de ela estar confeccionando suas próprias roupas e outros utensílios para si e sua família ela os teria comprado. Isso indica uma adesão ao capitalismo e a modernidade.

Essa mulher que domina certos espaços e consome dentro de relações capitalistas podia ser vista com certo receio pela *Revista Escolar* dos anos de 1925 e 1926, no entanto, como nos mostra a figura 12, na intenção e criar uma nação forte, saudável, escolarizada e desenvolvida, esses valores podem passar a também interferir na formação da mulher a partir da mudança de direcionamento da *Revista Escolar* a partir do seu último ano (1927).

Assim, a figura 12 nos mostra a preocupação com os princípios físicos, cívicos e higiênicos ao retratar mulheres, alunas da Escola Normal, uniformizadas, organizadas por filas e colunas e realizando um exercício de alongamento ao ar livre que teria, provavelmente, a intenção de garantir a flexibilidade do tronco dessa turma de futuras professoras para as atividades diárias, incluindo a atividade de carregar um filho nos braços ou escrever à lousa, muito além de promover a preparação do suporte de músculos paravertebrais e braquiais. Esse tipo de atividade estaria preparando as mulheres presentes na fotografia para serem saudáveis e fortes, assim como deveriam proceder para a formação de seus alunos. Mulheres educadas para sustentar produtivamente e proteger física, econômica e culturalmente o Brasil.

A seção *Methodologia*, como já colocamos, pretendia direcionar as atitudes do professorado primário do estado de São Paulo e, também, unificar e normatizar o ensino paulista ao indicar qual seria a melhor forma, didaticamente correta, de ensinar aos seus alunos os conteúdos estipulados pelo estado, incluindo os autores e valores a serem trabalhados dentro das salas de aula.

A *Revista* também aponta para um ideal de formação e competência do professor na função de ensinar seus alunos dentro do método intuitivo, ou seja, atentando para a sensibilidade e as capacidades sensoriais de seus alunos:

Mesmo que a mente do professor e do aluno dêem os mesmos passos no processo educativo e no de aprendizagem, deve haver a diferença essencial que faz dum, o processo de ensinar e doutro, o de aprender. [...] A diferença está entre o ocupar-se do assumpto e o ocupar-se do processo usado em pensar no assumpto. O aluno no estudo da geographia está pensando na terra; mas ao ensinar geografia, o professor precisa pensar que o aluno está pensando na terra (ARNOLD THOMPSON in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N° 2, p. 70).

Dessa forma, entendemos que o professor, na visão da *Revista* deveria colocar-se no lugar do aluno procurando entender como se daria seu raciocínio e quais seriam suas reações para poder intervir de forma mais efetiva na sua formação.

No terceiro número da *Revista Escolar*, publicado em 1925, a seção mostra, dentro do método intuitivo, como o professor deve lidar com a pedologia e, assim, interferir positivamente no aprendizado do seu aluno e obter bons resultados na tarefa do ensino. Ambos, professor e aluno precisam estar dentro da forma da educação para chegarem ao alvo estabelecido, o ideal de sociedade paulista disseminado pela *Revista*:

É impossível conceber que se póde dirigir um processo sem estar ao par do alvo deste processo.

Todos os passos devem reunir-se na consolidação do alvo.

Si hoje o professor quer fazer o alumno pensar na Abbadia de Westminster e despertar certas emoções sobre este assumpto, elle precisa saber como o conhecimento, o pensamento auxiliam a criança a atingir o alvo desejado. Ao planejar uma lição, não é o bastante dizer que o fim é dar conhecimento do assumpto em consideração e cultivar certas faculdades; mas deve-se tornar bem claro como taes conhecimentos com as actividades envolvidas contribuem para o máximo benefício intellectual do alumno [...] toda lição exige que o professor traga sempre na lembrança o inteiro alcance da vida do alumno; e prevendo o que deve ser o resultado do todo, reúne a parte de experiencia do movimento vital formando um todo (ARNOLD THOMPCKINS IN *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N° 3, p. 75-76).

O ideal de ensino seguiria o caminho do ensino através da imaginação da criança, o que seria um importante meio de intervenção na sua formação e um facilitador para promover os processos educativos propostos por Arnold Thompkins, baseado nos ideais de educação infantil de Fröebel:

Um dos característicos mais frisantes da grande obra de Froëbel é o de começar pela criança; e, tendo averiguado essa necessidade, prosseguiu e então inventou um systema de meios, os dons do Jardim da Infância, pelos quaes a actividade educativa pudesse sêr produzida. Não tivesse elle contribuido com outra coisa ás idéas e á pratica educativa, a não ser com esta ordem de progresso, e ainda seria ele, com razão, chamado um renovador do ensino (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 4, p.69)

Fröebel foi o criador do primeiro modelo formal de pré-escola (jardins de infância) e de modelos arquitetônicos para o ambiente escolar. Baseado em seus ideais a respeito da educação infantil, Thompkins (1925) criou um quadro para explicar seu processo educativo.

Esse quadro foi impresso e divulgado por meio da *Revista Escolar* de número 4, do ano de 1925, e encontra-se disponível na figura 13.

FIGURA 13 – Quadro do processo educativo

Processo educativo	Phase subjectiva	1. Proposito, ou necessidade evidente, da criança.
		2. Experiencia, passos mentaes exigidos pela necessidade.
		3. Meios de reproduzir a experiencia ou passos mentaes.
	Phase objectiva	4. Meios de produzir passos mentaes.
		5. Passos mentaes effectivamente dados pela criança.
		6. Necessidade satisfeita da criança ou fim consumado.

Fonte: *Revista Escolar*, 1925, Nº 4, p. 69. Acervo: CDAPH

A educação enquanto processo, na visão de Thompkins (1925), seria dividida em dois momentos, sendo primeiro dado pela fase subjetiva e o segundo pela fase objetiva. Essas fases funcionariam como uma resposta ao ensino recebido; assim, um determinado conteúdo explicado pelo professor seria entendido pela criança, processado por suas vias de entendimento e estaria, após esse processamento de informações, sendo realizado de forma correta. Esse processo se daria a qualquer conteúdo ou princípio que fosse ensinado às crianças.

Esse processo educativo deveria também transmitir ao aluno o conceito de pirâmide. Este conceito baseado na forma geométrica espacial do objeto não ensinaria apenas geometria, mas também conceitos morais. A pirâmide deveria ser um objeto sólido e firme com bases fixas:

Com esse atributo em mente a *pyramide* deve sêr transformada pela imaginação poética num modelo moral duma vontade mantendo-se firme contra as forças oponentes da vida. Tennyson diz do Duque de Wellington: “Elle permaneceu firme a todos os ventos que sopram”, isto é, resistiu a todas as más influencias inherentes á sua elevada posição. O alumno facilmente, com ensinamentos apropriados, transformar-se-á numa pyramide e citará exemplos do modo por que ele poderia resistir a esta ou áquella força dirigida contra seu caracter, do mesmo modo por que a pyramide poderia resistir ás forças que luctassem por derrubá-la. Isto deve extender-se até aos detalhes da experiênciã do alumno até que ele se sinta perfeitamente firme, como a pyramide, contra qualquer coisa que o possa arruinar; assim fará da pyramide não simplesmente uma concepção intelectual, mas uma força positiva na sua vida ethica. A melhor instrucção moral não é ministrada em

lições especiaes, mas a que organiza na acção do pensamento em cada lição (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N5, p. 51).

A solidez moral seria um princípio de educação do corpo que deveria ser transmitido pelo professor ao aluno tanto por meio do trabalho com a figura da pirâmide quanto com o seu próprio proceder dentro e fora do ambiente escolar.

Além da questão da solidez, a teoria das pirâmides exposta pelas traduções dos artigos de Thompkins na seção de *Methodologia* da *Revista Escolar* (1925-1927) previa que o professor deveria, também, a partir desse mesmo elemento geométrico espacial ensinar aos alunos que, mesmo existindo diferença entre os mais diversos tipos de pirâmides, estas continuariam possuindo a mesma funcionalidade, assim como as pessoas de base firme e sólida. Para exemplificar isso, Thompkins propôs que o professor expusesse aos alunos diversas pirâmides, de cores e tamanhos diferenciados, sobre uma mesa da seguinte forma:

Desde que o meio, como um todo, consiste em converter a diversidade das *pyramides* individuaes em unidade da idéia – *pyramide*, e desde que esse movimento seja baseado na observação de indivíduos, uma diversidade frisante de indivíduos deve ser apresentada para a lição: – *pyramides* de toda a especie de materiaes, formatos, tamanhos e cores; assim como fórmias creadas pela imaginação. Si as fórmias apresentadas fossem todas dum só material, formasto, tamanho e cor, a generalização do alumno reuniria num todo atributos estranhos á idéia – *pyramide*, como sejam: madeira, delgada, dez polegadas de altura e amarello. Os indivíduos devem apresentar diferenças taes que cada um cancele no outro, attributo secundário. Por exemplo, si é de secundaria importancias que as rectas da base sejam equaes, algumas *pyramides* devem ter base com lados eguaes e outras, com lados deseguaes. O limite no numero de individuos a ser apresentado será determinado pelo numero de attributos secundarios que devem ser cancellados. E isso deve sêr feito não somente para que só a unidade entre pyramides permaneça, mas para que esta unidade possa ser apreciada em toda a sua plenitude de diversidade. O alumno precisa pesquisar a confusa e infinita variedade de diferenças inherentes ao attributo próprio da *pyramide*. A concepção é uma convicção de diffrenças na unidade; sem diferenças não ha concepção; nada há sinão uma simples abstração.

Imaginemos agora que os alumnos estejam em pé ao redor duma mesa sobre a qual estejam collocadas as *pyramides*; então, as condições de observação efficiente estarão completadas. Onde não há escolha quanto á ação mental exigida, os meios poderiam variar extensamente. Os alumnos poderiam ter ficado em suas carteiras e cada qual teria percebido uma parte proporcional das *pyramides*. A escolha pelo professor da posição da classe assegura condições de observação, comparação e contrastes mais eficazes. Isso demonstra como o uso mais racional dos meios influe nos conhecimentos da experiencia mental desejada (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 6, p.54-55).

Podemos perceber pelo trecho exposto que para Thompkins e a *Revista Escolar* (1925-1927), a visão de mundo do professor, assim como o seu posicionamento frente ao conteúdo a ser ensinado, são capazes de influenciar diretamente a visão e a forma de aprendizagem dos alunos. Logo, o seu conhecimento, assim como suas atitudes, seriam a indicação do caminho a ser seguido pelos alunos.

Sendo assim, caberia também ao professor o trabalho de educar o corpo, a mente e as faculdades racionais da criança, dentro do chamado “Valor educativo do processo – O ensino de qualquer lição deve produzir efeito em cada um dos tres poderes da mente – o intellecto, a sensibilidade e a vontade” (Arnold Thompkins *apud Revista Escolar*, N.º 7, 1925, p.94):

Quanto á disciplina, uma observação methodica, perfeita e exacta é cultivada. Isto tem seu valor em cada phase da vida intellectual do alumno. Elle vive num mundo de fórmias; e seu dominio dellas depende duma observação perfeita e systematica. Hábitos correctos de observação são essenciaes á vida intellectual completa; e ao ensinar a pyramide, o professor deve ter consciência, por esse meio, da formação desses hábitos que devem ser factores constantes e decisivos em toda a actividade intellectual do allumno.

Mas essa formação ainda mais fundamental do pensamento é alcançada, reunindo a grande diversidade de pyramides individuaes na unidade duma unica idea – *pyramide*.

Esta concepção do pequeno mundo de *pyramides* em unidade, é, em espécie, a mesma actividade, mas em grau inferior á que abrange os phenomenos separados do mundo para formar a unidade do universo; e este é o último problema do intellecto. O movimento intellectual nesta lição é um exemplo do movimento fundamental com o fim de receber quaesquer conhecimentos; e o professor que, ao ensinar esta lição, não tiver consciência de disciplinar a mente nesta fórmula fundamental e universal de actividade, ainda não se elevou ao nível do ponto de vista educativo donde se originam direcção e inspiração. (ARNOLD THOMPCKINS *In REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 7, p.95-96).

A disciplina aqui não cabe apenas ao aluno, mas também ao professor, concebido pela *Revista Escolar* (1925-1927) e, em especial, pela seção de *Methodologia* como um dos maiores e melhores modelos do adulto de conduta moral e faculdades intelectuais corretas.

Essa disciplina seria dada pelo domínio próprio e pelo interesse no conhecimento daquilo que traria crescimento à alma e mente do aluno. Esses princípios estariam sendo transmitidos aos alunos sobre o mesmo princípio das pirâmides, já que as diversas traduções realizadas dentro da seção *Methodologia*, em diversos números da *Revista Escolar* (1925-1927), são continuação de um mesmo texto que fora fragmentado:

Ora, essa sensação intellectual despertada por meio desse objeto poderá parecer coisa insignificante; mas lembremo-nos de que todas as vezes que uma sensação intellectual fôr despertada, o alumno tornar-se-á tanto mais apto a subir do mesquinho nivel do prazer sensual a uma atmosfera mais pura da vida espiritual; á vista de idéas puras. Na verdade um grande problema para o professor é o de afastar a influencia de certas sensações proporcionando assim, liberdade a vida espiritual mais elevada; e um poderoso meio para este fim é o despertar da emoção intellectual por meio de lições taes as que possam sêr dadas na *pyramide*. O professor deve de tal maneira guiar o alumno, que elle encontre o seu maior prazer no habito do raciocinio. Para este fim, todos os objectos devem ser apresentados de maneira tal a fazel-o experimentar essa alegria (ARNOLD THOMPCKINS IN *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 8, p.74-75)

Nesse fragmento, percebe-se a ideia de que o prazer pelo conhecimento deveria ser colocado ao aluno como algo que poderia lhe trazer maior prazer e maiores benefícios que o próprio prazer sexual, pois o saber seria um valor capaz de proporcionar um prazer eterno que sempre poderia alimentar a sua alma.

As atitudes do professor, além das lições por ele ensinadas, transmitiriam ao aluno a capacidade de exercer o domínio próprio e a vontade de exercer, de forma digna e excelente, a sua função na sociedade:

O verdadeiro professor idealizou uma nórma de character a que deve chegar o alumno sob sua direcção; e quando sente a realização atraves do seu ensino, elle experimenta aquelle arrebatamento que sempre acompanha a realizações de ideaes.

O professor assim é reflectido no seu trabalho, do mesmo modo que o alumno é reflectido na *pyramide*. Elle assim gasta não só o seu tempo, mas a sua vida no trabalho; pode viver nele e não simplesmente dele (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 9, p.73).

Nesse excerto, entende-se que o professor, como um sacerdote, deveria viver *para* o exercício de sua função e não apenas *dela*, pelo fato de acreditar-se que o professorado não era uma carreira profissional e sim um dom. Aqueles que decidissem por ensinar teriam em si a vocação do ensino. Esse professor, dotado de tal vocação, só poderia exercer bem sua função caso a recebesse como sendo esta um sacerdócio para o qual ele estaria disposto a utilizar seu tempo e vontade em prol do conhecimento e da sua disseminação deste entre os alunos:

O professor só está preparado para ensinar esta lição, quando elle veja claramente e sinta inteiramente a significação universal na direcção da verdade e virtude. A lição é cheia de influencia para o bem, si a mente infantil estiver natural e plenamente disciplinada, no assumpto em consideração, si toda a alma, intellecto, sensibilidade e vontade estiverem no

exercício (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 10, p.92).

Logo, o professor deveria ser disciplinado dentro dos princípios morais e éticos para poder, dessa forma, levar seus alunos a entendê-los de forma clara. Ele precisava, também, ser afeito às descobertas intelectuais e científicas para transmitir o valor do conhecimento intelectual a esses alunos.

Por ser a função do professor uma vocação, ele deveria exercê-la com responsabilidade e afinco, empregando, inclusive, o seu tempo para preparar suas aulas e se preparar para ministrá-las, como se nota no excerto a seguir:

Si o professor tiver vinte lições diárias, devendo gastar muitas horas no preparo dessas lições, pouco tempo lhe restará para as suas obrigações sociaes e leitura geral. Mas, isso não é argumento razoavel contra a idéa de se preparar as lições; pois os ideaes não devem sêr abandonados por não poderem sêr realizados. Si assim fôsse, o que aconteceria com os ideaes do character? Pode sêr demonstrado facilmente que um tal preparo é o unico emprego econômico do tempo, e que a recompensa é proporcional ao trabalho.

Esse trabalho identifica o professor com a lição, e esse dirige-se á classe com agradável esperança da realização de um ideal que será o resultado do seu trabalho cuidadosamente planejado (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 11, p.77).

Essa noção de emprego do tempo na função e na vida do professor vem das relações capitalistas, que preconizam o tempo como moeda de valor e de troca e, em assim sendo, o tempo seria algo que deveria ser sempre bem empregado, para poder render em função do trabalho, do consumo e do lazer (THOMPSON, 2002).

Arnold Thompkins ainda descreve nos seus artigos que esse emprego do tempo do professor para preparar as suas aulas seria utilizado não como um tempo do professor, mas sim um tempo disponibilizado para procurar atender as necessidades dos alunos, observadas durante as aulas, uma vez que o foco tanto do professor quanto da escola seria a formação do aluno:

Devemos, portanto, esperar que o preparo fundamental de qualquer lição se extenda de qualquer modo a todas as outras lições. O professor que se esquivar de tal preparo, gastará muito mais tempo no mesmo curso de trabalho. O unico uso econômico do tempo é fazer as coisas fundamentalmente correctas.

Mas não é a vantagem do professor e sim a do alumno que nos interessa (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1925, N.º 12, p.74).

O fato de a *Revista* colocar o aluno e a sua educação como foco a partir de práticas sob-responsabilidade do professor, ou seja, como preparar as aulas a serem ministradas, acaba por disciplinar o tempo livre, o tempo de trabalho e de outras atividades do professor.

Seguindo nessa direção, a *Revista Escolar* (1925-1927) N° 13 traz o que é entendido por Arnold Thompkins como sendo o grande benefício da educação:

Qual será pois este mais alto benefício da educação?

Pondo de lado os falsos objectivos da vaidade, taes como cultura para as ródas sociaes, preparo para sustentar posições de honra e renome, e a celebridade que resulta da méra exhibição de saber, o esforço educativo caminha por duas principaes e dignas veredas: uma em direcção ao bem-estar physico do homem, e outra na direcção do seu bem-estar moral. O homem tem na vida, dois alvos: felicidade animal e valor espiritual. Portanto, a educação deve seguir estas duas direcções. ‘E o objectivo pratico reunido ao objectivo da cultura: liberdade physica contra liberdade espiritual.

A respeito desses dois propositos do ensino, sómente uma insignificante minoria concede o logar mais elevado ao desenvolvimento espiritual; a grande maioria sustenta que a educação é um meio de subsistencia, quer no mundo comercial, quer no profissional. Enquanto nossa filosofia da vida considerar a prosperidade como a maior bençãam, nossa attitude fundamental na educação deve sêr, procurar de preferênciam um bem estar exterior. Qualquer que seja a cultura transmitida pelos conhecimentos e pela disciplina, será em benefício da alma assim educada (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, 1926, N.º 13, p.64).

Seria então a educação o maior bem que o homem poderia vir a adquirir, vindos dela todos os demais frutos bons, todos obtidos a partir de preceitos físicos, morais e intelectuais, educados em prol da disciplina para o trabalho e a cidadania.

A esse respeito, o autor acrescenta que “Cada nação introduz em seu pensamento educativo aquillo que é predominante em sua vida” (ARNOLD THOMPCKINS *apud REVISTA ESCOLAR*, 1926, N.º 14, p.80), o saber do brasileiro teria que ser algo que beneficiasse tanto seu lado físico quanto espiritual, tornando-o um cidadão honrado:

Uma vez que a educação é tanto um bem physico como espiritual, ha dois fins a serem attingidos pelo mesmo processo. Isso não póde sêr conseguido se os fins forem antagonicos; mas sim quando um for superior ao outro; – si o mais fundamental for attingido, o outro será realizado. A controversia entre educação industrial e cultural encontra opposição entre os fins procurados. Mas não ha esta opposição; ao contrário, existe harmonia indispensavel. Concentrando o esforço no objecto fundamental, o outro será efficaizmente alcançado; e muito mais efficaizmente do que si o objectivo inferior fosse o directamente procurado. Si as necessidades da alma forem satisfeitas, os fins utilitarios da vida serão muito mais certa e verdadeiramente realizados do que se esses forem directamente procurados. Si, no ato de educar, o professor conservar firme na sua consciencia, o desenvolvimento espiritual

da criança e guial-a por ahi, fará o melhor possível para que ella seja bem sucedida na vida (ARNOLD THOMPCKINS *In REVISTA ESCOLAR*, 1926, N.º 14, p.81).

Evidencia-se, aí, que, estaria a cargo do professor zelar pelo cuidado moral, espiritual e físico da criança para que ela pudesse alcançar um bom desenvolvimento futuro enquanto cidadão capaz de trabalhar e constituir uma família, de forma a contribuir para o crescimento do país.

Em especial, o corpo físico seria, para a Arnold Thompkins e para os editores da *Revista Escolar* (1925-1927), o espelho da alma, o qual demonstra o interior do ser que a carrega e a alimenta dia a dia:

Até onde se estende, a vida physica é um modelo apropriado da vida espiritual; predil-a; é a profecia duma vida mais elevada. O desenvolvimento espiritual também é uma série de evoluções desde o ideal até á sua realização; e, ainda, a alma tem em si mesma. Desenvolvimento espiritual é um processo de evolução sobre a força innata da própria alma. Como no mundo physico, o possível impelle o real e desloca-o com uma phase de existencia mais elevada. A vida espiritual é uma luta, um impulso á realização propria. Não há alma que seja impellida pelo instincto do seu destino; é a sua própria profecia e o seu proprio desempenho (ARNOLD THOMPCKINS *In REVISTA ESCOLAR*, 1926, N.º 14, p.85).

Um corpo físico e moralmente saudável e escolarizado demonstraria uma alma saudável e educada. Essa educação física e moral estiveram presentes de forma bastante constante nas publicações da *Revista Escolar* (1925-1927), principalmente, entre os anos de 1926 e 1927.

Outra lição a ser passada para os alunos estaria relacionada a alcançar os bens materiais que se deseja ou mesmo ensiná-lo a almejar uma maior visibilidade social por meio de maior nível de conhecimento e instrução, os quais só poderiam ser adquiridos mediante muito esforço e dedicação:

O homem póde ter claramente ante si um nobre ideal e póde estar vivamente alerta á sua influência, e ainda assim não chegar alegremente ás estrellas. Elle está dolorosamente consciente dum obstaculo contra o qual precisa lutar com todas as forças, para vencer.

Isso requer a acção vigorosa do terceiro poder da alma, a vontade.

A não sêr que o braço forte da resolução extenda-se e defenda o ideal contra todos os revezes da vida, em vão terá o intellecto creado o ideal, e a sensação de valor será dissipada no ar. A função organica dos tres poderes da alma no processo vital aparece agora. O intellecto objectiva-se a si mesmo – criar o caracter que ainda está por se formar e oppõem-se ao sêr actual – as emoções respondem com uma sensação de interesse ao ideal que foi levantado – uma sensação de união entre o sêr presente e o ideal à medida que a vontade

activamente se apodera do ideal e unifica o sêr actual com o ideal apresentado. A ultima actividade – o esforço de apegar-se ao valor real da alma contra as forças que tendem a degradar a vida – é a actividade predominante na consciência, e transforma a vida naquilo que imediatamente sentimos que a vida é um esforço consciente de realizar algum bem ainda não atingido (ARNOLD THOMPCKINS IN *REVISTA ESCOLAR*, N.º 16, p.84).

O esforço, a dedicação e a instrução educacional seriam a porta de entrada para uma posição de maior respeito dentro da sociedade paulista. Essa instrução previa que a pessoa fosse letrada, moralmente correta, soubesse respeitar a ordem de cada local (espaço) determinado (casa, rua, igreja, café, cinema, biblioteca, etc) e tivesse o corpo livre de doenças, o que contribuiria para a não infestação da população local.

Essa educação que caberia a qualquer espaço estaria atrelada também ao seu domínio próprio:

O homem luta com objectos exteriores – com a natureza para domínio sobre as suas forças; com o seu semelhante no arbitro final da espada; mas a sua real, sublime, heroica luta de vida e morte é com o seu dominio subjectivo (ARNOLD THOMPCKINS IN *REVISTA ESCOLAR*, N.º 17, p.69).

O domínio próprio previa que a pessoa soubesse dissimular seus anseios, desejos e pretensões pelo respeito e bem comum. Sendo assim, a fome, a sede, as necessidades de evacuar ou urinar, os desejos sexuais, a intenção de despir-se ou descalçar-se, a ira, dentre outros tantos exemplos, deveriam ser contidos dentro de cada pessoa em favor de uma boa convivência em sociedade.

A pessoa que alcançasse um bom domínio próprio alcançaria também o respeito. Dessa forma, a mensagem que é disseminada pela *Revista Escolar* (1925-1927) passa a ser também pautada no domínio dos desejos humanos e no esforço por alcançar aquilo que se pretende:

O mancebo não precisa simplesmente tratar de resistir áquillo que o ataca, mas revestir-se de energia para enfrentar os mais altos direitos que a vida tem sobre si. A vida não é simplesmente a ausencia da pratica do mal; ella é esforço nobre (ARNOLD THOMPCKINS IN *REVISTA ESCOLAR*, N.º 18, p.76).

Assim, o homem deverá, constantemente, lutar contra o mal que deseja praticar, logo, o autocontrole ou o domínio próprio, serão suas prevenções contra os seus próprios desejos maus.

A vida nos centros urbanos previa tais regras de convívio social e estas deveriam ser transmitidas tanto às crianças quanto aos adultos. Tendo esses preceitos introjetados, as relações de trabalho, lazer e utilização dos tempos e espaços urbanos seriam compartilhadas de forma mais natural, visto que passariam a fazer parte da cultura das pessoas pertencentes àquele local:

A vida physica exterior do homem é infinitamente mais variadas, mas complicada e extensa do que dos animaes inferiores. Elle possui sem comparação um alto grau de liberdade physica. Auxiliado pelo pensamento, elle multiplica seu poder physico natural para sobrepujar a pressão do meio material em que vive, arrebatando-o para seu serviço. Seu poder de locomoção tem-se augmentado vinte vezes, e toda a fadiga é removida. Pela invenção e applicação das múltiplas formas da alavanca, a força do braço na luta contra as forças da natureza, agmentou-se admiravelmente, em poder e variedade de applicações. A extensão de alcance da voz está naturalmente limitada a alguns passos; por meio do telegrapho e do telephone, o homem communica-se com o mundo civilizado. O microscópio e o telescópio vieram em auxilio da visão limitada, trazendo á luz os milagres dos mundos occultos. As maravilhas effectuadas por machinismo que economizam trabalho, assegurando ao homem os requisitos mais necessários á vida – alimento, roupa e tecto – bastam apenas sêr mencionadas.

Tudo isso constitúe a civilização; pelo que entende-se o grau da liberdade physica que o homem conseguiu por meio de suas artes, de suas invenções, de suas industrias (ARNOLD THOMPCKINS in *REVISTA ESCOLAR*, N.º 19, p.65-66).

Por fim, evidencia-se que, de acordo com os textos veiculados pela *Revista Escolar*, as novidades tecnológicas, assim como as regras de convívio e a educação dos corpos deveriam fazer parte da nova cultura prevista e construída no coração de São Paulo e na vida do homem urbano paulista da década de 1920.

Após termos apresentado nossas considerações acerca dos textos analisados no periódico objeto desta pesquisa, não poderíamos deixar de mencionar que com o falecimento do governador Carlos de Campos, no mês de abril de 1927 a *Revista Escolar* – que já recebera uma nova diagramação no início desse mesmo ano, o que anunciava uma modificação na sua direção e condução – cede o lugar das linhas curvas de suas publicações anteriores a linhas mais retas que dariam indícios de uma forma de ensino mais moderna, prática e eficaz.

Passados quatro meses do falecimento de Carlos de Campos,

A Sociedade de Educação, em sessão extraordinária de 27 de agosto de 1927, a qual tinha por pauta discutir e eleger uma comissão para elaborar a nova revista social da entidade, decidiu estudar a proposta de efetuar uma fusão com a revista da Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo. Naquela ocasião, a revista da Diretoria Geral ainda era a **Revista Escolar**,

mas, provavelmente, a mudança para uma outra já estava sendo estudada. A comissão representante da Sociedade para elaboração do novo periódico era constituída por Amadeu Mendes, Sampaio Dória, Carlos da Silveira, Roldão Lopes de Barros e Lourenço Filho. É interessante notar a presença de Amadeu Mendes nesta reunião da Sociedade de Educação, sendo ele Diretor da Instrução (NERY, 2001, p.14-15).

Assim, em setembro desse mesmo ano (1927), a seção da *Revista Escolar* (1925-1927) intitulada *Notícia*, a qual tratava dos assuntos referentes às questões de ordem educacional, anunciou a saída de Pedro Voss do cargo de Diretor da Instrução Pública do Estado de São Paulo para a realização de cursos no interior e, em seu lugar, assumiu Amadeu Mendes, que no mês seguinte (1º de outubro de 1927) lançou a publicação da revista *Educação*:

[...] por influência de Amadeu Mendes, o novo Diretor-Geral da Instrução Pública, fez-se a fusão da revista oficial do Estado com a publicação da Sociedade de Educação. Segundo o mesmo prof. Silveira, essa aliança que deu origem à *Educação*, significou a vitória do grupo dos modernistas extremados, que transformaram a Revista em um órgão de cultura bastante elevado' e, por isso, desagradou o professorado primário e desencadeou um movimento contrário à revista liderado pelos partidários da maneira tradicional' (MORAES, 2003, p. 340-341).

Era o fim da *Revista Escolar* (1925-1927).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante - assume a forma de um sistema (THOMPSON, 1998 *apud* TABORDA, 2008, p. 152).

Para tecer as considerações finais de nossa pesquisa, é importante retomar os objetivos que a nortearam. O primeiro objetivo foi rastrear as visões de mundo e tensões presentes na *Revista Escolar*, no transcorrer do período de 1925-1927; o segundo foi analisar as concepções de educação do corpo presentes principalmente na seção Metodologia, na relação com tais visões e tensões.

A *Revista Escolar* (1925-1927), como pontuamos anteriormente, teve uma pequena duração de três anos e com 33 exemplares publicados, no período que se estendeu de janeiro de 1925 a setembro de 1927, pela Diretoria de Instrução Pública do Estado de São Paulo, órgão pertencente à Secretaria do Interior.

Por se tratar de um periódico oficial pertencente a uma repartição da Secretaria do interior do estado de São Paulo, a *Revista Escolar* (1925-1927) pode ser considerada um periódico que certamente tenha contribuído para a formação dos professores no período de sua vigência.

Os trabalhos práticos descritos em suas matérias instruíam os professores na escolha de temas, de métodos, de leituras e materiais didáticos para desenvolverem seu trabalho com os alunos. Ao pesquisarmos e analisarmos a *Revista Escolar* (1925-1927), nos vimos frente a um veículo não só de divulgação de informações, mas também um veículo de formação do professor e, por conseguinte, de seus alunos e familiares, considerando-se uma determinada concepção de corpo que preconizava o trabalho como virtude e a higiene como prática civilizada e moderna.

Em nossa pesquisa, cujo objeto de análise foi esse periódico pedagógico oficial, pudemos observar um determinado ideal de educação do corpo preconizado para garantir a formação de um cidadão republicano, a partir da tentativa de uniformização do ensino primário paulista.

A partir da nossa leitura e análise dos exemplares da *Revista Escolar* (1925-1927), pudemos perceber que ela, ao propor a uniformização da educação no estado de São Paulo propunha também um ideal de corpo e de postura (educação) para os alunos e professores do ensino público, em especial do ensino primário, tendo por foco principal as crianças.

Dessa forma, decidimos atentar para a seção *Methodologia* publicada durante os dois primeiros anos de existência da *Revista*. Nessa seção, constatamos que as questões referentes à formação de professor estavam intimamente ligadas à formação de um ideal de cidadão e de cultura pela disseminação de valores morais, cívicos e disciplinares, apresentados nos diversos artigos de Arnold Thompkins traduzidos pela *Revista*, bem como em diversos outros textos, em prosa e em verso.

Esses textos denotavam que um cidadão ideal deveria ser formado para atender ao chamado da nova ordem e racionalidade, surgida entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, a partir da República, já que ele precisava ter o corpo e a moral em conformidade com os novos tempos. Nesse caso, deveria ser um corpo saudável e pronto para o trabalho, para defender o seu país e trabalhar para o seu crescimento interno e sua visibilidade externa, não afeita a jogos, bebedeiras e outras atitudes boêmias e próximas da vadiagem, que o desviassem dos propósitos de ser um cidadão habilidoso, responsável e confiável.

Outro aspecto evidenciado com a pesquisa é a constatação de que, segundo os preceitos contidos na *Revista*, um cidadão habilidoso saberia colocar seu corpo no trabalho evitando erros, o que impediria a perda de matérias-primas ou máquinas, além de garantir um serviço impecável. O trabalhar bem estaria para além das vontades desse trabalhador que teria como principal objetivo mostrar-se capaz de produzir em grande quantidade e de forma rápida utilizando toda a potencialidade produtiva, tanto da máquina quanto do seu corpo.

Um cidadão responsável garantiria a pontualidade de entrada para o trabalho, a unidade familiar (situação que impediria homens e mulheres de seguirem por caminhos boêmios que tirariam suas noites de sono e dificultariam o abrir dos olhos pela manhã), além de conceber que a educação das próximas gerações (filhos, netos, e assim por diante) devesse seguir nesse mesmo sentido. Seria o cultivar de uma nova nação que, regada de civismo, cresceria em seu nacionalismo para não mais desejar o retorno à terra natal, mas sim o permanecer em suas terras, sua pátria amada, o Brasil.

Também a habilidade e a responsabilidade seriam as características de um cidadão confiável. Um cidadão que teria seu corpo e atitudes cerceadas e moldadas pelos espaços e tempos urbanos dentro de uma racionalidade fabril. Tal educação e racionalidade seriam

transmitidas através das suas famílias e das escolas. Esses ensinamentos, fossem eles passados pelos laços paternos ou institucionais, levariam à criação de uma nação brasileira e ao desenvolvimento do país.

Entendemos, por fim, que a *Revista Escolar* (1925-1927) disseminou por suas páginas as visões de mundo de uma elite letrada para ela própria na tentativa de disseminar entre a massa populacional, por meio da formação de professores, seus ideais de educação, ordem, progresso, civismo e patriotismo. Além disso, no que tange à pesquisa em si, foi possível notar que a mesma reafirmou as potencialidades que as análises de periódicos, suscitam enquanto fontes primárias capazes de oferecer subsídios importantes para a história da educação, sobretudo no que diz respeito à educação do corpo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889)**. 2ed. São Paulo: EDUC, 2000, p. 53 – 98.

ARANTES, Adlene Silva. Colônia Orfanológica Isabel: uma escola para negros, índios e brancos (Pernambuco 1874-1889). **Revista Brasileira de História da Educação**, N.º 20, p.105-136, Mai/Ago, 2009.

BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter (tradução de Flávio R. Kothe) **Poesia e proletariado: ruínas e rumos da história**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1985, p.44-122.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história (ou o ofício do historiador)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. **O corpo e as sensibilidades modernas: Bragança (1900-1920)**. Tese (doutorado em educação). 2007. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP. 2007.

_____. A história da educação: a cidade, a arquitetura escolar e o corpo. **Revista CEOM**, Chapecó: Argos, 2008.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARVALHO, Maria Marta Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. Impressos e circulação de modelos pedagógicos: a difusão da pedagogia de Francis Parker na imprensa educacional paulista. **Circuito e fronteiras da História da Educação no Brasil**. Cuiabá – MT: Universidade Federal do Mato Grosso, 20 a 23 de maio de 2013. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/IMPRESSOS%20E%20CIRCULACAO%20DE%20MODELOS%20PEDAGOGICOS.pdf>. Acesso em 22/10/2013.

_____. A caixa de utensílios e o tratado: modelos pedagógicos, manuais de pedagogia e práticas de leitura de professores. In: Congresso Brasileiro De História Da Educação, 2006, Goiânia. **Anais do congresso “A educação e seus sujeitos na história”**. Goiânia: UCG, 2006.

_____. O entusiasmo pela educação na cidade invadida pela fábrica. In: CARVALHO, Maria Marta Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998, p. 133-210.

_____. A Reforma Sampaio Dória, política e pedagogia: problematizando uma tradição interpretativa. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Goncalves; ARAUJO, Jose Carlos de Souza (Orgs). **Reformas Educacionais: as manifestações da Escola Nova no**

Brasil (1920-1946). Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p. 5-30. (Coleção memória da educação).

CASTRO, Rosane Michelli de. A história da educação em São Paulo: a instrução pública dada a ler nos Anuários do ensino do Estado de São Paulo – 1907-1927. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas-SP, v. 12, Nº 2 (29), p. 209-238, Mai/Ago, 2012.

CATANI, Denise Barbara. A imprensa periódica educacional: a Revista de Ensino e o ensino do campo educacional. **Revista Educação e Filosofia**. v. 10. Nº 20, p. 115-130, Jul/Dez, 1996.

CRUZ, Heloisa de Faria. **São Paulo em papel e tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. Arquivo do Estado de São Paulo. Imprensa Oficial SP. São Paulo: EDUC, 2000.

DARRÓZ, Lis Amanda; SCHELBAUER, Anaete Regina. A trajetória do método analítico para o ensino da leitura no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**. Nº 25, Campinas, p.75-85. Março, 2007. http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/25/art07_25.pdf Acesso em 22/12/2013.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Prefácio: hermenêutica e narrativa. In: SEVCENKO, Nicolau. **O Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. xi-xxiii.

FARGE, Arlette. **La atracción del archivo**. Estudos Universitários. v. 44. Edicion Alfons el Magnánim. SP: Institució Valenciana D'Estudis I Investigació, 1991, p. 7-39 e p. 89-93.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 14, p. 19-34, Mai/Jul/Ago, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FIGUEIREDO, Candido. **Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa/Portugal-Brasil: Sociedade Editora Arthur Brandão & C.a. s/d. Prefação deatada de 31-III-924 (31/03/1924).

FRANCESCHI, Marcelo Teixeira. **Grupo Escolar José Guilherme**: uma história em três atos – Bragança (1910 – 1944). 2013. 180p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2013.

FERNANDES, Fabiana Silva; KUHLMANN JR, Moisés. Análise de periódicos na história da educação: princípios e procedimentos. **Caderno de Pesquisa**. V. 42, Nº 145, p. 562-585, Maio/Agosto, 2012.

FONSECA, Tais Nívia de Lima e. História da educação e história cultural. In: FONSECA, Tais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 49-76.

FOUCAULT, Michael. **Do Governo dos Vivos**. Curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. (tradução de Raquel Ramallete). 20ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAMILTON, David. Notas de lugar nenhum: sobre os primórdios da escolarização moderna. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, n. 1, 2001. p. 47-73.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **História da educação brasileira: Leituras**. São Paulo, Cengage Learning, 2011.

_____. **O Aparecimento da Escola Moderna: uma história ilustrada**. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2006. p. 157-233.

HOBSBAWN, Eric. A Volta da Narrativa. In: HOBSBAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 201-206.

_____. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2008. p. 9-23.

HUIZINGA, Johann. **Homo Ludens**. 4. ed. . Perspectiva: São Paulo, 2000.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **O Pedagogium: sua criação e finalidade**. Texto cedido pelo autor em outubro/2012. No prelo.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento e Memória. In: **História e memória**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PYNISKY, Carla Bassanezzi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 111-153.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Santos: para além do porto do café. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra Jatay (Orgs). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 235-253.

MEDEIROS, Daniel Amaro Cirino de. **O Grupo Escolar Dr. Jorge Tibiriçá: das escolas isoladas à escola idolatrada (1890 – 1910)**. 2013. 98p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade São Francisco, Itatiba, 2013.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 1ª Impr. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX: a biblioteca do povo e das escolas. **Horizontes**, Bragança Paulista, SP: EDUSF, v. 19, p. 11-27, jan./dez.2001.

NERY, Ana Clara Bortoleto. (In)formando, divulgando e educando: uma década de imprensa periódica em São Paulo. **Anais do V Seminário Internacional de Estudo e Pesquisa HISTEDBR**. UNICAMP. Campinas, SP: Agosto, 2001.

_____. **A Revista Escolar e o movimento de renovação em São Paulo (1925 – 1927)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP: UFSCAR, 1993.

PACIEVITCH, Tais. Maria Montessori. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/maria-montessori/>>. Acesso em agosto/2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lucia (Org). **Corpo e história**.. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2001. p. 3-23. (Coleção Educação Contemporânea).

PERDOMO, Aloísio Viane Paiva. **A GINÁSTICA NO BRASIL: percurso histórico no currículo escolar**. 2011. 42p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas – SP: Mercado de Letras; São Paulo, FAPESP, 2003.

SCHELBAUER, Analete Regina. Das normas prescritas às práticas escolares: a escola primária paulista no final do século XIX. In: GONÇALVES NETO, Wenceslau; MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; FERREIRA NETO, Amarílio. **Práticas escolares e processos educativos: currículo, disciplinas e instituições escolares (século XIX e XX)**. Vitória, ES: EDUSFES, 2011. (Coleção horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil).

SEVCENKO, Nicolau. **O Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1924)**. Campinas, SP: Associado de Autores, 2011.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física Raízes Europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. O preto no branco: a trajetória de escritor de Luiz Gama. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação**. EDUSP: Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001. p. 97-115.

SOUZA, Rosa Fátima de.; VALDEMARIN, Vera; ALMEIDA, Jane Soares. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara, SP: UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 1998.

TABORDA, Marcos Aurélio. O pensamento de Edward Palmer Thompson como programa para a pesquisa em história da educação: culturas escolares, currículo e educação do corpo. **Revista de História da Educação**. V. 8, Nº 1, [16], p. 147-169, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. Folclore, Antropologia e História Social. In: THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2001. p. 227 - 267.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2002. p. 267-304.

VAGO, Tarcísio Mauro. Educação física na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1935): organizar o ensino, formar o professorado. **Revista Brasileira de História da Educação**. Nº 11, p. 101-134, Jan/Jun, 2006.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. Tradução de Alfredo Veiga-Neto.

VEIGA, Cynthia Greive. **Cidadania e Educação na Trama da Cidade**: a construção de Belo Horizonte em fins do Século XIX. Bragança Paulista, SP: Editora da Universidade São Francisco, 2002. (Coleção Estudos CDAPH).

VIDAL, Diana Gonçalves. A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX uma primeira aproximação. In: FARIA FILHO, Luciano M. de. **Educação, modernidade e civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. FARIA Filho, Luciano Mendes. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, Nº 45, p. 37-70, 2003.

_____. O inquérito sobre a instrução pública (1926) e as disputas em torno da educação em São Paulo. In: MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza. **Reformas educacionais**: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920-1946), Campinas, SP: Editora Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2011, p. 99-120. (Coleção memória da educação).

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, Nº 33, p. 7-47, jun/2001.

XAVIER, Libânia. Matrizes Interpretativas da história da educação no Brasil republicano. In: XAVIER, Libânea; TAMBARA, Elomar; PINHEIROS, Antonio Carlos Ferreira (Orgs). **História da educação no Brasil**: Matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. v. 5. Vitória, ES: EDUFES, 2011, p. 19-43. (Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil).

Fontes Primárias

Revista Escolar. Orgam da Directoria da Instrucção Publica. Publicação Mensal. São Paulo, SP. Brasil, 1925 – 1927. **Disponíveis em:** ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.arqui voestado.sp.gov.br>>. Acesso em: 26 dez. 2012; Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH).

Pelo Mundo. Anno I, Número 3, Abril, 1922.